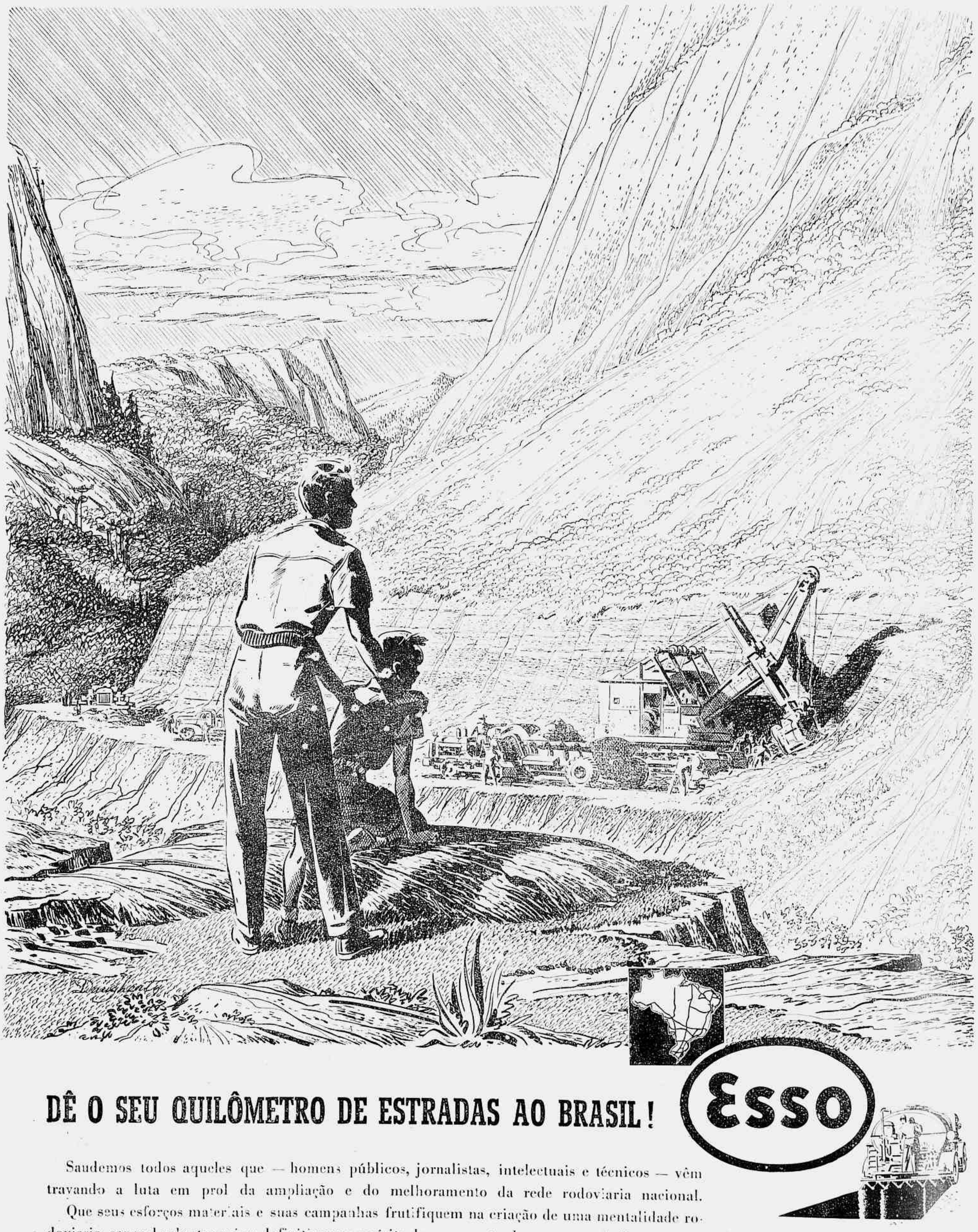
REVISTA DA SEMANA

N.º 50 — 11-12-48

Cr$ 3.00 em todo o Brasil

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL



DÊ O SEU QUILÔMETRO DE ESTRADAS AO BRASIL!

Esso

Saudemos todos aqueles que — homens públicos, jornalistas, intelectuais e técnicos — vêm travando a luta em prol da ampliação e do melhoramento da rede rodoviaria nacional.

Que seus esforços materiais e suas campanhas frutifiquem na criação de uma mentalidade rodoviaria, capaz de plantar raizes definitivas no espirito do povo e estradas perenes pelo Brasil afora!

Este "país de imensas distancias" precisa de estradas pavimentadas e permanentes. Que cada cidadão auxilie a construí-las. A Standard Oil tem prestado e continuará a prestar a mais constante assistencia, por intermedio do seu Departamento de Asfalto, para a pavimentação de rodovias definitivas.

As estradas esfaltadas são a [illegible] e técnicas das estradas bem [illegible] melhoradas. De [illegible] cartão [illegible] ão do Plano Rodoviario Nacional

*

Trabalhando com Esso.
Brasil afora.

★ STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL ★

TODA PERGUNTA TEM RESPOSTA...

O QUE pode contar de sua vida uma jovem pobre, com dezoito anos? Creio que nada interessante. Nasci numa estância enorme no município de Santiago do Boqueirão, famoso pela coragem de sua gente. Lá não se leva desaforos para casa, ou por outra, não se levava. Agora o pessoal está mais sossegado. Mas não cheguei a sentir o "gostinho" de minha terra natal, pois com um ano e mês vim para Santana, onde vivi até hoje. Nasci no dia 1º de outubro de 1929, sob uma tempestade medonha como há muito não se via igual. Prenúncio de alguma coisa? Não sei. Até hoje não houve nada em minha vida que justificasse a recepção que a Natureza me fez, com todos aquêles raios e trovões.

Minha infância foi um pouco diferente da de todas as meninas: eu não sabia brincar com bonecas. Fui criada tendo por companheiro o meu irmão José, um ano mais velho que eu, e dessa nossa amizade surgiu a minha mentalidade diferente das outras. José ensinou-me a jogar pedras com bodoque, a subir em árvores, a fazer as provas mais arriscadas numa barra-fixa que tínhamos no quintal. Dessa época não recordo outro chôro que não fosse o motivado pelos meus tombos diários. Vivia rolando a escada de casa, caindo das árvores, comendo frutas verdes quando mamãe se descuidava e, conseqüentemente, apanhando para não repetir a proeza.

Nunca tive paciência para embalar uma boneca. Preferia jogar futebol na rua com toda a gurizada da redondeza, brincar de mocinho no pátio de casa ou então subir pelos galhos das velhas ameixeras até bem lá em cima, quando êles começavam a vergar. Passava o dia inteiro no quintal até levar o clássico tombo quotidiano e entrar em casa aos prantos para ter uma entrevista com a primeira chinela que mamãe encontrasse à mão.

Aprendi a ler sozinha, aos quatro anos, unicamente porque meu irmão achava incômodo explicar-me todas as frases dos filmes de Buck Jones. Uma de minhas irmãs arranjou-me um Primeiro Livro e desde então eu assistia "de camarote" às aulas que mamãe dava ao José. Quando me dei por satisfeita larguei o livro de leitura e comecei um "Histórias da Carochinha", ainda soletrando. Aos sete e oito anos estava cansada de livros de fadas, aos nove lera a coleção de Delly. Um dos dias mais felizes de minha infância foi quando, chegando da aula, encontrei um armário cheio de livros de papai: toda a coleção de Júlio Verne (comprados ainda naquela época em que cada volume custava quinhentos réis), a História da França, o Gil Braz de Santilhana, a História Universal de Cesar Cantú, e mais a Biblioteca Internacional de Obras Célebres, livros que até hoje me acompanham e que eu leio com o mesmo prazer de outrora.

Aos onze anos fui para o Colégio Centenário, em Santa Maria, onde cursei os dois primeiros anos do Ginásio. Gostava de lá, do colégio, daqueles cerros enormes que rodeiam a cidade e onde o vento cai e arrodeia semanas a fio, levantando o teto das casas. Foi quando comecei a escrever coisas horríveis, mas logo desisti. Nem eu mesma podia ler duas vêzes o que escrevia. Aos treze, já estudando em Santana, recomecei as histórias. Continuavam horríveis. Tentei os versos. Eram mais ou menos (comparados com a prosa), mas dos vinte e tantos sonetos, feitos com a métrica contada nos dedos, não tenho nem um, pois uma professora **confiscou** o meu caderno ao ver que eu fazia rimas em plena aula de português. Nunca mais o vi. No quarto ano ginasial comecei a melhorar, e das crônicas e versos feitos naquela época vários foram publicados, ainda que sinceramente não merecessem. E daí comecei a me levantar.

Foi o Boletim do Centro Gaúcho em São Paulo quem primeiro publicou meus escritos, e minha primeira história dada ao público foi por meio da REVISTA DA SEMANA; por isso não tenho medo nenhum em dizer que quem me fez foi o Boletim e a REVISTA e aos dois eu devo muito. E' bem como se diz: Ninguém é profeta...

Minhas férias eu as passo na estância de uma senhora amiga. São Leandro... uma estância que é um paraíso, com os campos mais ondulados, os poentes mais lindos, as sangas mais gostosas, os melhores bailes e os melhores passeios. Foi lá onde comecei a sentir a atração dos pagos. Daqueles campos que não são meus eu fiz minha **querência** e o cenário de todas minhas histórias. Não havia ansiedade maior que a minha nas vésperas da partida. Como custava a passar aquela noite! Depois... três meses na **querência**, pensando, lendo, escrevendo, dançando rancheiras, assistindo a domas, rodeios, pencas e banhos de gado, onde eu ajudava fechando e abrindo porteiras, pulando por cima do banheiro, arriscando-me a ser atropelada por algum animal que não simpatizasse comigo.

Há dois, quase três, anos colaboro nos jornais de Santana. Iniciei na "Platéia", com um pseudônimo. Era arriscado demais ser apontada pela população inteira como a autora "daquilo" que publicavam quase todos os dias. Durante algum tempo mantive o incógnito e nem mesmo o diretor do jornal ligava o meu nome ao de Tessa. Afrontei a curiosidade de muita gente e é bem provável que tivessem uma decepção quando souberam que era eu a cronista. Da "Platéia" meus escritos saíram a percorrer o Rio Grande, sendo transcritos em jornais de várias cidades, e foi assim que minha gente começou a conhecer-me.

Mais tarde entrei pelo interior de São Paulo, na "Comarca" de Mogi Mirim, com um verso transcrito do Boletim do Centro, e de uns tempos para cá minhas crônicas regionais são publicadas quase diariamente no "Jornal de São Paulo".

Estou no último ano da Normal, porém de minha vida escolar não tenho nada a dizer. Sempre fui "mais ou menos" comportada e "mais ou menos" aplicada. Nunca arranquei exclamações dos lábios dos meus professôres, nos exames orais, mas também nunca êles me deixaram sem resposta.

Gosto muito de escrever e receber cartas; tenho uma lista grande de correspondentes e ficaria alegre se pudesse aumentá-la mais ainda. E' o meu prazer. Não vou a bailes, nem ao cinema, e nem passeio porque não tenho tempo. Contando parece mentira, mas muitas noites fui até as duas da madrugada escrevendo histórias e cartas, porque o dia era muito pequeno e não chegava para quase nada.

Gosto dos versos de Castro Alves, Gonçalves Dias e Olegário Mariano, como gosto de Amado Nervo, Pablo Neruda, e do **Martin Fierro** de José Hernandez. Gosto dos ensinamentos de Confúcio, como de Constancio Vigil naquele seu livro: "El Erial", sua obra-prima.

Neste ano fiz dois programas de rádio. Um de lendas brasileiras e coisas de cada Estado do Brasil: "Minha terra... minha gente..." e outro de histórias minhas: "O meu poncho de retalhos". O primeiro foi muito apreciado (felizmente!); agora, do segundo eu não posso dizer nada. Sou parte suspeita para julgar o que escrevo. Há um velho ditado crioulo que diz: "Quem não gaba o ninho, senão o carancho?". E eu não quero ser o **carancho!**

Tudo isto já está muito longo. Para resumir, sou uma criatura que leva em si um desejo enorme de ser **alguém** e de ser feliz. Não basta?

Da TERESA ALMEIDA — Para a "REVISTA DA SEMANA"

Sumário

VIDA LITERÁRIA
Livros Novos (João Luso) 10
Sílvio Romero 33

BIOGRAFIA
A vida de Sterne (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 34

MÚSICA E RÁDIO
Broadcast (Armando Migueis) 18
Música (Roberto Lyra Filho) 55

REPORTAGENS
Joaquim Murtinho, consciência esclarecida 4/ 8
O teatro francês decepcionou-me 13/16
Uma nova raínha do palco e futura "estrêla" 27/29
Por que ainda se luta na Palestina .. 56/57

CONTOS
A boneca (Alice A. de Carvalho) 42
A pergunta (Dana Burnet — Tradução de Jorge A. Fortes) 30/31
Flor de outono (Lausimar Laos Gomes) 20

AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu (André Max) .. 49

TURISMO
Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) 48

CARICATURA
Bom humor 11

SEÇÕES PERMANENTES
Toda pergunta tem resposta (Teresa Almeida) 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
Atualidades 32
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 44

SUPLEMENTO DA MULHER
Depois das cinco 21
Para gente nova 22
Vestidos ligeiros 24
Blusas — Interiores 25
Chapéus de Hollywood 26
Mães e filhos 35
Detalhes e novidades 36/39
Week-end na cozinha 38
Maillots 39
Sol 40/41

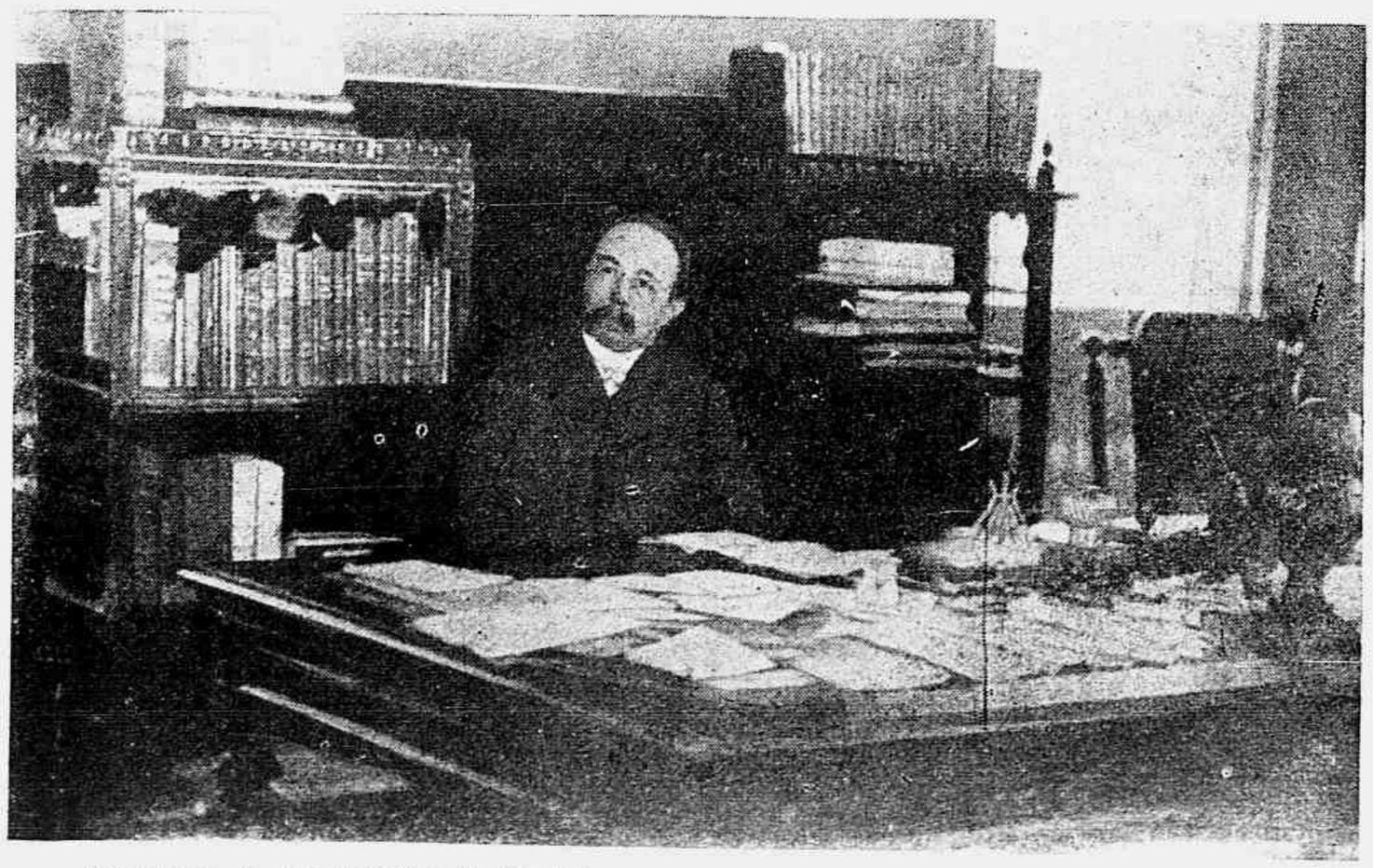
FOLHETIM
Drago 53/54

ILUSTRAÇÕES
Jerônimo Ribeiro
Osvaldo da Cunha
Abelardo Zaluar.

NOSSA CAPA

Ilustra hoje a capa da REVISTA uma linda foto de Deanna Durbin. Figura que dispensa maiores apresentações, Miss Durbin desde o seu aparecimento, em "Três pequenas do barulho", vem continuadamente marcando êxitos sucessivos em sua longa e vitoriosa carreira cinematográfica.

Quatro fases da vida de Joaquim Murtinho. Em tôdas, observa-se o espírito individualista, que mais tarde seria o ponto essencial de sua carreira no cenário político do Brasil



Reprodução de um flagrante de Murtinho sentado à sua mesa de trabalho, em sua residência, cercado de livros e papéis

JOAQUIM MURTINHO

CONSCIÊNCIA ESCLARECIDA!

QUANDO A INFLUÊNCIA DE UMA AMA DE LEITE MOLDA O CARÁTER DE UM HOMEM PÚBLICO

Texto de **ARMANDO MIGUEIS**

O nome de Joaquim Duarte Murtinho, cujo centenário de nascimento será comemorado a 7 de dezembro próximo, está ligado à história das finanças republicanas e à da medicina homeopática. Graças a seus conhecimentos econômicos, foi possível imprimir nova orientação às finanças brasileiras, sem o que o regimem vigente ter-se-ia visto em situação difícil para resistir à influência deixada pela monarquia. Chamado a participar do govêrno de Prudente de Morais, quando na presidência se encontrava o vice-presidente Manuel Vitorino Pereira, coube-lhe ocupar a pasta da Viação e Obras Públicas, na qual se houve com absoluta competência, continuando a dirigi-la mesmo depois de ter o presidente reassumido suas funções. Aliás, de sua gestão nêsse importante setor da administração federal, diz melhor a mensagem do Clube de Engenharia quando sentencia: "Continuai, porém, vós, sr. Ministro inflexível na senda patriótica que tão brilhantemente encetastes, forte pela convicção de que mais vale a unidade de uma consciência esclarecida do que maiorias inconscientes. As leis sociológicas, embora ainda mal compreendidas para uma aplicação conveniente e bem orientada, são indubitàvelmente tão inflexíveis em seus efeitos como as astronômicas e as biológicas; o futuro é, pois, daqueles que como vós, pressentem, com a clarividência de uma inteligência lúcida e bem aparelhada, que se a política precisa ser experimental, não pode todavia ser caprichosa e anárquica".

De seu vastíssimo conhecimento das matérias econômicas e financeiras valeu-se Campos Sales, que o convidou e manteve como único e autônomo ministro da Fazenda. No desempenho dessa importante e espinhosa missão, seu nome cresceu na admiração de seus compatriotas, dado o muito que realizou em benefício de nossa situação econômica. Cumprindo as condições do "funding-loan" em que a honra do Brasil esteve empenhada, restabelecendo o fundo de garantias em ouro, criando o impôsto de consumo, Joaquim Murtinho restaurou o crédito nacional, facilitando à tarefa dos govêrnos posteriores. Através dêsse arrojado empreendimento, tornou-se acatado pelos círculos econômicos e financeiros do país e do estrangeiro, passando a figurar como um grande nome nacional.

Ainda de sua passagem pelo cenário político do Brasil, em que jamais fugiu à disciplina partidária, temos a ressaltar sua destacada atuação no Senado Federal, onde chegou a desempenhar as funções de vice-presidente e membro da Comissão de Finanças. Foi, na qualidade de membro dessa comissão, que discordou do estabelecimento da Caixa de Conversão, por achá-la inconveniente ao regimem republicano. Vendo, porém, seu ponto de vista traído pela maioria, resignou ao cargo, a fim de continuar em sossêgo com a sua consciência. Ainda, aqui, vimos a reconhecer-lhe o mérito de homem que estudava e meditava, o senador Christiano Ottoni, através do discurso pronunciado na sessão de 10 de agôsto de 1893, em que teve a oportunidade de afirmar: "Assomou à tribuna o nobre senador por Mato Grosso e em uma oração vibrante de entusiasmo, resolveu a questão. Os defensores do projeto ficaram reduzidos ao silêncio; não houve aparte nem protesto. O Senado, apenas terminou o discurso do nobre senador, levantou-se em massa, dando-lhe ganho de causa. Triunfou como Cesar: "veni, vidi, vici". Tais palavras, que refletem perfeitamente, extraordinária influência do senador sôbre seus pares, foram ditas a propósito do projeto referente ao arrendamento das estradas de ferro, projeto êsse combatido por Joaquim Murtinho. Político disciplinado, seguindo a linha de Spencer, com quem, aliás, se carteava, manteve-se no Senado até o momento em que a morte o arrebatou do convívio dos vivos. Seu passamento, ocorrido a 19 de novembro de 1911, foi considerado como verdadeiro luto nacional, dados os inestimáveis serviços prestados à Pátria.

A INFLUÊNCIA DE SUA AMA NA SOLIDEZ DE SEU CARÁTER

Joaquim Duarte Murtinho deve, em grande parte, à sua ama de leite, a formação de seu caráter. Ela exerceu invulgar influência no preparo individualista dessa grande figura de nossa História, razão de abrirmos um parêntesis nessa reportagem para contarmos algo a seu respeito.

Chamava-se Maria Isabel da Cruz. Maria por Nossa Senhora e Isabel por ter nascido no dia em que se festeja aquela santa. Era filha de índia com um puro caboclo matogrossense. Aos vinte anos de idade, era um linda cabocla. Não se podia ter escolhido melhor ama de leite para o então recém-nascido Joaquim. Ainda mais, sabendo-se que o dr. José Antônio Murtinho, pai da criança, depois de examiná-la convenientemente, julgou-a o tipo ideal para ama de leite. Confiada que lhe foi a criança, Maria Isabel da Cruz, familiarmente chamada de "Bebé", dedicou-se inteiramente a ela, cuidando-a como se fôsse seu próprio filho. Assim, não lhe foi difícil preparar o espírito do menino Joaquim para os dias futuros, uma vez que era possuidora de um caráter sem jaça. E, segundo contam os que com ela privaram, "Bebé" jamais mentiu. Nem mesmo para encobrir uma insignificante falta cometida por um dos irmãos Murtinho. Ao menor êrro, a punição era certa. E nêsse ambiente de honestidade, começou a se desenvolver uma inteligência que mais tarde prestaria inestimáveis serviços à causa pública.

Maria Isabel da Cruz, pela sua elevadíssima moral, tornou-se a pessoa que tinha autoridade para falar e ser obedecida pelo ilustre homem público. Seus conselhos refletiam-se nos atos do senador, tão apegado se achava o seu caráter ao dessa criatura simples e boa, que aos primeiros vagidos acorreu com seu leite sadio para alimentá-lo. E, era de ver-se com que contentamento os dois passeavam no Parque de Santa Tereza. Ela, trajando o melhor vestido e calçando o melhor sapato. Êle, elogiando sua elegância e solicitando que fizesse um dôce de limão, do qual era apreciador.

Dotada de extraordinário caráter, de absoluta independência e de profunda dedicação, "Bebé", desde os vinte e um anos de idade ligou-se à família Murtinho, criando todos os Murtinho e Murtinho Nobre. Cabe-lhe, portanto, nesta hora em que se preparam as comemorações do centenário de Joaquim Murtinho uma parcela de admiração, uma vez que muita influência teve no preparo de seu caráter.

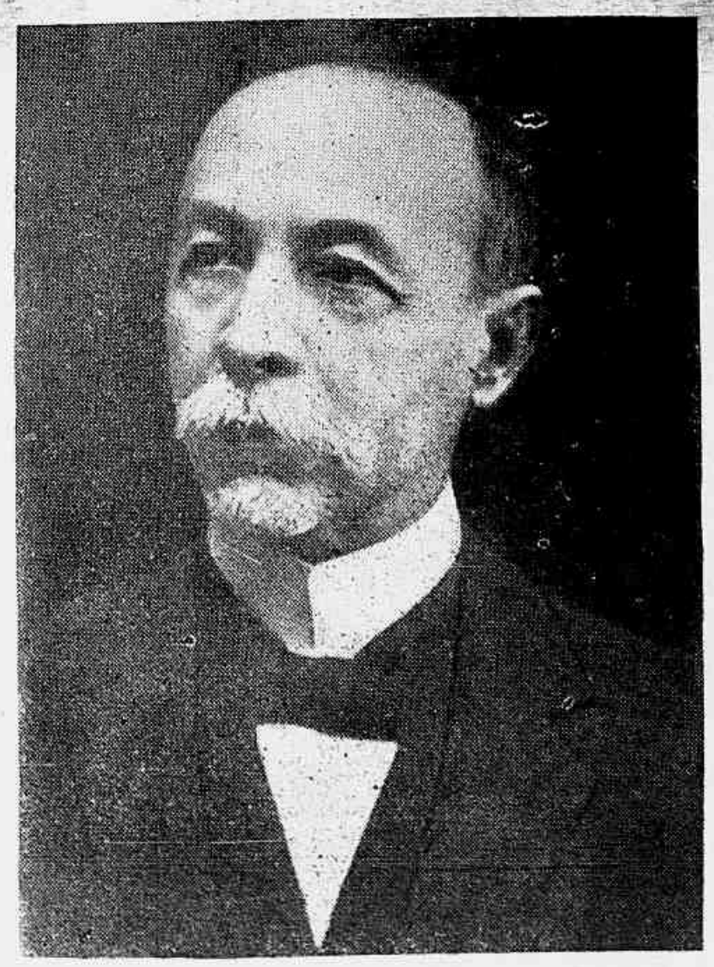
INÍCIO DE SEUS ESTUDOS E PRIMEIROS PASSOS NA VIDA

Joaquim Duarte Murtinho nasceu a sete de dezembro de 1848, na cidade de Cuiabá, Mato Grosso. Seu pai, tenente-coronel médico do Exército, dr. José Antônio Murtinho e sua progenitora, Rosa Joaquina Murtinho, não dispunham de recursos suficientes, uma vez que tinham o encargo de nove filhos. Porém, à custa de inúmeros sacrifícios, conseguiram ministrar-lhes a educação necessária.

José, Manoel e Joaquim, após completarem com brilhantismo o curso primário, sob a direção dos professores Manoel Ribeiro dos Santos Tocantins e cônego Joaquim Antônio da Silva, tiveram a sorte de serem enviados para a Côrte, a fim de se encarreirarem na vida. A despedida conforme será fácil de imaginar, foi das mais chocantes. Reunida tôda a família, os três jovens, após cumprimentos, partiram em companhia de uns boiadeiros para o Rio de Janeiro. Joaquim, na hora em que abraçou a genitora, tomou-lhe como lembrança, um lenço vermelho, o qual conservou durante a sua vida, guardado num envelope que trazia no bolso do paletó.

Uma vez no Rio, ingressaram no Colégio Kopke. Daí, passaram para o São Pedro de Alcântara, vindo a cursarem, mais tarde, o Instituto Científico, de Niterói. Joaquim, tão logo terminou os preparatórios, matriculou-se na Escola Central, mais tarde denominada Politécnica. Nêsse estabelecimento fez um curso brilhantíssimo, diplomando-se como bacharel em matemáticas, ciências físicas e naturais, engenheiro geógrafo e civil. Formado, ingressou no corpo docente da Escola, lecionando as matérias em que se diplomara. Mais tarde, submetendo-se a concurso, logrou obter a primeira colocação, tornando-se, dessa maneira, lente catedrático das cadeiras de matemática e ciências físicas e naturais. Nessa ocasião, teve oportunidade de colaborar com o Visconde de Rio Branco, quando da transformação da Escola Central em Politécnica.

Maria Isabel da Cruz, familiarmente chamada de "Bebé", teve enorme influência sôbre Joaquim Duarte Murtinho, de quem foi ama de leite. "Bebé" sobreviveu ao ilustre homem público, vindo a falecer em meados de 1931

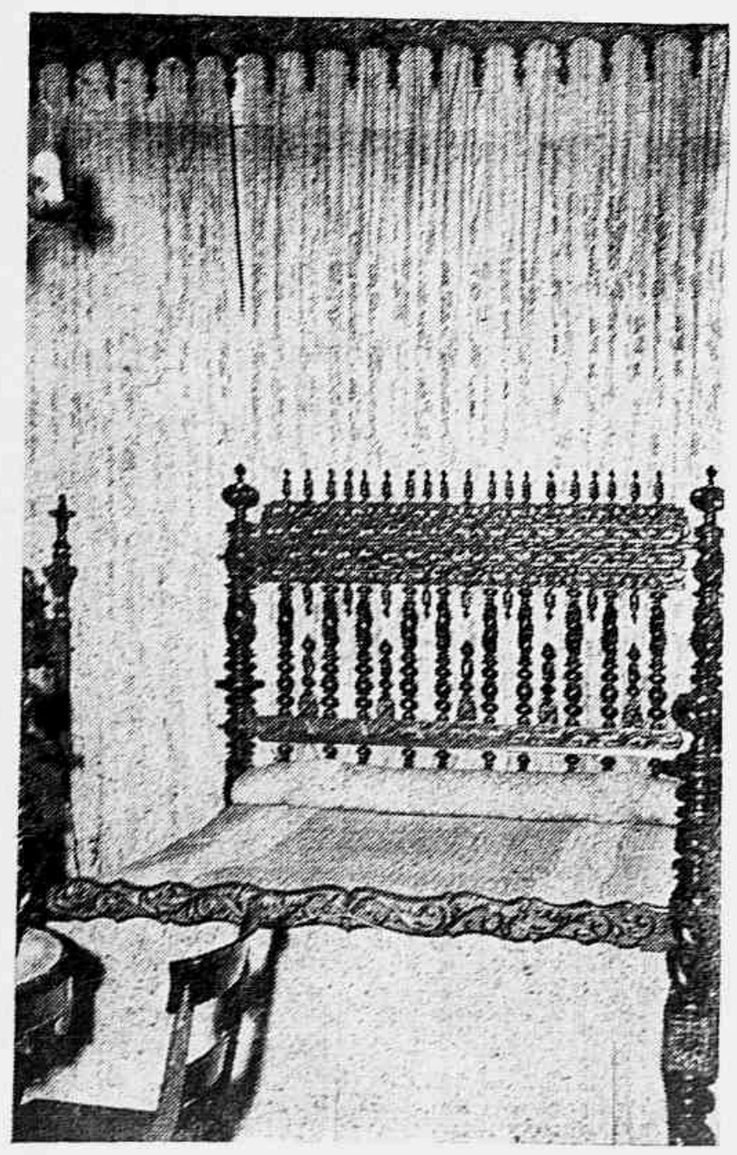


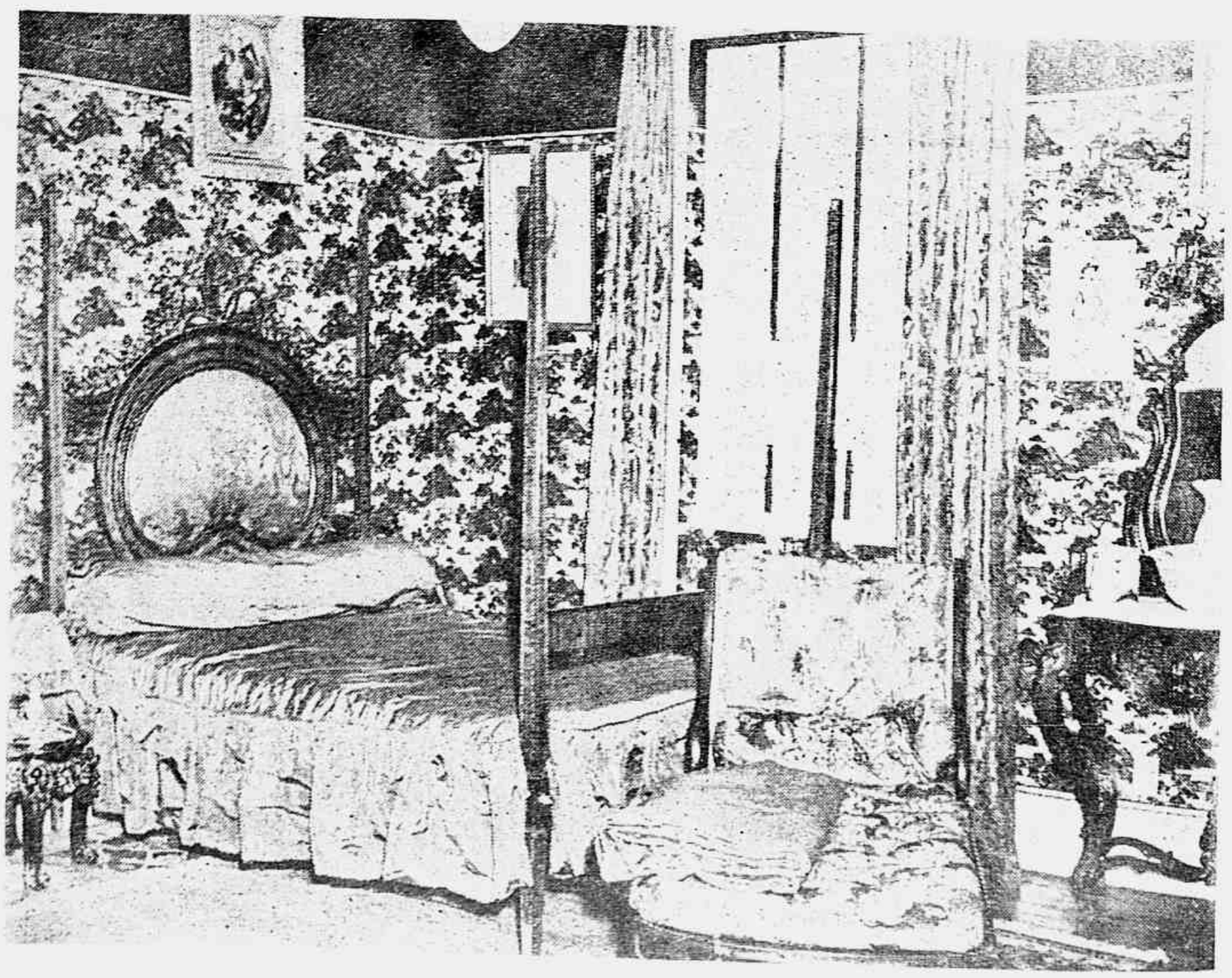
A esquerda — Joaquim Duarte Murtinho, aos vinte e cinco anos de idade, já possuindo o diploma de engenheiro civil e desempenhando funções na Escola Politécnica. A direita — Última fotografia tirada pelo ilustre brasileiro, quando à frente da Delegação Brasileira ao Congresso Pan-Americano, realizado em Buenos Aires, no ano de 1910. Secretariava a Delegação o poeta Olavo Bilac

A sala de jantar da residência de Joaquim Murtinho conserva, nos dias presentes, a mesma arrumação. Hoje, ali reside sua irmã, d. Maria, espôsa do sr. Francisco Guimarães

Mas, embora possuidor de um diploma, o filho do tenente-coronel José Antônio Murtinho sentia-se atraído pela medicina. Tanto assim, que, mesmo aluno de engenharia, já cursava a Faculdade de Medicina. E, foi para êle uma das maiores alegrias, quando, a 30 de setembro de 1873 entregava a tese de doutoramento, dissertando sôbre "O Estado Patológico em Geral", tese essa defendida a 15 de dezembro na presença de Sua Majestade o Imperador, e que obteve aprovação. Discípulo de Hipócrates, encontrou no médico Antônio Chaves, clínico na cidade de Mendes, o incentivador dos princípios da ciência homeopática. Entusiasmado com esta, tornou-se, em pouco tempo, um dos mais acatados, senão a maior autoridade homeopata de nosso país. Tanto bastou para que viesse a travar uma das mais sérias polêmicas de que se tem notícia no mundo médico. Seu contendor foi o dr. Torres Homem, considerado na época o luminar da ciência médica do Brasil.

A atividade clínica dessa grande figura da homeopatia desenvolveu-se de modo a proporcionar-lhe os meios necessários a aquisição de uma casa para si, outra para seu irmão Francisco, outra para sua irmã Maria, uma para a madame Santos Lobo, além da Quinta de Quissaman.





A esquerda — A cama que se vê na gravura ao lado, abrigou o Rei Alberto, quando de sua visita à nossa terra. Relíquia histórica, ela é conservada com todo o carinho pela irmão do ilustre homem público. A direita — Nos momentos de tédio ou quando absorvido por sérios problemas, o insigne brasileiro refugiava-se neste quarto, fugindo ao convívio de todos

Nesta escrivaninha, o ministro da Fazenda, de Campos Sales, redigiu alguns dos importantes documentos que serviram para salvaguardar o crédito do Brasil, garantindo-lhe uma situação privilegiada

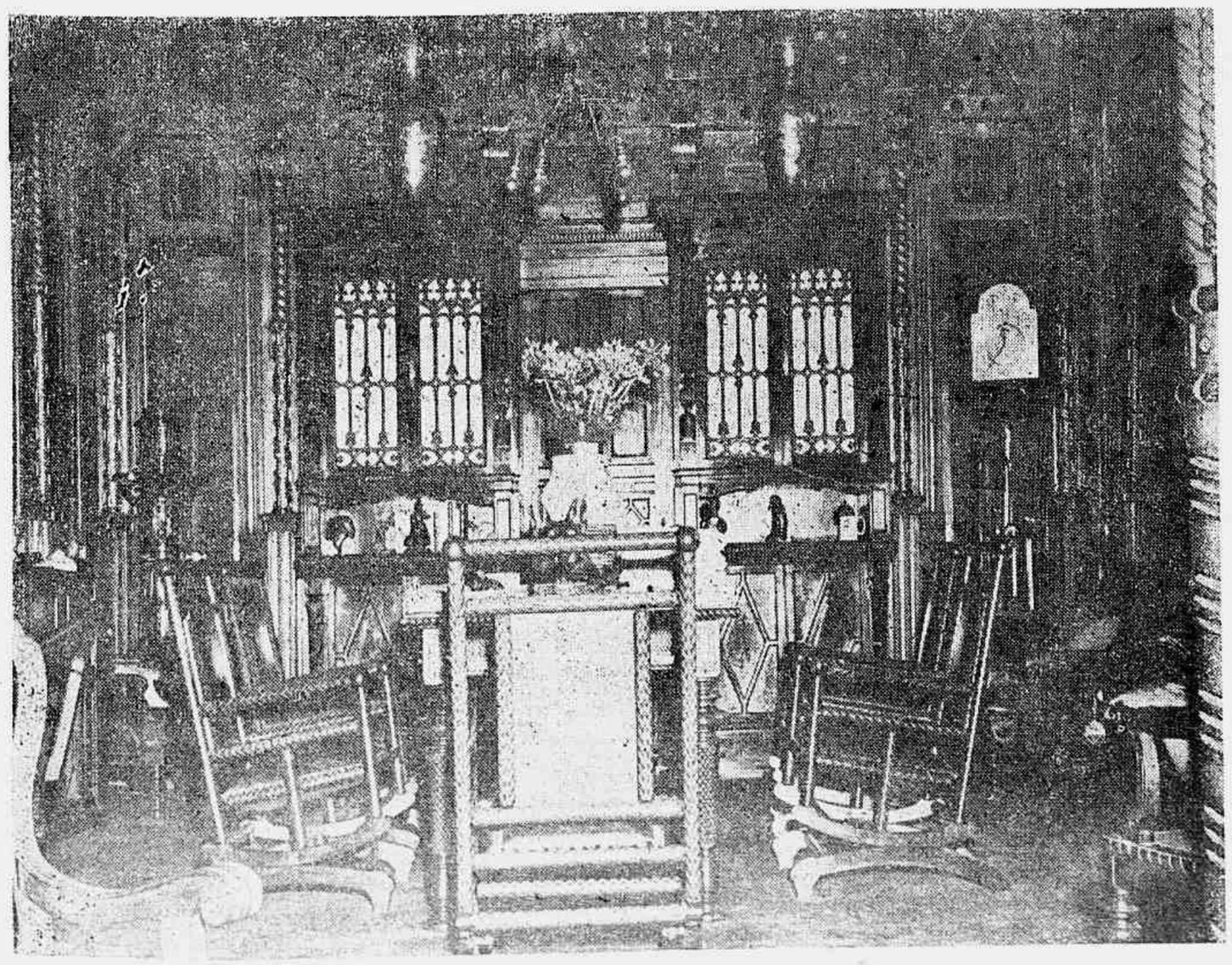
localizada em Petrópolis. O curioso é que o dinheiro recebido das consultas, êle entregava a um amigo, Eugênio de Almeida e Silva, que, por sua vez, o empregava de maneira proveitosa. Assim, quando da ocasião da missa de sétimo dia de Joaquim Murtinho, êsse honrado amigo entregou à família do morto, diversas apólices que adquirira com o valor das consultas dadas pelo mesmo.

AMIGO DOS ANIMAIS E FILANTROPO

Vítima de uma insuficiência aórtica, Joaquim Duarte Murtinho resignou-se a não constituir família, em obediência aos conselhos que lhe dera o dr. Torres Homem. Daí, dedicar-se aos animais, tal como sua ama de leite. Porém, dispondo de maiores recursos, êle construiu vários canis, abrigando todos os cães enfermos e estropiados que encontrava na rua. Assim, não lhe foi difícil reunir um número apreciável de cachorros, os quais possuiam cama própria além de um cozinheiro e dois tratadores. E sua distração predileta era distribuir biscoitos aos cães, todos os domingos.

Com referência à amizade que o ministro de Campos Sales dedicava aos bichos, conta-se que êle não conssen-

(Continua na pág. 58)



À esquerda — Nesta salinha, após as refeições, Joaquim Murtinho recebia os amigos para a habitual palestra. E, quando estava só, deliciava-se com um charuto Comercial e a leitura de uma obra clássica. À direita — A predileção de Joaquim Murtinho pelos cães, constatava-se nas figuras decorativas de seu solar. Êste cão guarnece uma das entradas do edifício da rua Murtinho Nobre

A personagem da SEMANA

"Par droit de conquête" mereceu esta coluna o exmo. sr. general Canrobert Pereira da Costa, titular da pasta da Guerra do atual govêrno.

Militar dos mais brilhantes, tanto pelo seu passado na caserna a serviço da ordem pública e do prestígio do Brasil no exterior, como pela cultura que possui, o sr. ministro da Guerra vem-se tornando merecedor da consideração geral dos brasileiros, em face da segura e proba direção daquele importante setor da administração pública federal.

Seu nome acaba de repercutir por todos os recantos do País, sendo alvo das atenções da opinião pública, pelo fato de haver um vespertino carioca divulgado em sua seção política uma reportagem na qual se dizia que no edifício "Santa Catarina", situado na Esplanada do Castelo, estava instalado vasto e bem aparelhado escritório para sede do movimento eleitoral em favor da candidatura do general Canrobert à Presidência da República nas próximas eleições.

O fato causou sensação em todos os meios e, no mesmo dia, vespertinos divulgavam nota oficial do gabinete de sua excelência, declarando não ter o ministro da Guerra qualquer liga-

O gal. Canrobert Pereira da Costa votando numa das mesas eleitorais desta capital

ção com o tal escritório eleitoral, nem haver dado a quem quer que fôsse autorização para usar de seu nome para fins políticos. No dia seguinte os matutinos também publicavam a contestação, inclusive o que divulgara a notícia, cujos itens são os seguintes: 1) Ignora completamente o assunto referido naquela notícia; 2) desconhece as pessoas nela citadas; 3) afirma, peremptòriamente, que nenhum oficial de seu gabinete compareceu ao aludido escritório para qualquer fim; 4) mandou proceder a uma sindicância para averiguar se de fato algum sargento compareceu ao local citado e, em caso afirmativo, em que caráter; 5) conhece perfeitamente o objetivo dessa e de outras manobras tramadas ou que se tramam em tôrno de fatos que envolvem a sua pessoa e assuntos políticos partidários que correm à sua revelia, sôbre os quais, porém, nada tem a declarar em vista da inconsistência dos argumentos e de suas maquiavélicas origens.

Pelas palavras de s. excia. o sr. ministro da Guerra, foi o público informado de que tudo estava sendo realizado sem ciência do general, não passando de iniciativa de terceiros, que escolheram seu nome sem qualquer consulta prévia. Mas o fato, em si, colocou em grande e especial evidência a pessoa do sr. general Canrobert Pereira da Costa durante a semana que findou.

a Semana EM REVISTA

CORAÇÃO DE PAI

Faz algum tempo, um jovem estudante sueco perdeu a visão em conseqüência de acidente. Seu pai ficou consternado. Que seria do filho cego? Seus estudos sofreriam tremenda crise e só mais tarde poderia reeducar-se através do sistema de Braille. Um cego, porém, é sempre um cego, e se Deus lhe dá maiores percepções para sentir a vida na escuridão das retinas mortas, a sociedade não pode equipará-lo aos que dispõem de vista normal. Que fazer? O pai aflito, não podendo conformar-se com a sorte do filho, procurou o dr. E. Ehlers, do Hospital Dinamarquês, famoso especialista em olhos, e lhe pediu transplantasse a córnea de um de seus olhos para dar luz ao filho cego. Essa operação cirúrgica, aliás já muito adiantada, e da qual esta revista se ocupou exuberantemente num de seus últimos números, foi a salvação do filho e a maior felicidade daquele pai torturado. Procedeu-se à transferência, realizada com o mais absoluto êxito, havendo o estudante recuperado a visão num dos olhos e o pai se dando por satisfeito com o que lhe sobrou na divisão. Não nos conformamos, porém, com a omissão que fizeram do nome dêsse pai. Divulgaram o nome do professor que o operou, deram o do hospital onde se internaram pai e filho, mas não se declarou o nome do doador. Êsse homem não deve ficar como o "Pai Desconhecido". Êle merece ser venerado por tôdas as nações. Atitudes dêsse porte dignificam a espécie humana e colocam o homem ao nível das divindades. Numa humanidade convulsionada pelo choque e entrechoque de ambições e egoísmos revoltantes, exemplos como êsse que nos vem da Escandinávia merecem as homenagens de todo o mundo. Confortam e enchem de confiança o coração humano.

SERRADOR

Se estivesse vivo, teria completado a cinco do corrente, setenta e oito anos de idade, aquêle que se chamou Francisco Serrador. Com a fibra de lutador que o caracterizava, talvez não lhe tivesse ainda diminuído, apesar da idade, aquêle dinamismo que se iniciou com a concepção e realização da Cinelândia, nem tão pouco se encerrado o ciclo de sua ardorosa planificação de pioneiro no setor de suas atividades. Nunca será demasiado relembrar-se a figura ímpar dêsse homem cuja ambição era a de ser útil ao país que o adotou como filho. Serrador foi uma espécie de Mauá na ardente sêde de progressos. Todos os que conheceram a planta que mandou elaborar para o bairro de diversões do Rio, nos antigos terrenos da Ajuda e onde hoje se ergue a nossa Cinelândia, sentem n'alma a sensação de monumental de uma "Rockefeller Center" transplantada de países de sonho para o Rio. Mas, por motivos independentes de sua vontade, surgiu outra Cinelândia com o batismo popular de Bairro Serrador, designação que ainda hoje devia ser mantida, em memória ao invencível batalhador. No setor cinematográfico, Francisco Serrador chegou a realizar coisas de fanatismo pelo Brasil. Filmou o "Guarani", em côres, com o propósito de exibi-lo na América do Norte, dispendendo enormes somas de seu próprio bolso. Êsse filme ainda hoje está em suas latas lá pelos Estados Unidos, nunca tendo sido mostrado aos nossos amigos do setentrião. Modesto, simples e bom, com um coração tão grande que cabiam ali tôdas as súplicas, todos os sonhos, tôdas as esperanças. Com arrojos e as audácias próprias dos destruidores do pessimismo, Francisco Serrador dedicava tôdas as suas horas de vigília a estudos de novas realizações e triunfos em favor de nossa civilização. É justíssima, pois, a homenagem que seus amigos lhe prestaram pela memorável data de seu aniversário natalício.

MISTÉRIO

Está absolutamente provada a transmissão do pensamento. Já se exibiu no Rio e em muitas capitais do norte e do sul um alemão que executou prodígios a êsse respeito. E não havia truque. A transmissão se verificava, atestada pelos espectadores dos teatros e pelos populares em plena via pública. Não havia nada de involuntário ou convencional: quem ia pensando mesmo em coisas absurdas, como para atrapalhar o alemão, ficava surpreendido com o poder misterioso de suas antenas invisíveis na mais perfeita execução do pensamento diretor daquele ser... Mas isso tudo se prova pela ciência. Não é nada de mais. O que nos faz abrir a bôca é acontecimento da espécie daquele que se passou recentemente com o japonês Hadena San, de Osaka. Êsse cidadão, não sabemos por que motivo, achou que devia apropriar-se de uma lancha a vapor, sem nenhum consentimento do dono e também sem nada saber de navegação. Meteu-se no barco e abriu o acelerador. Sumiu... Sulcou-se através do pôrto de Osaka, apesar do intenso movimento que sempre há naquelas águas. Mas não ficou nisso a façanha do nipônico audacioso. Largou-se para as bandas do sudoeste e atingiu o pôrto de Kobe, a cêrca de 130 quilômetros de Osaka. Ancorou o barco e, como não tivesse talvez gasolina suficiente para prosseguir em suas aventuras marítimas, por conta de anônimos terceiros, vendeu a embarcação pela terça parte do seu justo e honesto valor, embolsando os ienes com a mais tranqüila das atitudes. Até aí não há nenhum mistério, é claro. Porém, quando a polícia recebeu a denúncia de que em Osaka haviam furtado um bote a motor e que um desconhecido acabava de vender um dêsses em Kobe, lançou-se no encalço do gatuno e conseguiu achar e descobrir o venturoso San, mas, com surprêsa de todos, o atrevido era ancião de 71 anos e além disso cego e surdo... Saiam dessa agora!

SUBSÍDIOS

Positivamente estamos vivendo uma época de paradoxos e incríveis contrastes. Tanto no campo material, como no filosófico e no social, o Brasil oferece ao observador os mais díspares exemplos de diretrizes. Como sabemos, reina por todo o país a epidemia das campanhas de aumento de salários; mas, a que alcançou maior repercussão pelo ineditismo de que se revestiu, foi a que ainda rola pelas discussões do Legislativo Federal: o aumento dos nossos liturgos em quase cem por cento. O assunto que teria atraído mais a atenção do povo, não fôra a época de finais de campeonato de futebol, merece o registro da História pelas nuances que apresentou. Contudo, para contrabalançar êsses acontecimentos pouco recomendáveis, verificam-se episódios em sentido oposto como acaba de suceder com os vereadores da Câmara Municipal de Petrópolis e com o gesto patriótico e decente do Prefeito do Distrito Federal. Naquela cidade os vereadores trabalharam até às 3,30 da madrugada, discutindo o orçamento municipal para 1949, no qual se prevê o reajustamento do funcionalismo numa base de 20 e tantos por cento; para chegarem a êsse resultado, os vereadores reduziram seus subsídios — e reduziram mesmo, leitor — em cêrca de 25 por cento, passando cada um a receber menos uns 500 cruzeiros. Não é mesmo de espantar? No Rio, o prefeito Mendes de Morais renuncia os seus vencimentos de general do Exército, e recebe apenas o subsídio de Prefeito, achando que é êste o ditame de sua consciência de soldado e cidadão. Se optasse pelo ordenado de general, ganharia mais, porém, não quer como prefeito receber vencimentos de general. E isto significa diminuição de rendas. O mais lógico, nêste país de interêsses e ganâncias sem limites, seria uma acumulaçãozinha; mas, por mais estranho que pareça, ainda há brasileiros como êsses do Rio e de Petrópolis. Deus louvado!

PROFANAÇÃO

Publicaram telegramas de Roma que, em meados do mês passado, o advogado Pietro Puglieri, com 65 anos de idade, suicidou-se de maneira sensacional, embora não inédita. Galgando a alta galeria da Basílica de São Pedro, numa altura de 164 pés, ou sejam, mais de 50 metros, dali se precipitou, vindo a morrer todo arrebentado aos pés da estátua do Papa Pio VI. Motivou o louco gesto o estar desempregado havia seis meses. O local escolhido pelo suicida foi a primeira galeria da grande rotunda, onde êle, antes de saltar, despiu o sobretudo que atirou para baixo, a fim de prevenir a multidão que ali se achava, de que ia atirar-se no espaço. O povo se dispersou, abrindo amplo círculo na mais angustiosa das expectativas. Não era possível evitar o gesto tresloucado. Viram-no concentrar-se à beira do abismo, como se estivesse a orar por sua alma, a pedir, talvez, perdão a Deus por aquela atitude. Em seguida deu o pulo sensacional. É êste o segundo suicídio que ocorreu ali nos últimos seis meses. O direito da autodestruição é crime perante as leis humanas e divinas. Nada justifica o ato do suicídio, a não ser quando o indivíduo está completamente alienado de suas faculdades mentais e já não pode discernir. É como se o próprio cadáver mental guiasse o corpo físico para liquidação total do direito de viver. Mas, quando o indivíduo está no pleno gôzo de sua inteligência e se lança nos braços da morte pelo seu próprio desejo, comete o maior crime. Curiosa, porém, a circunstância dêsse suicídio do advogado Puglieri. Seu corpo, girando no espaço, veio estatelar-se aos pés da estátua de mármore de Pio VI, dizem os telegramas. Ironia do destino! Foi êsse grande pontífice, batalhador pela educação do povo e inimigo de tais gestos loucos. Caprichos da vida. Profanação de um lugar santo e da mais santa das memórias.

TERRENOS NA ATLÂNTIDA

Não sabemos se ainda existe na cidade sergipana de Propriá um relojoeiro chamado Manoel Rodrigues Mariu. Vendo que o consêrto de cronômetros não lhe dava para manter a família na hora exata das refeições, Mariu "descobriu" no meio do Oceano Pacífico um mundo ainda desconhecido, a que deu o nome de Denoksuá, ou Emblema do Mar Luminoso. De tudo publicou um livrinho em Penedo, Alagoas. Já naquele tempo houve quem se interessasse pela loteação do Denoksuá. A maior dificuldade estava na maneira de chegar-se até êsse fantástico continente. Mariu pintou grande mapa com as dimensões da nova terra, deu-lhe a posição exata, com as distâncias entre o resto do mundo e ficou à espera que algum Júlio Verne bastante endinheirado e mais ou menos louco, celebrasse com êle um contrato de compra e venda dos terrenos. É claro que tudo ficou mesmo na alucinação de um homem pacífico e incapaz de fazer mal a quem quer que fôsse. Com a Atlântida fabulosa divulgada pelas obras de Platão, a mesma ganância se tem verificado. O imenso continente que devia ser maior do que tôda a Ásia seria capaz de enriquecer aquêle que o descobrisse e do mesmo tomasse posse como terra devoluta... Por isso o professor Maurice Ewing, da Universidade de Columbia, há cêrca de quinze anos vem tentando explorar o fundo do Atlântico a fim de localizar êsse continente submerso. Mas, infelizmente, desanimado, já desistiu. A Atlântida dos gregos e dos fantasiosos da antigüidade nunca existiu. Depois de levantar mapas, fotografado, sondado e visitado as profundezas do oceano, não teve mais nenhuma dúvida: o continente vítima de um cataclisma era fantasia. Pois foi pena. Ao espírito do tenaz mestre o assunto era estritamente de natureza científica; porém, aqui no Rio, muita gente já estava preparando manifestos públicos para subscrição de capital para lotear terrenos dessa "barbada".

ANO XLVII — REVISTA DA SEMANA — N.° 50 — 11-12-1948

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930 e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

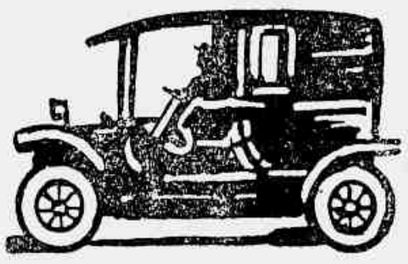
Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00	Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00	Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00	Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50.
Visconde de Maranguape, 15 ▼ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro
Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-1370; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-3802
Corresp. - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, 1.º, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino" à rua Cap. Salomão, 47 - Tel. 4-1569 ▼ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 356-1.º andar, sala 7 - Tel. 6-6715
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Marinha, 15 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 1.º, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Convención 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida 229 - Tel. 31 Av. 5108, Buenos Aires.
O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está completo. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 56 PÁGINAS

Organizam os russos um govêrno próprio em Berlim. Chiang-Kai-Shek prepara a resistência em Nankin. Embarcou para Portugal o chanceler brasileiro Raul Fernandes. Churchill acusa o govêrno trabalhista da Inglaterra. Foi observado novo cometa pelo observatório de Stalingrado. Os peronistas contam com a vitória eleitoral nas eleições do dia 5. O govêrno de Costa Rica dissolveu o Exército. Estão em greve os padeiros de Buenos Aires. Concordou a U.R.S.S. na emigração de judeus para Israel. 127 fábricas de armamento Krupp vão ser transformadas para artigos de paz. A maioria política da Câmara dos Deputados do Brasil procura forçar a votação do aumento dos seus subsídios. Entraram em greve os trabalhadores da Companhia Luz e Fôrça de Belo Horizonte. Aumentadas as tarifas postais e telegráficas do Brasil. Vão reunir-se os proprietários de cafés do Rio. Discute-se na O.N.U. qual o dia do encerramento da Assembléia Geral das Nações Unidas. A Comissão Central de Preços manteve em 30 centavos o preço do cafezinho no Distrito Federal. Difícil a situação dos produtores de açúcar do Nordeste. Deflagrada grave crise política no Legislativo Federal, com a renúncia de elementos da U.D.N. e P.R., em face da questão dos subsídios. Mme. Chiang-Kai-Shek chega aos Estados Unidos e conferencia com Marshall sôbre urgente ajuda ao govêrno nacionalista. São enforcados mais quatro criminosos de guerra alemães. Foi aprovada a internacionalização de Jerusalém e rejeitada a recomendação anglo-americana para unir a parte árabe da Palestina à Transjordânia. Romulo Gallegos, deposto da Presidência da Venezuela por golpe militar, irá exilar-se em Cuba. Bombas incendiárias jogadas por desconhecidos reduziram a cinzas as oficinas do jornal oposicionista de Buenos Aires, "El Clarim". Dizem estarem tensas as relações entre o Chile e a Argentina em virtude de acusações contra membros do corpo diplomático argentino acreditado em Santiago. O general Marshall recolheu-se a um hospital em Washington para tratamento de saúde. Foi assinado um acôrdo de paz entre árabes e judeus, cessando fogo na Terra Santa. Telegramas de Santiago do Chile dizem que a conjura militar contra o govêrno Videla teve origem na Argentina. Ameaça a U.R.S.S. abandonar a Organização das Nações Unidas se for abolido o direito de veto. Bramuglia, chanceler da Argentina à Assembléia Geral das Nações Unidas, continua a lutar para descobrir uma fórmula de pacificação de Berlim. Dirige-se ao ministro do Trabalho o sr. Francisco Mangabeira, advogado e líder dos operários católicos, formulando um apêlo em favor dos trabalhadores brasileiros. Como protesto pela manutenção do preço de 30 centavos pelo cafezinho, os proprietários dêsses estabelecimentos no Rio resolveram não servir cefé e média, fechando os seus negócios. Em reunião da classe os proprietários de vespertinos decidiram aumentar para 80 centavos o preço de suas fôlhas, com exceção de "A Notícia" e "O Mundo", que mantiveram o preço de 50 centavos. — A Câmara dos Deputados da Itália confirmou sua confiança no govêrno de De Gasperi por uma maioria de 162 votos. Forte tremor de terra sacudiu a Califórnia com repercussão no México, sem ocasionar vítimas. — Divulgou-se na imprensa do Rio que durante o movimento paredista dos mineiros franceses Picasso contribuiu com um "tijolo" de mil francos para sustentar a greve. Desastre total das fôrças de Chiang-Kai-Shek na zona de Suchou. Morto a granada o chefe de Polícia do Cairo, por ocasião da chegada do mediador interino Ralph Bunche. Explodiu e afundou ao largo de Shangai um navio com 4.250 refugiados chineses, calculando-se terem morrido 3.200. Foi agraciado com a Grã-Cruz de Cristo, pelo govêrno português, o sr. Raul Fernandes. Fracassou o Plano Marshall pelo fato de não ter conseguido a unificação econômica da Europa Ocidental. A Chancelaria do Chile ofereceu asilo ao presidente venezuelano deposto, Romulo Gallegos, bem como ao seu antecessor, Romulo Betencourt. Foram expulsos do exército chileno dezesseis oficiais acusados de participação no recente movimento conspiratório daquela república. O primeiro secretário da Embaixada argentina em Santiago do Chile será obrigado a abandonar o país por haver sido considerado "persona non grata" pelo govêrno chileno. Viajantes vindos da Europa dizem que no Velho Mundo só se cuida de restauração econômica e ninguém pensa em guerra. O governador Ademar de Barros promulgou o decreto que concede o abôno de família ao funcionário público estadual na razão de cem cruzeiros por dependente. Procedente de Nápoles chegou à Ilha de Malta o navio-escola brasileiro "Almirante Saldanha", conduzindo 54 aspirantes. Chegam ao Rio industriais italianos que vêm montar no Brasil fábricas de brinquedos e isqueiros. Realizam-se eleições municipais em Berlim nos setores ocidentais, tendo comparecido 75% do eleitorado. O ministro da Justiça da França desmentiu a notícia de que, em face do estado de saúde de Pétain, ia o govêrno francês libertá-lo. Truman declarou que não enviará Mac Arthur para a China nem remeterá novas armas e munições para Chiang-Kai-Shek. Mesmo com a cidade de Berlim dividida, as potências ocidentais estão dispostas a negociar de boa fé com a Rússia sôbre a crise daquela capital. Dizem que vai ser reformada a Constituição argentina elegendo-se uma nova Assembléia com poderes constituintes.



O "Sabão Russo" começou a ser fabricado em 1830, há 118 anos! Poucos poderão avaliar o que se fez em tão largo período na vida da coletividade. **Se o "Sabão Russo" falasse,** poderia contar tanta coisa... Como surgiram os trens de ferro, os bondes de burros e os bondes elétricos; a chegada dos primeiros navios a vapor, a iluminação a gás, o telefone, balões esféricos, automóveis, dirigíveis, aeroplanos...

Líquido, sólido e em bastões para barba

A GRANDE EDIÇÃO DA REVISTA DA SEMANA PARA O NATAL

Oferecemos aos nossos leitores, no próximo número de 18 do corrente, nossa edição para o Natal dêste ano.

Além das páginas habituais, inclusive as seções destinadas ao lar e à mulher, com material escolhido e muito interessante, no número em causa, daremos aos leitores contos de Natal e outros contos, todos ilustrados, além de páginas literárias.

Reportagens especiais conduzirão os leitores aos grandes e tradicionais países do mundo, tais como a França, a Inglaterra, a Itália, a Holanda, a Austrália, os Estados Unidos, Grécia, Noruega etc.

Muitas gravuras, leitura variada, páginas coloridas.

Preço: Cr$ 5,00 em todo o Brasil.

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15 — Rio.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

TRABALHOS MANUAIS COMO DISCIPLINA ESCOLAR

★

Lições da professôra
IDA KUSSÁ

★

H. Sanquer
Rio de Janeiro
1948

Estas lições "do curso primário de acôrdo com o programa oficial" trazem um prefácio que assim principia:

"Outra finalidade bem diferente foi dada a êste livro e talvez mais acertada daquela a que estava destinado quando comecei a escrever em 1931, data memorável para mim, por ter sido o comêço de uma luta em que eu mesma não supunha tão grande em tempo e reveses". Colhemos ao acaso outro período: "As escavações em Pompéia na Itália e na antiga cidade da Jônia na Grécia têm facilitado para melhor conhecimento dêstes povos, onde foram encontrados variedades de utensílios domésticos, obras de bronze com mais arte que as de períodos anteriores; candelabros cuja forma é de uma estatueta segurando a lâmpada de azeite". E lá para o fim: "Hoje que a escola ativa é uma realidade, penso ter colaborado grandemente com a apresentação dêste livro que satisfaz perfeitamente ao programa das escolas primárias".

Quanto à utilidade dos trabalhos manuais da sra. Ida Kussá, cremos que ninguém se lembrará de a pôr em dúvida. O ensino começa pelos exercícios mais singelos de escrita como de desenho e recorte. E até às composições mais difíceis — nas quais além de complicados motivos lineares entram, isolada ou combinadamente, flores, frutas, pássaros, outros animais, figuras humanas — tudo nos parece organizado e exposto com impecável método. Nesse sentido, muito decerto aprenderão as discípulas da sra. Kussá, algumas das quais poderão até chegar a mestras.

Resta-nos falar da linguagem em que está escrita a obra. Diremos apenas que nos faz lembrar um recente despacho do governador de Pernambuco, acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, ao requerimento de uma professora que solicitava certo tempo de licença. Mais palavra menos palavra, eis o despacho:

"Deferido, em vista das razões que a professôra alega, mas é de desejar que ela aproveite as férias para aprender o português."

★

BARRO BLANCO

★

Romance de JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

★

Instituto Progresso Editorial S. A.
São Paulo
1948

Tínhamos os romances do cacau, da borracha, do algodão, do diamante e do café; eis que o sr. José Mauro de Vasconcelos nos dá o romance do sal. Com uma diferença considerável: o caso que se passava na fazenda, no garimpo ou no seringal, não decorre agora numa salina de Macau. Ela, porém, lá está e se impõe, como motivo frequente de descrição ou de comentário; e, por assim dizer, ao virar de cada página a avistamos, toda branca e rebrilhante, ofuscadora e fatal. Só de passagem ou incidentemente presenciamos a labuta apavorada daqueles a quem a maldita, ou, pela reverberação, pode tirar a vista, aleijar pela lepra ou, pelo suplício da sêde, assassinar. E com a ruína dos corpos, o derrantamento das almas: "Era o sol. Era o sal. Os homens davam para beber. E não raro aparecia uma barriga com as tripas penduradas. Brigas. Sangue. O crime provocado pelo desespêro. Pelo desconfôrto da vida, que enlouquecia a boa vontade daqueles seres...". E o panorama branquejante e sinistro de vez em quando se repete, volta como visão inarredável, uma espécie de obcecação.

Mas o drama capital se arma e tem o seu desfêcho no mar. O protagonista, Chicão, trabalhador a bordo de um iate e depois de uma barcaça de transporte do sal, é, entre todos os companheiros, o mais robusto e intrépido no mar alto, no pôrto, dentro da cidade. Pode mourejar a bordo, emendando o dia com a noite se o patrão, em caso de perigo ou pressa, assim o exigir; na "queda de braço", abateu o rival que detinha e ostentava a faca do campeonato; e dominou para sempre o coração da mais guapa e desejada rapariga da terra. Mas o prestígio mesmo da valentia, da temeridade o havia de perder. Convidado — e para êle valia aquilo por um desafio — a tripular com dois camaradas a barcaça Dedo de Deus, que é "louca", Chicão repele todas as advertências, todos os augúrios pessimistas e vai para o mar. A embarcação é realmente "maluca", mas não vem dos seus repentes e extravagâncias a causa principal do desastre. As águas se lhe tornam adversas; o "sulão" a apanha e irresistìvelmente a arremessa, desarvora, abala, desarticula e toda a arrebenta. E um longo epílogo completa a tragédia do mar.

A ação é singela, como se vê; quase não há episódios, bem poucas coisas acontecem realmente no livro, mas as qualidades e recursos da descritiva conjuram o desinterêsse, não dão lugar ao enfado de princípio a fim destas trezentas páginas. Pode-se dizer que o sr. Mauro de Vasconcelos tem dois estilos ou usa de duas e bem diferentes maneiras: quando é rigorosamente o homem de letras que se nos dirige e quando é o frasador entaprichado em imitar tanto quanto possível, e querendo torná-lo forma própria, o linguajar dos seus personagens, como, por exemplo, na briga do baile em que foi coroada a "Rainha do Estrêla do Progresso". Houve um beliscão libertino, escandaloso, e: "Aí o chafurdo começou. O salão pareceu se juntar todo num canto só. A pancadaria, estimulada pelo hálito do álcool, comeu grossa. Todos brigavam. Muitos nem sabiam por que estavam brigando e muito menos com quem. Só se via braço comer. Cadeira voar. Sopapo cantar"... E até sucede que, dentro do mesmo parágrafo, possamos notar a obra puramente literária e a contrafação. Felizmente é a verdadeira linha, o corte autêntico de escritor que prevalece nas cenas sucessivas do naufrágio da Dedo de Deus — páginas para nós das mais poderosas, envolvedoras e empolgantes da moderna literatura brasileira.

★

FIM DE JORNADA

★

Páginas de poesia de
JUDITH DE OLIVEIRA RIBEIRO

★

São Paulo
1948

É um livro de amor. O que há de mais amoroso como exaltação dos sentidos e requinte da emotividade. Em todas ou quase todas estas páginas — cento e trinta, de amplo formato — a paixão é confessada e proclamada, com imagens e frases a que não falta beleza plástica nem eloquência musical. Trata-se de versos relativamente livres, quer dizer: de metro irregular ou até sem metro algum, porém nos quais a rima é, em geral, observada e não raro com riqueza e brilho. Não está indicado o ditoso objeto de tão altos e frementes arroubos sentimentais. Talvez sejam diversos. E talvez, na realidade, não exista nenhum. Os poetas não precisam rigorosamente de certa pessoa para lhes provocar louvores exaltados, vindos do espírito ou com origem no coração. Se a não têm, mais ou menos adequada, naturalmente a criam. E, em muitos casos, serão êsses os versos mais inspirados, mais sinceros e em tudo melhores.

Tomemos as últimas estrofes da primeira poesia do livro, a qual, por ser extensa, se não acomodaria inteira à distribuição do espaço nesta página. Depois de comparar o seu amor a determinadas criações de Chopin, Beethoven, Stravinsky, Manuel de Falla; ao fado de Lisboa e ao violino dos ciganos da Hungria, conclui a poetisa:

Tu não sabes quanto eu te amo...
Amo-te com a loucura insana
na vibração forte da canção napolitana...
Amo-te num "ritornello" de Amor
como a abelha que vai e vem no cálice de uma flor...

Tu não sabes quanto eu te amo...
Amo-te na finura da música de Mozart
Amo-te com a "verve" e o fino espírito da música
francesa...

Amo-te em versos em que se define
a alma de Musset e o amor de Lamartine...

Tu não sabes quanto eu te amo...
Amo-te selvagemente com a fôrça tropical
que é desta Natureza do meu país natal
Amo-te como o malandro do morro, dentro do
barracão,
que faz da viola o símbolo do coração...

Tu não sabes quanto eu te amo
Amo a tua voz macia de veludo
Amo... Amo... Amo... Amo-te em tudo...

★

MATÉRIA E PSIQUISMO

★

[illegible] cósmica de
JOVIANO TORRES

★

Gráfica Editôra Souza
Rio de Janeiro
1948

Já a propósito da obra dêste autor "A matéria" falamos do embaraço de qualquer leigo obrigado a pronunciar-se a respeito daquilo que nunca estudou e de que, por conseguinte, nada entende. Que sabe um simples rabiscador de notícias literárias acêrca dos problemas, dos mistérios da vida, destinados à sapiência dos luminares de Universidade? O sr. Joviano Torres vem serenamente convidar-nos para uma espécie de viagem ao Cosmos. Como poderemos, mesmo com o seu amparo e guia, chegar tão longe, tão alto ou, antes, alcançar aquilo que não tem princípio nem fim? Verdade seja que a insigne companhia assegura não apenas a ida, mas também a volta da nossa individualidade, sã e salva... Não basta, porém, isso para nos tranquilizar. E é quase tremendo que nos arriscamos a abrir o livro.

Felizmente, logo aos primeiros períodos do preâmbulo, o homem de ciência faz o possível para nos animar. "Nestas páginas — diz êle — não se hão de encontrar ficções nem fantasmas, apesar das aparências, mas a exposição fácil e acessível das grandes verdades (naturais e recônditas) de que a ciência clássica talvez em breve se veja forçada a cuidar melhor, pela fôrça mesma das circunstâncias e dos fatos, contra os quais, de resto, pouco valeriam argumentos e contra-argumentos". Em vista desta promessa de verdades suscetíveis de atingirmos sem maior dificuldade, passamos, já menos amedrontados, já esperançados, do prefácio para o capítulo I: "Método e generalidades", a que se seguem: "A matéria e a transitoriedade física de suas propriedades inerentes — O psiquismo e a universalidade secreta de suas manifestações permanentes — O espírito e sua milenária evolução no seio múltiplo do Cosmos — Crítica das Concepções e doutrinas restritas do mundo e revelações cosmonômicas — Cosmonomia".

Graças à maneira intuitiva e cativamente como tudo nos é apresentado, não sentimos fadiga nem enfaro. E, atravessando por entre tais montanhas de saber, chegamos ao fim com a firme persuasão de haver aproveitado, aprendido alguma coisa.

★

MARIA

★

Trovas de
SOARES DA CUNHA

★

Belo Horizonte
1948

O sr. Soares da Cunha é um trovador rústico... da cidade. A sua écloga ilumina-se a eletricidade e faz-se ouvir pelo rádio. Nas suas mãos, a avena de Pan se transforma em flauta de prata e de sete chaves. Em vez de se vestir de peles, êste pastor de idílio usa smoking, como as ovelhas que o rodeiam se vestem nas mais seletas casas de modas de Belo Horizonte. E a Arcádia o reconheceria como dos seus, apenas lhe estranhando o indumento.

Em geral as trovas contidas no presente volume glosam e celebram o amor. Traduzem-no, ao ritmo uniforme da redondilha, nas suas feições mais decantadas. Consagram-lhe madrigais e verdadeiros hinos em quatro versos, mas também lhe dirigem ora queixumes ora ironias e, uma vez por outra, lhe arremessam imprecações. Assim a coleção de quadrinhas, na sua forma única, oferece interessante variedade. Todos êstes versos se fazem estimar pela correção e a esbelteza. Entre êles, porém, os que dizem amargura, melancolia, se destacam, mais insinuantes e mais fáceis de decorar. São, como as violetas e os goivos, tristes e lindos:

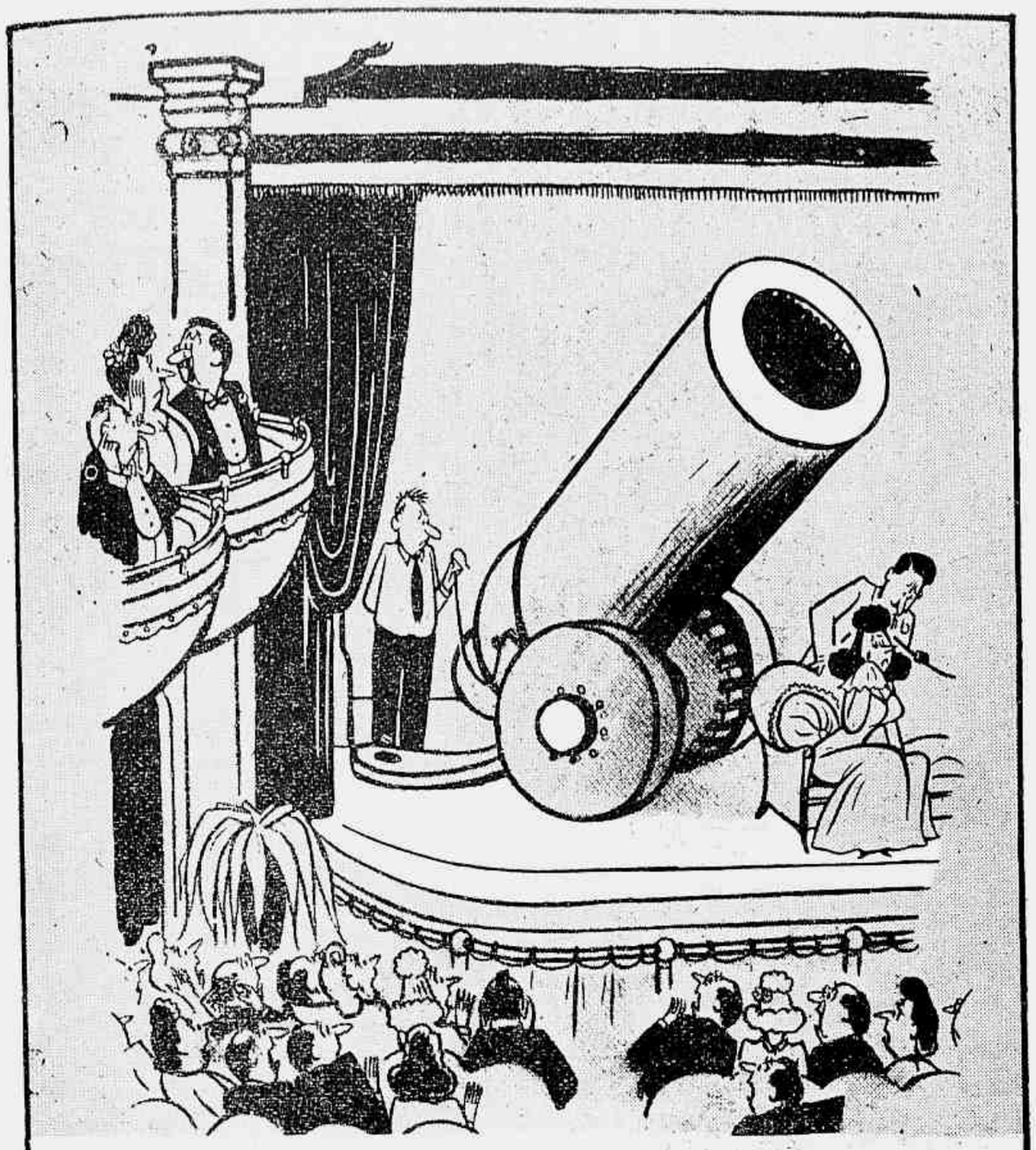
Prazer, flor linda e cheirosa
— Cheirosa e linda, pois não! —
Mas tão frágil que, ao colhê-la,
Se desfaz em nossa mão.

Tristeza, fiel tristeza,
Espôsa doce e querida,
Minha única certeza
Nas incertezas da vida.

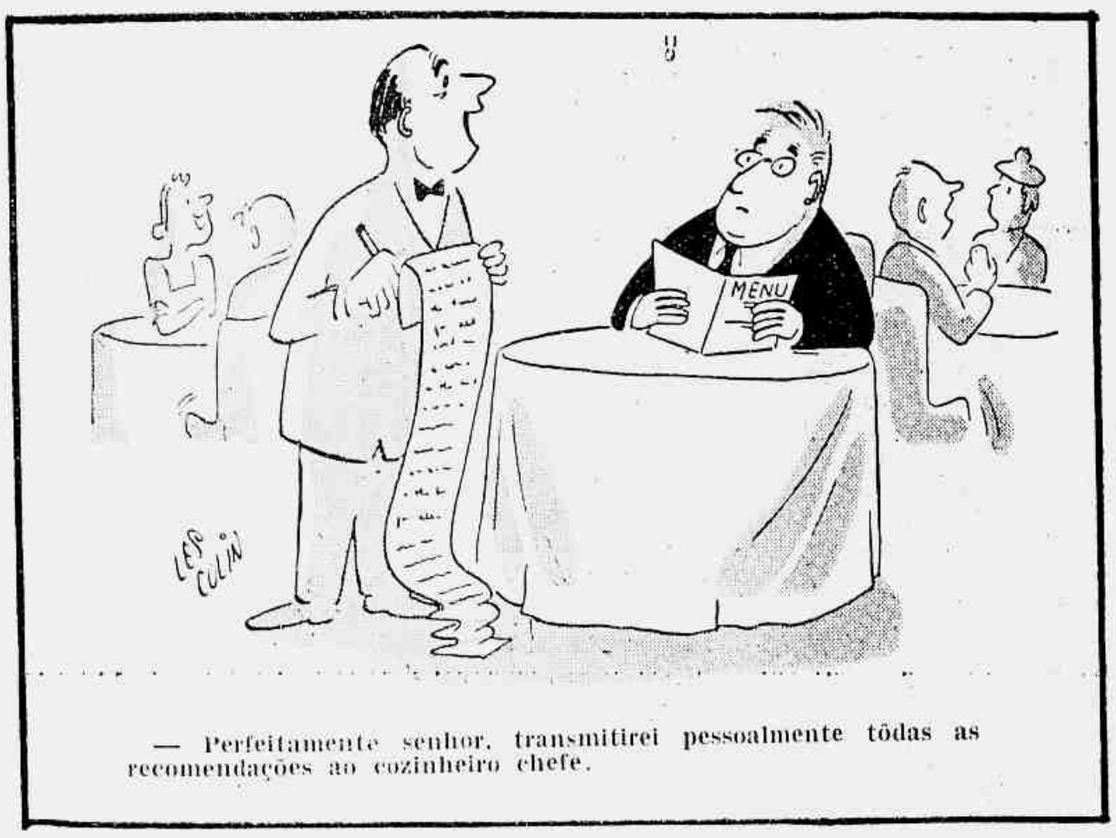
Saudade, sombra, fantasma,
Coisa que bem não se explica:
Algo de nós que alguém leva...
Algo de alguém que nos fica.

Chorando, meu peito canta
Ao violão que geme e chora.
Que cantar enquanto chora
É o destino de quem ama.

BOM HUMOR



— Esta é a única maneira dêles conseguirem manter a platéia em "suspense".



— Perfeitamente senhor, transmitirei pessoalmente tôdas as recomendações ao cozinheiro chefe.

— Se é mingau de maizena, falta um pouco de açucar; Se é "puree" de batata, falta um pouco de sal.

— Artigo de esporte, por favor.

A foto acima foi tirada quando o sr. Barbosa Lima Sobrinho, governador do Estado de Pernambuco, entregava a um associado do Instituto dos Industriários, a chave de uma das casas do conjunto residencial de Areias, que o I.A.P.I. está construindo em Recife, para seus associados, e que deverá ter mais de 1.400 moradias, das quais mais de trezentas já estão alugadas a industriários

ATIVIDADES E REALIZAÇÕES DO INSTITUTO DOS INDUSTRIÁRIOS

No conjunto residencial de Passo da Areia, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o Instituto dos Industriários está construindo para seus associados mais de 1.400 casas higiênicas e confortáveis, das quais cêrca de trezentas já se acham alugadas aos trabalhadores da indústria

O I.A.P.I. publicou recentemente um relatório das suas atividades e realizações no período já decorrido do govêrno do exmo. sr. general Eurico Gaspar Dutra, período êsse que coincide com a presença, à frente dos destinos daquela autarquia, do engenheiro Alim Pedro.

Trata-se de publicação objetiva e honesta, pela qual se verifica, entre outras coisas, que o Instituto dos Industriários já pagou benefícios no valor total de dois bilhões de cruzeiros e já construiu ou financiou para seus associados mais de dez mil moradias.

Por isso nos pareceu oportuna a transcrição, que passamos a fazer, da página com que o presidente do Instituto encerrou seu relatório:

"Foi nosso constante objetivo, na elaboração da exposição que acaba de ser apresentada, alinhar a maior soma possível de dados concretos, para que a mesma, embora sem grande precisão de números nem o rigorismo do estilo oficial, pudesse constituir um verdadeiro relatório.

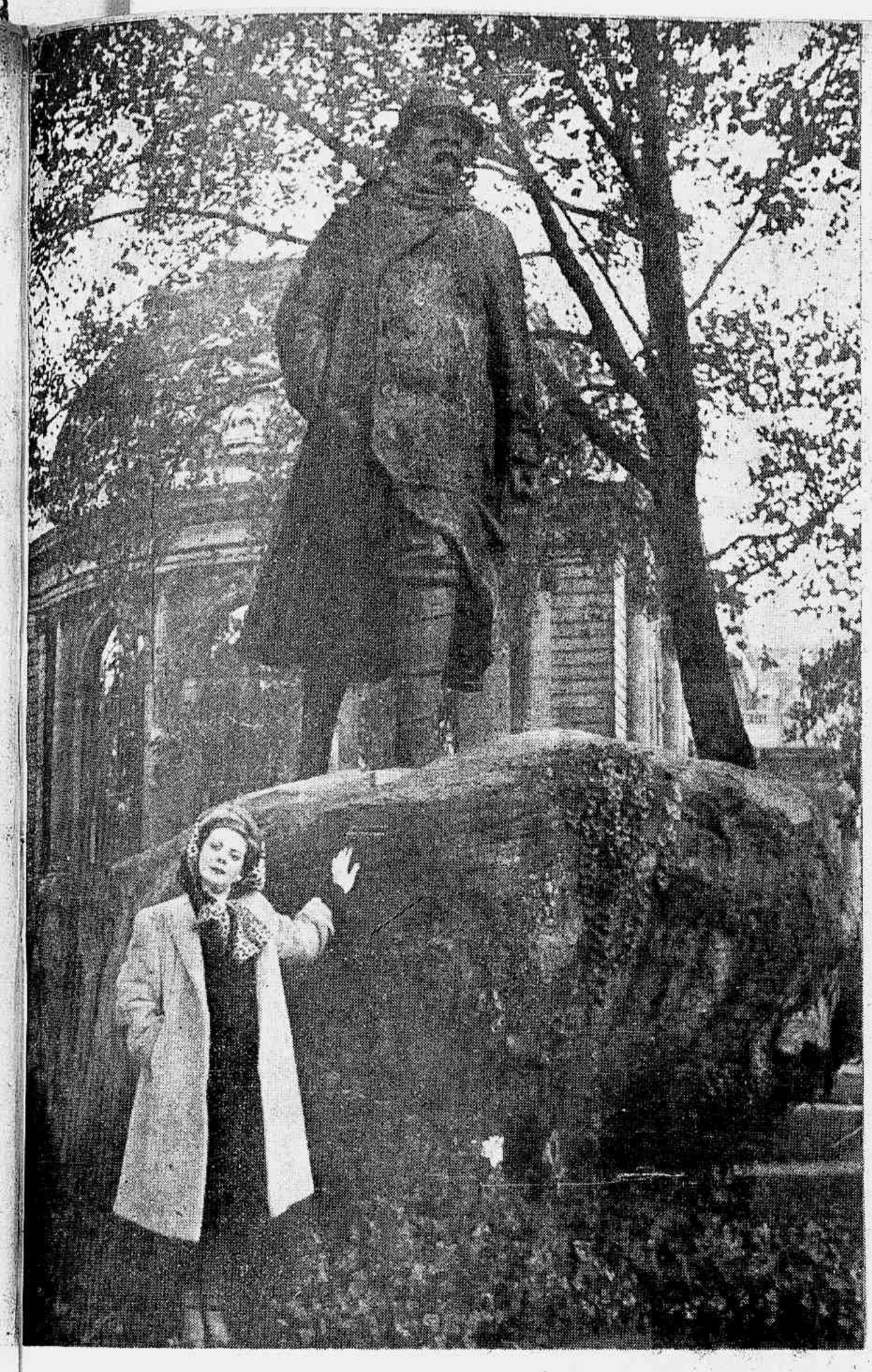
A finalidade máxima do presente volume consiste em demonstrar que a Previdência Social, mesmo quando examinada através de um único dos seus órgãos, já pode oferecer ao estudo do observador um valioso acervo de bons serviços; e em grampear, assim, para a mesma, e especialmente para o nosso Instituto, a reclamada boa vontade de todos, sem a qual, nenhuma semente pode chegar a frutificar.

Nem de longe, como logo se compreende, há o vão propósito de negar a existência de certas falhas; apenas se pretende comprovar o fato insofismável de que nem tudo está errado, havendo mesmo, ao lado das inevitáveis deficiências, muita coisa de útil e, sobretudo, excelente ponto de partida para o necessário e desejável aperfeiçoamento que se têm em mira e que ainda há de vir.

Apenas alimentamos a convicção de haver mostrado claramente que o Instituto dos Industriários, dentro das sadias diretrizes governamentais, tem procurado sempre, com honestidade e dedicação, atender aos sagrados interêsses daqueles a quem pertence, isto é, dos trabalhadores da indústria, seus associados.

Os resultados conseguidos não são ainda plenamente satisfatórios, mas indiscutìvelmente já são muitíssimo animadores.

E quaisquer que êles hajam sido, cumprimos com satisfação o dever de acentuar que tudo quanto temos podido realizar na presidência do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, se deve, e sobretudo se honroso apoio com que nos vem dando, no período dêsse mandato, o Excmo. sr. Presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra.



Paris, na opinião de Zezé Fonseca, tornou-se a cidade da pouca luz. Sua chegada à terra de Clemenceau foi das mais tormentosas, uma vez que o hotel em que reservara aposentos estava ocupado pela O.N.U. Além do mais, os taxis parisienses se achavam em greve... Mesmo assim, a querida "estrêla" pôde conhecer seus monumentos históricos, como a Notre Dame, o monumento de Clemenceau e outros mais

O TEATRO FRANCÊS DECEPCIONOU-ME

ZEZÉ FONSECA FALA DE SUA VISITA A PORTUGAL, ESPANHA E FRANÇA ★ O RÁDIO EUROPEU É INSIGNIFICANTE ★ A DÍVIDA DE GRATIDÃO QUE OS BRASILEIROS TÊM COM MARIA MATOS ★ A MÚSICA PORTUGUÊSA, A MAIS BONITA DO MUNDO ★ DESMAIOU AO VER PEGAR UM TOURO À UNHA ★ O DESCASO DE UM CÔNSUL POR UMA PATRÍCIA ★ OUTRAS NOTAS

O apartamento de Zezé Fonseca, situado num arranha-céu da avenida Presidente Antônio Carlos, tornou-se, por assim dizer, centro de gravitação do mundo radiofônico. Para ali afluem profissionais do microfone e da pena, que vão buscar novidades, recolher impressões, auscultar opiniões e conhecer detalhes do que foi a vitoriosa excursão da consagrada artista pelo continente europeu. Zezé para cada um tem um caso pitoresco a revelar, quando não relembra a sua tormentosa chegada a Paris, em plena greve dos "chauffeurs" de taxi. E tudo isso é entremeado com boas doses de puríssimo Madeira aliado ao delicioso cafezinho da Lucilia.

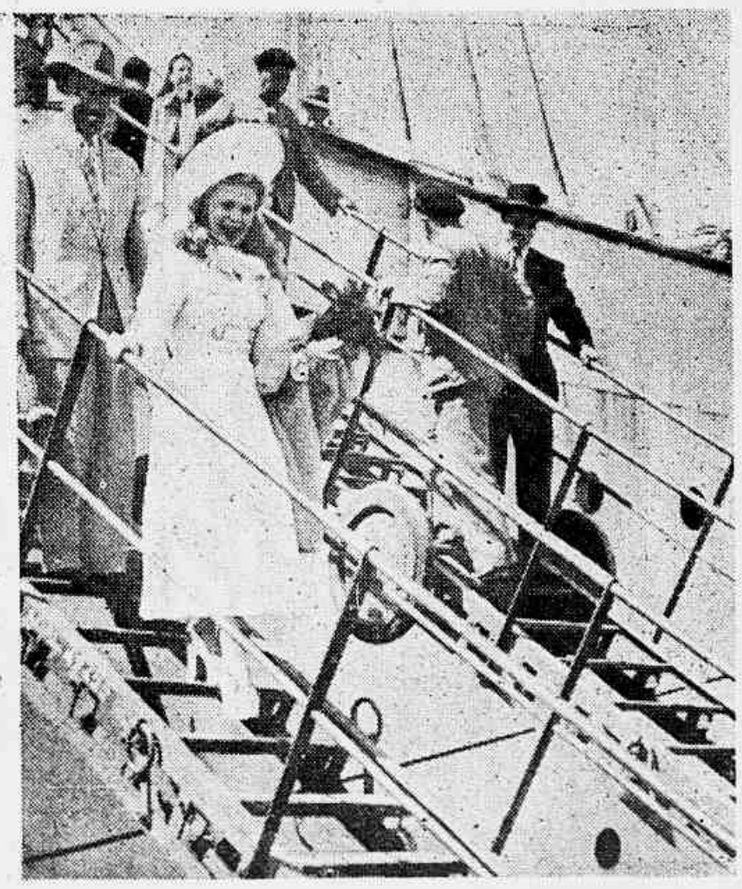
Dona de uma palestra fácil, a criadora de "Deus lhe pague" absorve completamente os que a rodeiam, fazendo-os escutar tim-tim por tim-tim as peripécias em que se viu envolvida nos países por onde andou. Lógico que estamos no rol dos que se mostraram impossibilitados de interromper o cascatear de palavras com que a "estrêla" brinda seus interlocutores. E' que a maneira com que narra os fatos, não somente prende a atenção de qualquer um, como o faz esquecer, por completo, o caminhar das horas.

Zezé Fonseca começou a falar:

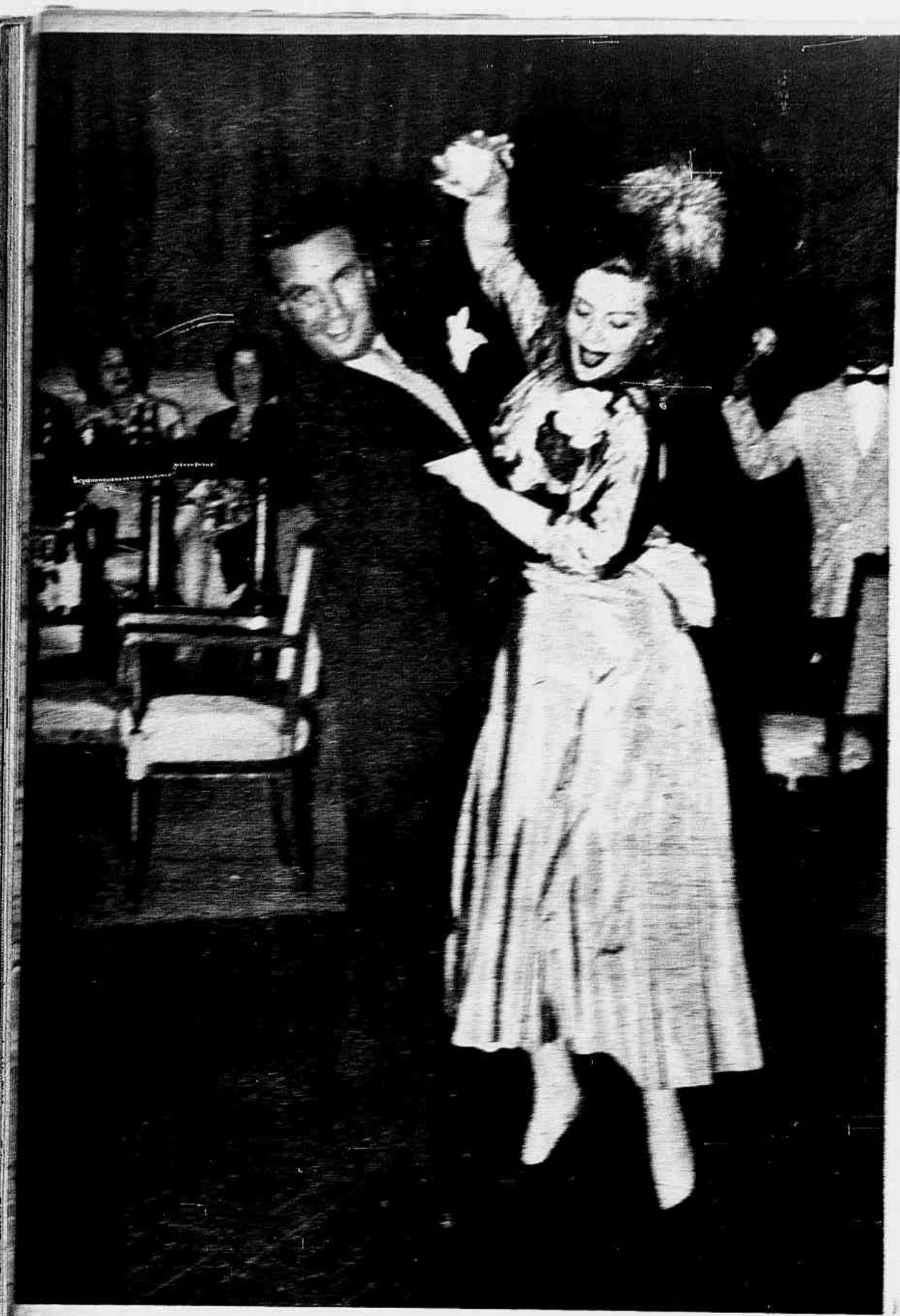
— Essa tendência acentuada do meu temperamento nada esportivo, que me faz detestar o sol, não praticar nenhum esporte, nem sequer andar de bicicleta, manifesta-se no natural desejo de conhecer outras terras. Nenhum lugar do mundo melhor do que o continente europeu, tão repleto de tradições. Daí a razão de minha viagem. Escolhi Portugal, como ponto de início, pelo extraordinário carinho que sempre tive por tudo quanto lhe diz respeito; haja vista a minha última temporada no rádio, a realizada com peças de autores portuguêses. Cito, unicamente, "A Severa", em que contei com a valiosa colaboração da grande amiga Maria da Graça. Além do mais, quando da presença de Leitão de Barros entre nós, fui incentivada pelo escritor José Osório de Oliveira a visitar a tradicional terra lusa, a fim de exibir a arte brasileira em terras de além-mar.

— Seu primeiro contacto com a gente lusa foi em...

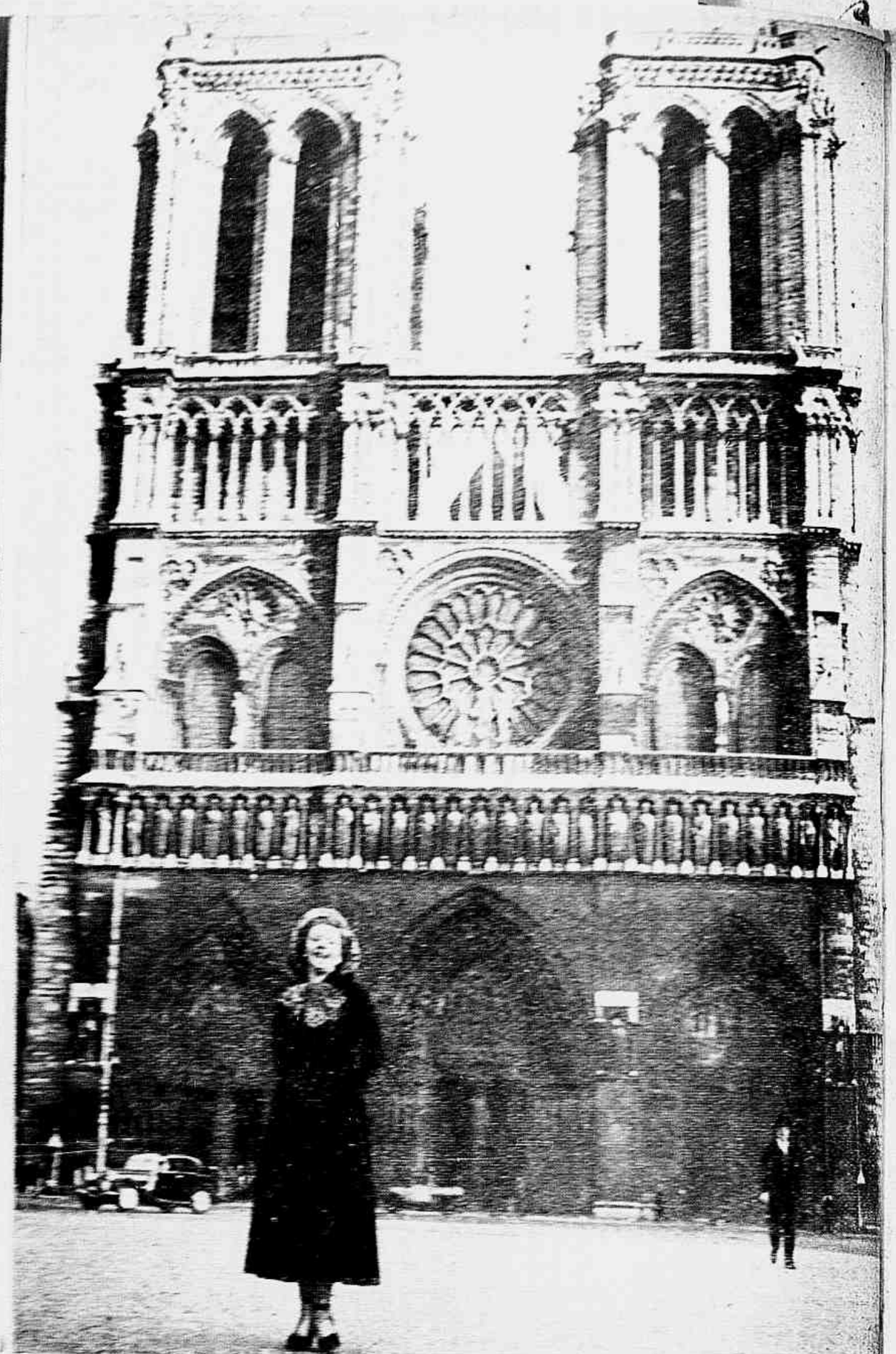
— Lisboa, onde permaneci pelo espaço de dois meses e meio. Afirmo, sem receio de errar, não existir monumento, museu ou qualquer outro local histórico nessa encantadora cidade que me seja desconhecido. Vasculhei-a de norte a sul, guardando na retina tudo quanto de belo e grandioso me foi proporcionado ver. A começar pelo Mosteiro dos Jerônimos, onde se acham guardadas as cinzas de Camões e Vasco da Gama. Êsse monumento da arte manuelina possui uma capela que foge ao estilo. Na mesma existe o Panteon dos Escritores, que guarda os



Afinal, em terra portuguêsa. A criadora do "Diário de Janine" desembarca tôda sorridente, enquanto no cais era aguardada pelas grandes figuras do mundo artístico português



Na palma de Candes, Zezé Fonseca mostra as suas qualidades, dançando um fado. Mas, ignoram saberão, que o mesmo foi executado em ritmo de rumba



Outra recordação da França: a famosa Notre Dame de Paris que muito conhecemos de nome. A "estrela" brasileira tirou-a satisfazendo sua curiosidade turística

metras marcas de Almeida Garrett, Guerra Junqueiro, Antero de Quental e tantas outras glórias das letras portuguêsas.

Em Belem, conhece a célebre torre. Visita o Museu dos Coches, onde pode ver as carruagens que serviram a rainha Carlota Joaquina. Nessa casa de passado existe riquíssima coleção de carruagens, todas referentes à época das carruagens especiais. Visitou, ainda, o Museu de arte Popular, inaugurado durante a minha estada em Lisboa. E lamentável que o Brasil não possua um idêntico, tada a riqueza de material folclórico. Nesse museu figuram trajes característicos e demais objetos relacionados com a tradição portuguêsa. Outra casa do gênero, que chama a atenção do turista, é o Museu das Janelas Verdes, onde foi encontrar uma maravilha feita por Gil Vicente com o primeiro ouro lavado do Brasil. Visitou nesse museu a sala Luis Fernandes, que guarda a mais rica coleção de porcelanas.

Antes de manifestar minha curiosidade pelo outro aspecto de um brasileiro, essa dama notabilíssima, dos mais simpáticos, ao encontrar-se em situação difícil e desejando sabar o que lhe custara milhares sacrifícios escrever ao nosso governo oferecendo a coleção de porcelanas. Esta, porém, não se interessou muito pelo caso, levando-a a toá-la ao govêrno português que, em sinal de agradecimento, lhe ofereceu algumas das salas do Museu das Janelas Verdes.

— Bem, Zezé, falemos um pouco do rádio português.

— É bom viajar para fazer justiça ao Brasil. Vejo que o nosso rádio sofre ataques injustos. Na França, Espanha e Portugal, ele é magnífico. Nesse último país é oficial ou oficioso. Existe a Emissora Nacional, controlada pelo govêrno. Fora dessa, encontramos a Rádio Clube Portuguêsa, que explora bons comerciais.

Maria da Graça é a maior atriz do broadway portuguêsa. Amália Rodrigues, por sua vez, é o fado de Portugal, por ter dado uma nova fundo a fado tradicional aos países americanos. Ela gostou não pouco de gravar, bem de cantar o fado. Suas músicas em geral são na Tabernas Luar, onde permaneceu quinze dias, cercada por todo sucesso, sendo pois que lá [illegible] existe nas vitrines e nas artes portuguêsas. E [illegible] figuras proeminentes do cenário artístico [illegible] a primazia de uma análise [illegible] Portuguêsas.

— Não [illegible] tem [illegible]

— [illegible] a mulher portuguêsa é mais bonita do mundo. Por isso, que tive a grande satisfação de dançar o fado que nas tabernas de Belem, [illegible] em ritmo de rumba, [illegible] mais [illegible]. A minha surpresa pelo fado e também que [illegible] em Lisboa, foi [illegible] a rua do Museu [illegible]

Outro flagrante da visita de Zezé Fonseca à Catedral de Sevilha. Nêste vemo-la à porta do famoso templo religioso

Sevilha [illegible] vêmo-la na Catedral [illegible] sevilhano

está a casa da Severa. Que surpresa e satisfação para mim percorrer a moradia daquela que interpretei no rádio brasileiro!

— Quanto à música brasileira...

— E' muito bem executada e dançada. Os números mais em voga são "Aquarelas do Brasil" e "Tico-tico no fubá".

— A propósito do teatro português, que nos diz?

— O repertório não está muito avançado. Suas companhias possuem valores isolados, porque dificilmente aparecem figuras novas. Isto falando do teatro de revista. Quanto ao de comédia, conheci as realizações de dona Amélia Rey Colaço e as d'Os Comediantes, que reúne grandes figuras, como João Villaret, Assis Pacheco, Ribeirinho e outros.

Tive ensejo de assistir ao trabalho do ator Alves da Cunha, que alguns portuguêses, injustamente, chamam de ator fora de moda. Aplaudi-o de tal maneira que meus pesados brincos caíram sem que eu sentisse. Seu trabalho me fez chorar copiosamente, a ponto de chegar a seu camarim para cumprimentá-lo, ainda soluçando. Também João Villaret, declamando "Essa nêga fulô", entusiasmou-me profundamente, levando-me a aplaudi-lo de pé. E quando terminei de bater palmas estava com as mãos inchadas.

— Quais as mais gratas recordações que você guarda dos artistas com que travou conhecimento?

— Primeiramente, devo dizer-lhe que temos uma dívida de gratidão com dona Maria Matos. Não fala no Brasil sem derramar lágrimas. E sua admiração pela nossa terra é tão grande que em sua mesa de trabalho possui uma caixa de prata com terra do Brasil. Na palestra que mantive com a gloriosa artista portuguêsa, ela afirmou-me que o dia mais feliz de sua vida será o de sua volta à nossa terra.

Outra agradável surprêsa foi conhecer Palmira Bastos, ídolo de meus saudosos pais. Criatura elegante, voz moça, ela desfez aquela impressão que me fazia acreditar numa senhora bem idosa, de cabeça toda branca. A Palmira Bastos que conheci deu-me a impressão de uma artista em plena juventude.

— E' exato que dona Amélia Rey Colaço a convidou para trabalhar em sua companhia?

— Sim, recebi convite para participar de uma peça. Porém três dias depois da minha chegada terminava a temporada. Só em novembro a companhia voltaria a tomar conta do teatro e as minhas reservas econômicas estavam esgotadas. Dona Amélia Rey Colaço, aliás, havia solicitado ao escritor Ramadas Curto uma peça para a minha estréia. Mas quando da reabertura da temporada, feita com "As meninas da Fonte da Bica", vi ser impossível esperar. Esta a razão de não ter pisado a ribalta.

— Por que, então, recusou participar do teatro de revista?

— Pelo motivo acima referido. Aliás, quando em viagem, recebi um telegrama do empresário Rosa Mateus e cheguei a ser procurada pelo sr. Miguel Rico para trabalhar no Teatro Variedades, ao lado de Vasco Santana. Eis quando recebi o convite de dona Amélia Rey Colaço. Não quero que pensem que menosprezo o gênero revista, haja vista que considero Oscarito o maior ator de todos os tempos. Sabendo declamar, unicamente, não cantando nem dançando, receiei assumir compromisso com os empresários de revista.

— Mas êsse gênero é mais compensador, financeiramente?

— Sim. Paga infinitamente mais do que o teatro de comédia. Basta dizer que Adelina e Aurea Abranches, Palmira Bastos e João Villaret fazem revista no verão, chegando a perceber trinta mil cruzeiros por mês.

ZEZÉ FONSECA VÍTIMA DOS NERVOS

A conversa volta ao pitoresco das cidades portuguêsas. A "estrêla" nos fala do Convento da Batalha, onde Dom Pedro e Ignez de Castro aguardam o momento do Juízo Final. Historia a festa da Senhora da Agonia, com o desfile de trajes característicos. Recorda o encanto da Nazareth, com seus pescadores. Diz de sua admiração pelas estradas de rodagem, onde a poeira não existe. Conta o que foi sua excursão pelo Minho. Finalmente, fala de uma corrida de touros.

— Há duas entidades no coração dos portuguêses: a fadista e o toureiro. Assisti a uma corrida de touros em Coimbra, em que os toureiros trajam à Marialva. Esta, por sinal, foi uma das maiores emoções de minha vida. Jamais poderia imaginar que aquêles cavalinhos que vi surgir na praça fossem capazes de tanta delicadeza. Calcule você que, ao som da música, êles não só dançaram como fizeram reverências para os frequentadores. Eu, diante do que via, achei a tourada a coisa melhor do mundo. Mas, de repente, ao ver surgir um grupo de rapazes que marchou resoluto contra o animal bravio, para segurá-lo a unha, desmaiei, seu Migueis. Êsse grupo, conhecido como os forcados de Santarem, é composto de rapazes da mais alta sociedade portuguêsa.

Para terminar essa conversa sôbre Portugal, devo dizer-lhe que com o regime para emagrecer arranjei cinco quilos em Portugal. No vinho, na cozinha e nos doces.

— Agora, fale um pouco da Espanha.

— Assisti a uma filmagem com Luiz Sandrini, cômico argentino. O teatro espanhol não assombra. Vi "Divórcio de almas", peça de Jacinto Benavente, que não me pa-

Durante sua estada em Portugal Zeze conviveu com as figuras mais importantes do mundo artístico. Aqui, a temos abraçando a progenitora de Maria da Graça, conhecida intérprete do cancioneiro luso

Um grupo de [illegible] homenageiam a [illegible] rádio-atriz, oferecendo-lhe [illegible]. De longe é a fotografia acima em que se vê Zezé Fonseca rodeada pelos [illegible], figurando no primeiro plano José [illegible], irmão da [illegible] artista Maria [illegible].

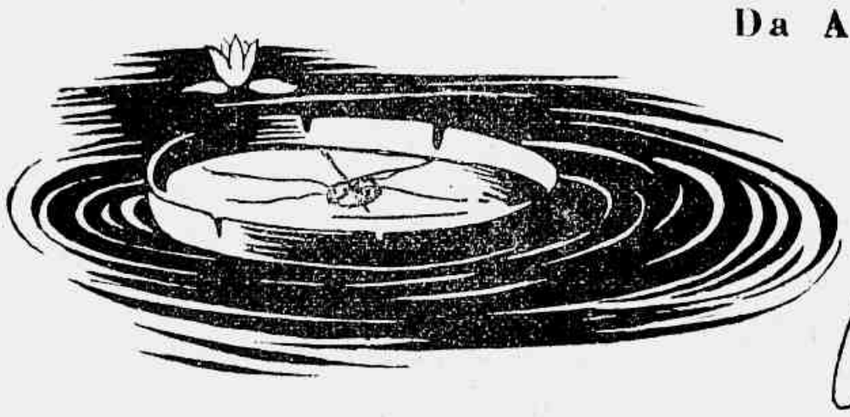
[illegible] umas às outras. Na cidade de San Sebastian, assisti a um trabalho de [illegible] pela Companhia de Comédia Catalã, que me agradou. Nessa cidade fui ao teatro [illegible], visitando o museu local em que [illegible], por assim, ruínas romanas. Estive em Barcelona, assistindo a Josephine Baker, cantando [illegible], num milagre de juventude e [illegible], apresentando-se em nova fase. Fui a Montserrat, visitei a [illegible] a capela em que apareceu a Virgem La Moreneta. Em Sevilha, visitei a casa de Murillo e a casa onde Cervantes escreveu Dom Quixote. Na primeira, ao mostrar meu interesse em [illegible], fui recebida por uma [illegible]

[illegible]

Uma cena bem sugestiva para os fans de Zezé [illegible] o exemplo da terra, ela não se furtou [illegible] no Portinho da Arrábida

[illegible]

Da Amazonia



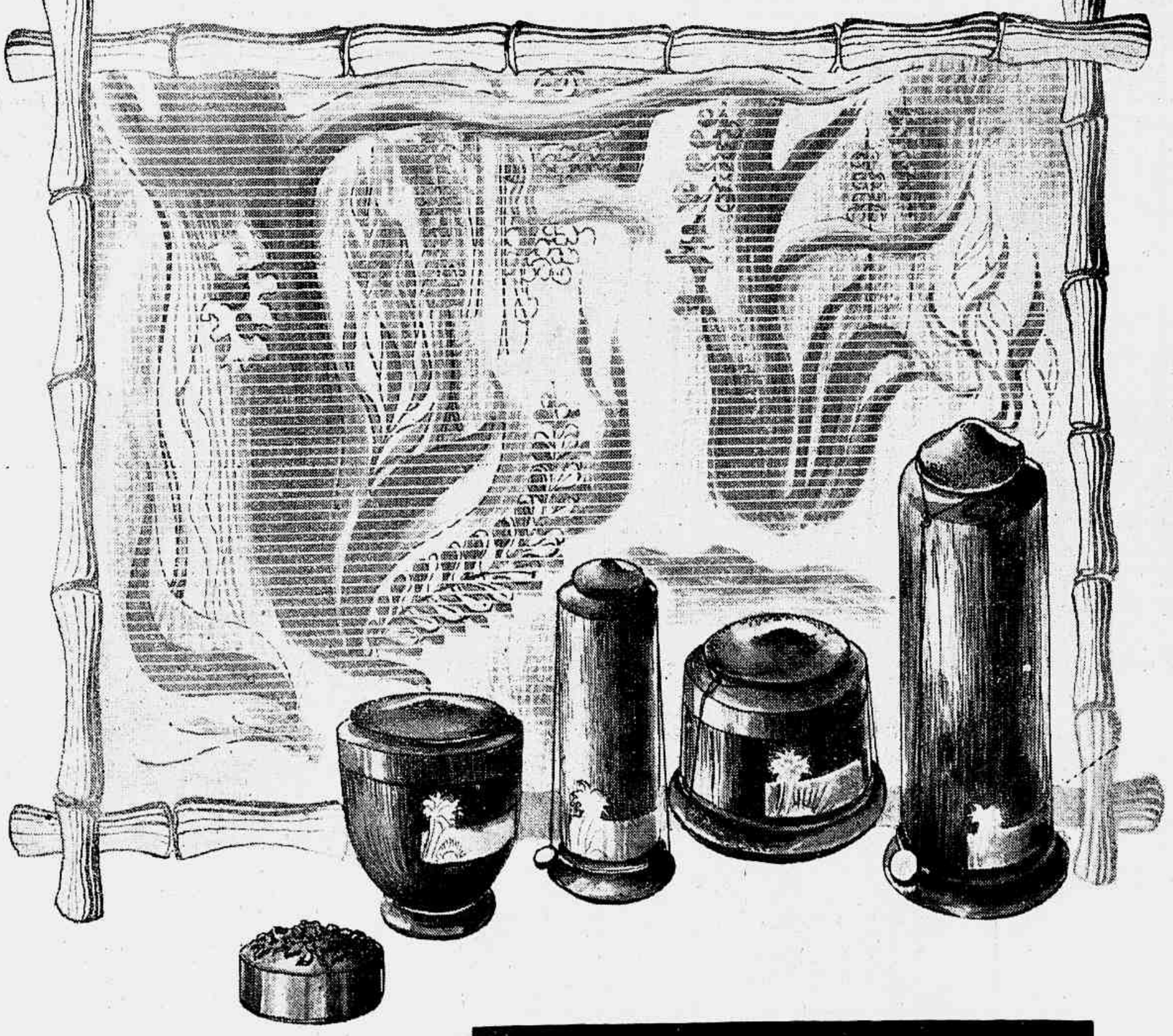
Xendária

...para o seu toucador!

Uma "linha" de perfume diferente e original caracterisada pelo tom das madeiras d'Amazonia de fragrancias belas mas inexplicáveis!

Pó de arroz, rouge, extrato, loção e brilhantina em originais embalagens de madeira. Peça ao seu perfumista

MADEIRAS D'AMAZONIA.



Criações PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO PARA

QUEM HA DE DIZER

(Samba-canção)

De Lupicinio Rodrigues. — Grampão de Francisco Alves

I

Quem há de dizer
Fiquem vocês sabendo
Naquela mesa bebendo
E' o meu querido amor
Reparem bem
Tôda a vez que ela fala
Ilumina mais a sala
Do que a luz do refletor
O cabaré se inflama
Quando ela dança
E com a mesma esperança
Todos lhe põem o olhar
E eu o dono
Tão só no meu abandôno
Espero louco de sono
O cabaré terminar

II

Rapaz leva esta mulher contigo
Disse uma vez um amigo
Quando nos viu conversar
Vocês se amam
E o amor deve ser sagrado
O resto deixa de lado
Vai construir o teu lar
Palavra, quase aceitei o conselho
O mundo êste grande espêlho
Que me fez pensar assim
Ela nasceu
Com o destino da lua
Para os que andam na rua
Não vai viver só para mim

★

SMOKE GETS IN YOUR EYES

De Jerome Kern

They asked me how I knew
My true love was true
I of course, replied
Somethin here inside
Cannot be denied, denied
They said some day you'll find
All who love are blind
When your hearts on fire
You must must realize
Smoke gets in your eyes
So I chaffed them
And gaily laughed
To think they could doubt my love
Yet today my love has gone astray
I am without my love
Now laughing friends derive
Tears I cannot hide
So I smile, and say
When a lovely flame dyes
Smoke gets in your eyes

★

J U A N I T A

(Rumba)

Alberto Costa e Oldemar Magalhães — Gravado por Mário Camargo

I

Juanita
Mi cielo y mi dolor
Eres linda
Fragancia de una flor
Dime si me quieras
Como yo a ti
Porque no puedo más vivir
Tan solo a ti.

II

Juanita
Quiero hablar-te una cosita
Si no puedo ahora
Volveré despues
Deja-me besar tu boquita
Con todo el fuego una sola vez

Juanita yo te quiero yo te adoro
Tu persona nunca nunca olvidaré
Junto a mi tendrás el mundo
Tendras la vida tendras cariños
Que yo te daré

BROADCAST

A. M.

A SERVIÇO DA CULTURA

A televisão, conquanto fruto de experiências no Brasil, já está preocupando os responsáveis pela linha de programações das emissoras cariocas. O que se nota, ùltimamente, é a preocupação de criar "broadcasts" fàcilmente televisionáveis, como no caso dessa "Academia de Esportes", lançada ao microfone da Tupi. Programa feito para o auditório, êle ganhará em sucesso quando a televisão se tornar mais real em nossa terra. E' que com a mesma, o ouvinte de casa terá a oportunidade de acompanhar tôdas as provas a que são submetidos os candidatos. Idêntica situação ocorre com "Rua Quarenta e Dois", de Manuel Barcelos. Com o invento em uso no Brasil, êsses "broadcasts" subirão no conceito do público senfilista, porquanto êste deixará de "enxergar" pelo ouvido.

Mas, enquanto êsses preparativos se vão desenvolvendo, com os quais o rádio brasileiro estará apto a adotar a televisão, uma emprêsa, tendo à frente o locutor Cesar Ladeira, anuncia a compra de aparelhagem indispensável à transmissão de imagens. De início, falou-se que a mesma se destinava à Rádio Mayrink Veiga. Porém, com o desligamento de Cesar Ladeira do "casl" mairinquiano, e ingresso no elenco da PRE-8, tem-se como certo que a Nacional será a primeira emissora brasileira a contar com os serviços dessa revolucionária descoberta. Isso, atendendo à situação difícil por que atravessa a PRA-9, já desfalcada em seu "casl" dos melhores elementos com que poderia contar.

Mas, não estamos aqui discutindo a primazia desta ou daquela emissora. Desejamos, isto sim, que a televisão seja utilizada, o quanto antes, no Brasil, dado o grau de adiantamento do "broadcasting" nacional. Sua conquista pelas estações brasileiras, representa mais um passo no caminho do progresso porque o rádio, atualmente, já vive a serviço da cultura, conforme profetizou o mestre Roquete Pinto.

RÁDIO-FLASHES

NOVIDADES EM FOGO

Acompanhado do pianista José Cesar Agueres e da sra. Maria Teresa Vargas, chegou ao Rio, procedente de São Paulo, o cantor Pedro Vargas. O artista mexicano realiza, no momento, nova temporada ao microfone da Rádio Nacional, além de tomar parte no "show" da "boite" do Copacabana Palace.

★ Acaba de assinar contrato com a Rádio Globo, depois de prolongada excursão pelos países do Prata, onde integrou a orquestra de Francisco Lomuto, o cantor Eduardo Inda. Êsse artista, presentemente, participa da filmagem de "Caminhos do Sul", película que reunirá Maria Della Costa, Saúl Cabral e outros nomes conhecidos.

Mario Brasini andou pelos Estados com o conjunto teatral que êle e Milton Carneiro organizaram. Agora, saudoso do microfone, resolveu retornar ao rádio, assinando contrato com a PRE-8. Sua participação na linha de programações da Nacional, será como produtor e intérprete.

★ — Tem-se, como certo, que o sr. Orlando Dantas, ora nos Estados Unidos, está interessado na montagem de uma estação emissora, a fim de ampliar o serviço jornalístico da emprêsa que dirige.

LUIS DE CARVALHO NA PREFEITURA

Dentre os contemplados com a criação de novos cargos na Prefeitura, está Luís de Carvalho, elemento popular nas lides radiofônicas da cidade. Ao que soubemos, na farta distribuição de empregos, o animador do "Chá das Três" foi aquinhoado com uma letra "L" que, no fôl das coisas, corresponde a quatro mil e quinhentos cruzeiros mensais. Mas, não se afligam suas inumeráveis fãs, porque o locutor da Globo não pretende, de modo algum, abandonar a carreira que lhe deu fama, popularidade e... um emprego municipal. Aliás, Luís de Carvalho vem de ser sondado pelo sr. Edmo do Vale para ingressar no elenco da PRE-8, sem ordenado, aceitar a proposta que lhe foi dirigida.

ACONTECEU NA TUPI...

Durante uma das apresentações do "Colégio Musical", programa que José Mauro escreve, ocorreu uma cena bastante curiosa capaz de mostrar o nível cultural da maioria de frequentadores de programas de auditório. E' que, dentre as perguntas feitas, destacava-se uma referente ao compositor russo Tschaikowsky. Ari Barroso, dirigindo-se a um dos presentes, indagou:

— A que escola pertence Tschaikowsky?

O aluno não perdeu tempo. Saiu-se com esta:

— A escola comunista.

MONUMENTO DE PROGRESSO

Raimundo Magalhães Junior, agora produtor da Rádio Nacional, tem conceito formado sôbre o "broadcasting" brasileiro. Para êle, "a radiofonia, no Brasil, é um caso surpreendente. Surgiu tarde. Mas, mesmo chegando atrasada, está hoje, em poucos anos de existência, num gráu de progresso admirável. A obra de Roquete é hoje um monumento do nosso progresso e da nossa cultura".

SABIA...

... que o conjunto "Quitandinha Serenaders" é composto de um gaúcho, dois cariocas e um mineiro?

... que a PRE-8 dispende dez mil cruzeiros mensais pelo contrato de Edú, artista que durante vários anos pertenceu ao "casl" da Mayrink Veiga?

... que o verdadeiro nome de César Ladeira é César Rocha Brito Ladeira e que seu primeiro contato com o microfone deu-se em São Paulo?

... que coube a Heber de Boscoli, atual maquinista do "Trem da Alegria", viver o papel de Gabriel, na novela "Em busca da Felicidade", irradiada pela Nacional?

... que uma carta endereçada a "O Sombra", conseguiu chegar aos estúdios da Nacional, apesar de não trazer maiores detalhes, a não ser o nome do destinatário?

UM SAMBA E ISAURINHA

Isaurinha Garcia, a virtuosa "estrelinha" do "broadcasting" bandeirante, cuja atuação no sem fio carioca, foi das mais brilhantes, já gravou inúmeras composições de sabor popular. Porém, uma delas tornou-se de sua preferência. E' o samba "Duas mulheres e um homem", criação que ela diz compreender como ninguém, gostando e sentindo a letra dessa composição. E' que a música em apreço, diz alguma coisa ligada à vida de Isaurinha...

NOVAMENTE, GURGEL

A novela permanece em cartaz, razão dos especialistas no gênero continuarem a produzir histórias em capítulos. Amaral Gurgel, por exemplo, responsavel pelas apresentações da Rádio Globo, é o autor de "Egoismo", drama seriado cujo desempenho foi confiado a Urbano Loes, Daisy Lucidi, Teixeira Pinto, Tereza Costa, Sérgio Erico, Amelia Ferreira e Hemilcio Fróes. Ainda, de Amaral Gurgel, é a novela "Humilhação", em que Graziela Ramalho tem destacado papel. Nessa peça, a rádio-atriz da PRE-3 vive "Dona Flôr", interessante tipo, em que mais uma vez é posta à prova a capacidade criadora de Graziela Ramalho.

JOSE AMERICO E A HORA DO BRASIL

Quando ministro da Viação e Obras Publicas, ao tempo do govêrno Getulio Vargas, o atual senador José Americo levava à sanção presidencial o decreto 21.111, pelo qual regulamentava-se a exploração dos serviços de rádio-comunicações, figurando nelo os referentes à rádio-difusão. Daí, a criação da "Hora do Brasil" que, pelo acôrdo assinado o govêrno e os proprietários das estações de rádio, se deveria chamar "Programa Nacional". Infelizmente, a demagogia estadonovista, desvirtuando o sentido dessa "hora", tornou-a alvo das mais curiosas piadas, dado o endeusamento feito através da mesma, das figuras e atos do govêrno. Como se vê, coube ao senador udenista a criação da malsinada "Hora do Brasil" da qual se utilizou o sr. Getulio Vargas para fazer propaganda do Estado Novo.

ESTÚDIO A PARTIR DAS DEZ

A Rádio Nacional continúa na vanguarda das iniciativas radiofônicas. Com um dos mais completos "casts" artísticos a par de formidáveis recursos técnicos, ela acaba de lançar movimentada programação de estúdio, a qual se iniciando às dez horas da manhã, estende-se até às treze horas e 30 minutos, sem prejuízo do noticiário e das novelas, dela participando os principais elementos do elenco da PRE-8, inclusive Alonso Silva Araújo.

SERA MESMO?

A Rádio Club do Brasil prossegue anunciando Mendes Nogueira como o mais original folclorista do país. Isto, num ambiente artístico em que figuram no meios conhecidíssimos como interpretes da música folclórica. Não haverá um pouco de exagero nessa publicidade da PRA-3?

★ Osvaldo Rubum está se excedendo nas apresentações de "Calouros em Desfile", com piadinhas de mau gôsto. Locutor de qualidades apreciáveis, nada justifica suas brincadeiras com os candidatos, a não ser que êle queira igualar-se a certos animadores sem escrúpulos. S. "6".

"Crooner" da orquestra de Francisco Lomuto, cantor da Rádio El Mundo, artista de um filme argentino, figura de primeiro plano de "Caminhos do Sul", Eduardo Inda acaba de assinar contrato com a Rádio Globo, a fim de tomar parte nas audições de Panchito y Pastor. Isto, depois de longa ausência dos microfones cariocas, em virtude de sua prolongada "tournée" pelos países do Prata, onde teve oportunidade de aparecer em "boites", estações de rádio e no cinema portenho.

"Los Huasteços", famoso trio vocal mexicano, teve seu primeiro contato com o público brasileiro através do microfone PRE-8. Agora, retornando à terra carioca, êsse mesmo conjunto se apresenta aos senfilistas nacionais por intermédio da PRE-8. Artistas consagrados no continente americano, "Los Huasteços" atuam ainda na "boite" do Copacabana Palace.

Charmiene, nova "estrêla" da L.K.O., exibe elegantíssimo modêlo em renda preta. O corpo é longo, a sala muito ampla

Nos Bastidores Femininos

DIFICILMENTE uma pessoa tímida poderá vencer, quer no campo de suas atividades comerciais, sociais ou artísticas, ainda que possua bastante valor para isso. A timidez a torna retraída e duvidosa do seu próprio valor. Não é nada raro encontrarmos nos escritórios ou em qualquer parte, moças de real capacidade, inteligentes, estudiosas, que não dão um passo à frente, receiosas de um fracasso ou de um ridículo. Em geral, são vencidas por outras de muito menor valor mas de maior coragem e audácia. Concordamos que não seja interessante para uma moça ser por demais atirada, fazer o elogio próprio, envolver-se em assuntos que desconheça e assumir cargos superiores à sua capacidade mental; no entanto, achamos pior ainda aquela que se retrai, quando possui qualidades para aparecer. As primeiras, muitas vêzes, conseguem vencer pela audácia e tenacidade; as outras quase nunca vencem. Escondem atrás da sua timidez todos os seus conhecimentos, tôda a sua capacidade, e receiam até demonstrá-los, porque nunca estão seguras de si mesmas. Indiscutivelmente, isto as prejudica em qualquer terreno da vida pública ou particular, razão porque deveriam combater tal complexo. Uma reação, mesmo lenta, poderia ir dando à moça tímida a certeza do seu valor e das suas possibilidades de vitória e, aos poucos também o "complexo" poderia ir desaparecendo. Não importa que se cometa um êrro ou uma "gaffe"; isto não deverá servir de pretexto para um retraimento maior, mas para aumentar o desejo de se corrigir e de poder enfrentar com maior segurança, outras situações. A confiança em si própria é necessária; é ela quem dá a certeza de poder vencer; as que são apenas audaciosas, confiam na sua audácia, e vencem muitas vêzes; as outras, porém, as realmente capazes, possuem muito maior razão para confiar e vencer. Mas, para isso, é necessário que afastem a timidez, que reconheçam o seu próprio valor e que façam sentir aos outros a segurança na sua capacidade porque só assim estarão aptas a vencer na vida.

O. B.

Flôr DE Outono

DONA LUIZA dobrou o telegrama apressadamente. A porta parecia estreita de mais para aquela pressa toda de passar. Mais alguns minutos e Maria de Lourdes, Paulo e o nenem estariam no Rio. O avião chegava às quatro... tinha apenas uns curtos minutos para trocar de vestido, arrumar um pouco o rosto e chamar o taxi.

A porta do guarda-vestidos fez o ruido chorão e dona Luiza queria refletir mas não podia. Levaria o vestido preto? Ficava melhor para aquêle dia cinzento e mudo. Sim, o preto. Olhou no espêlho. Não, êsse não. Maria de Lourdes não gostava que ela usasse preto. Quando ficara viúva pouco usava preto por causa dela. O cinzento talvez fosse melhor... não, o azul marinho com a gola de renda branca. Sim, seria mesmo o azul marinho.

Lola telefonava para o ponto de automóveis. O pente correu célere no cabelo castanho já meio grisalho de dona Luiza. O ruido da chuva, lá fora, dava uma estranha angústia, um desconfôrto interior, talvez saudade, talvez mágoa de alguma lembrança triste.

— Pronto, chegou o taxi, dona Luiza. — E a voz de Lola encheu o quarto-de-vestir, tirando dona Luiza daquela anestesia defronte do espêlho.

— Já vou, Lola.

Os seus passos eram pesados e às vêzes parecia que iam faltar ao comando do cérebro. Não era para menos, aquêle nervosismo! Dois anos sem Maria de Lourdes, não conhecia o nenem, e ainda mais sabendo que ela andava doente, tão doente que Paulo resolvera vir ao Rio e trazê-la para consultar médicos mais afamados. Muitos pensamentos, ao mesmo tempo, rolaram pelo seu cérebro durante aquêles poucos passos, do quarto até o portãozinho coberto pelo caramanchão de rosas vermelhas. Não sabia mesmo o que estaria acontecendo com Maria de Lourdes... O "chauffeur" lhe abriu a porta do carro. Olhou, antes de entrar, para Lola, atrás dela, limpando as mãos no avental branco, meio inquieta, meio pensativa.

— Até já, Lola.

— Té já, dona Luiza.

O braço de Lola sentiu forte a extremidade ponteaguda de uma das tábuas do portão. Era como se alguém tivesse espalhado por ali algum anestésico. Desde que o taxi que levara dona Luiza saiu a toda, pela rua de oitis, que Lola ficara ali, perdida de si mesma, procurando o porquê de tudo, divagando, com o braço fincado na ponta fina. Só agora dava por isso. Limpou a testa molhada de chuva com o avental, olhou vagamente a água se derramando na sarjeta em frente, e voltou correndo para dentro de casa.

Agora, de mãos cruzadas para trás, no quarto de solteira de Maria de Lourdes, tinha na frente dos olhos todas as cenas passadas. Primeiro a doença interminável do dr. Mário, a abnegação de dona Luiza, suportando tudo, levando tudo com equilíbrio. Dr. Mário, cruzes! Como era insuportável! Talvez a doença, coitado!... mas tinha um ciúme doido! A vida era mesmo um castigo. Dona Luiza chorando escondida, dona Luiza prêsa em casa como uma criminosa, dona Luiza esperando Maria de Lourdes. Parecia que via tudo outra vez. Em toda aquela beleza da sua juventude, dona Luiza só tinha encontrado lágrimas. O dr. Sampaio, médico do dr. Mário, que pérola! Vinha todos os dias para dar injeções. Era a única pessoa que a gente via em casa. O dr. Mário não queria que ninguém chegasse aqui... até a pobre da dona Santa, mãe de dona Luiza... Ficou tão malvado depois de ficar paralítico que só tinha um prazer: fazer dona Luiza chorar. Aquêle dia em que êle morreu se parecia com o de hoje. Chuvoso, triste. Assim mesmo dona Luiza chorou tanto... não sei se de pesar, não sei se de alívio. Deus me perdoe! Estava esperando Maria de Lourdes para aquêles dias. Ficara casada um ano só. Quatro meses o dr. Mário bom, e o resto na cama, entrevado. Depois, dona Luiza na Casa de Saúde, acabada, magra, triste. Quando veio, trouxe Maria de Lourdes, um fiozinho de gente de tão pequenina e magra. Todos falavam que tinha sido fruto de tanto sofrimento.

Maria de Lourdes, meu Deus, que problema de criança! Tão magrinha, tão doente, tão chorona. Dona Luiza continuava triste. Parece que a mocidade se tinha ido toda. O dr. Sampaio, cada vez mais amigo, continuava aqui, tratando dela e de Maria de Lourdes. Dona Luiza foi ficando bonita outra vez e foi revivendo. Depois fomos para Pelotas. Ficamos na casa do irmão de dona Luiza. Maria de Lourdes crescia, mas que trabalhão! Parecia uma segunda aparição do dr. Mário. Cheia de vontades, mandava em todos e nunca cedia um só pontinho. Dona Luiza sofria, mas se resignava sempre. Aquêle ciúme todo do dr. Mário passou para a cabeça de Maria de Lourdes. Oh menina ciumenta! Deus me livre! Não deixava ninguém chegar perto da mãe. Parecia, se Deus me perdoar, um cão de guarda. Como era difícil lembrar aquêles tempos!... O pior foi quando o irmão de dona Luiza morreu. Tivemos que voltar de novo para aqui. Dona Luiza tinha essa casa que foi a única herança que o dr. Mário deixou, mas como ia ser o resto? Começou a ensinar pintura, para ganhar a vida, e ficamos, outra vez, as três sozinhas. Maria de Lourdes já estava com 12 anos... fazia cada cena com as alunas de dona Luiza... brigava à toa, atirava os tubos de tinta pelo chão, lambusava as telas e depois chorava feito uma louca. A gente via como dona Luiza sofria. Um belo dia bateram à porta.

E Lola buscava, outra vez, a voz de dona Luiza, perdida naqueles dias passados.

— Corra, Lola, veja quem é.

Fui ver. Era o dr. Sampaio. Sempre mais bonito, têmporas já meio grisalhas e fisionomia tranquila. Os olhos dele parecia que falavam. Perguntou logo por dona Luiza. Foi uma tarde alegre. Maria de Lourdes ficou conhecendo o dr. Sampaio. Via-se depois de algum tempo que estava gostando de dona Luiza. Pediu-a em casamento. Ela agora estava tão linda... e não sabia se devia aceitar: creio que essa dúvida, essa indecisão, era toda por Maria de Lourdes. Passaram-se alguns meses e o dr. Sampaio tornou a falar nisso. Dona Luiza estava apaixonada, a gente podia ver perfeitamente. Casaram-se no dia da comunhão de Maria de Lourdes. E a pequena mudou da noite para o dia. Nem carinhosa, nem meiga. Ficou assim como imagem apagada. Sua vida era mais interior do que exterior. Ninguém sabia o que ela pensava. Falava pouco e quase nunca chegava perto da mãe. O dr. Sampaio notava tudo, mas nada dizia. Maria de Lourdes emagreceu e começou a ficar de olhos inchados de tanto chorar escondida. Dona Luiza outra vez inquieta. Todos agora eram felizes, mas... Maria de Lourdes? Um dia, lembra-se agora Lola, eu estava limpando os móveis do quarto de Maria de Lourdes, e dona Luiza perguntava coisas, sentada na cama. Ela estava deitada e respondia secamente. De repente desabafou. Tinha ódio do dr. Sampaio.

— Por que, minha filha? — falou dona Luiza.

— Por que? A senhora ainda não reparou?

— Reparar? O que, Maria de Lourdes?

— Nada...

Aquêle "nada" era como uma coisa escondida, difícil, ma. Dona Luiza não se conteve. Agarrou Maria de Lourdes pelo braço, como quem pega um criminoso. Foi a primeira desorientação sofrida por dona Luiza. Antes, jamais se zangava.

— Que é êsse "nada"? Fala, ou eu te arranco as orelhas.

— Largue-me, mamãe. Eu direi tudo. E' que... êle me namora.

— Mentira, Maria de Lourdes! — Os olhos de dona Luiza pareciam saltar das órbitas.

— E' verdade?

— Sim.

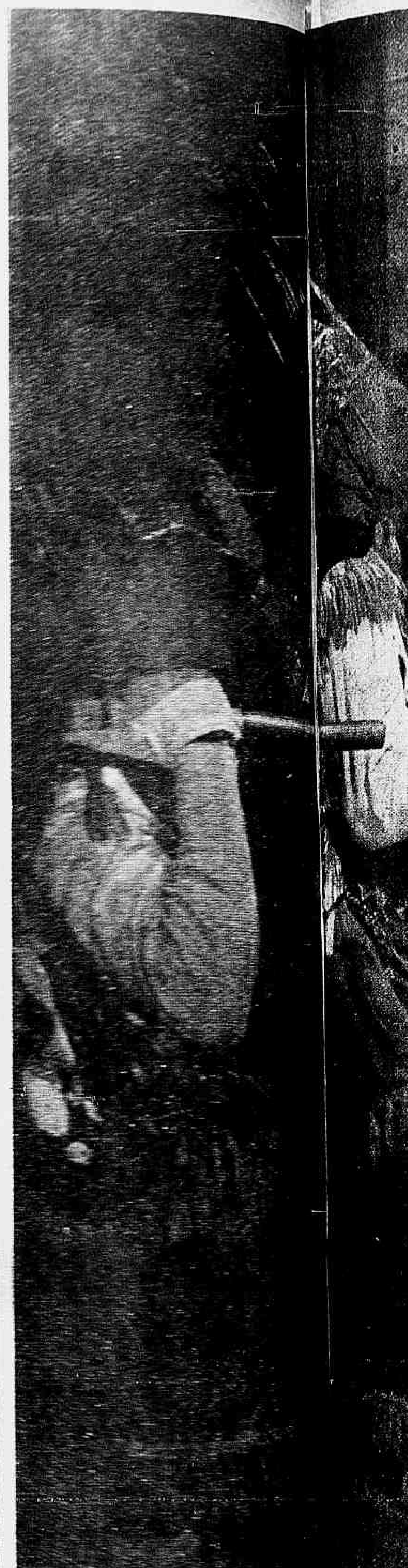
Aquêle "sim" decidira da sorte de dona Luiza. O advogado veio aqui algumas vêzes procurar dona Luiza. O desquite fez-se quase instantâneo e o dr. Sampaio foi para os Estados Unidos. Ficamos outra vez sozinhas. Depois, Maria de Lourdes estava com 16 anos e ficou noiva de Paulo quando êle saiu da Escola Militar. Casou-se um ano depois e foi morar em Natal. Dona Luiza e eu ficamos na mesma casa e ela continuou

(Continua na página 47)

CONTO DE **LAUSIMAR LAOS GOMES** ★ ILUSTRAÇÃO DE **JERÔNIMO RIBEIRO**

A moda atual proporciona à mulher o ensejo de aparecer mais bela, mais feminina e mais encantadora. Os modelos para a tarde, principalmente, são de uma elegância indiscutível. **Ao alto:** Com uma jaqueta de veludo, que devido ao calor poderemos substituir pelo cetim ou tafetá, esta "estrelinha" da RKO usa uma saia em tafetá côr de chumbo com listras vermelhas e verdes formando quadrados. A saia é tôda em gomos, o que lhe dá acentuada originalidade. **À esquerda:** Em **nylon** preto ou marinho. Jaqueta mais longa. Saia com quatro babados. Flôr à lapela. **À direita:** Modêlo muito original, dando idéia de "duas-peças" na frente, atrás forma **pouff**

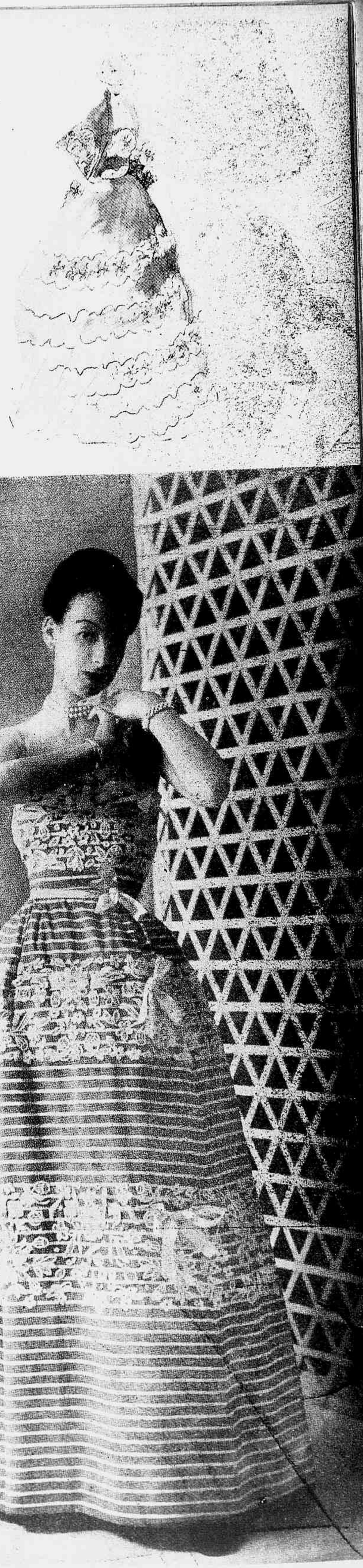
Depois das cinco...

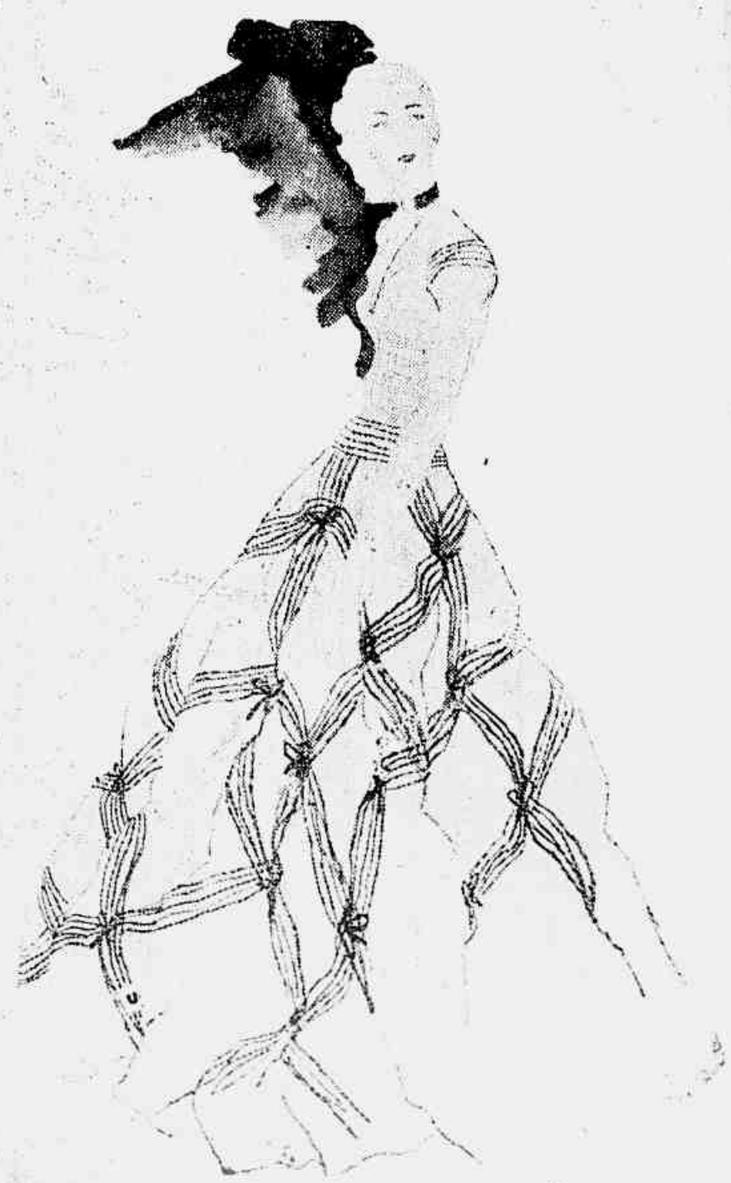


Nestas páginas apresentamos alguns modelos para noite, selecionados especialmente para "jeunes-filles" [illegible]. Em organdi é este modelo de [illegible], de corpo justo, "ruches" sobre os ombros e na saia. A DIREITA: De [illegible] este modelo em organdi branco [illegible] formando pequenos quadrados. Fitas de veludo negro formam grandes [illegible] na saia com pequenos laços [illegible]. Em algodão [illegible] e saia com aplicações de [illegible] [illegible]. NO ALTO DA PÁGINA [illegible]

PARA

Jeune fille





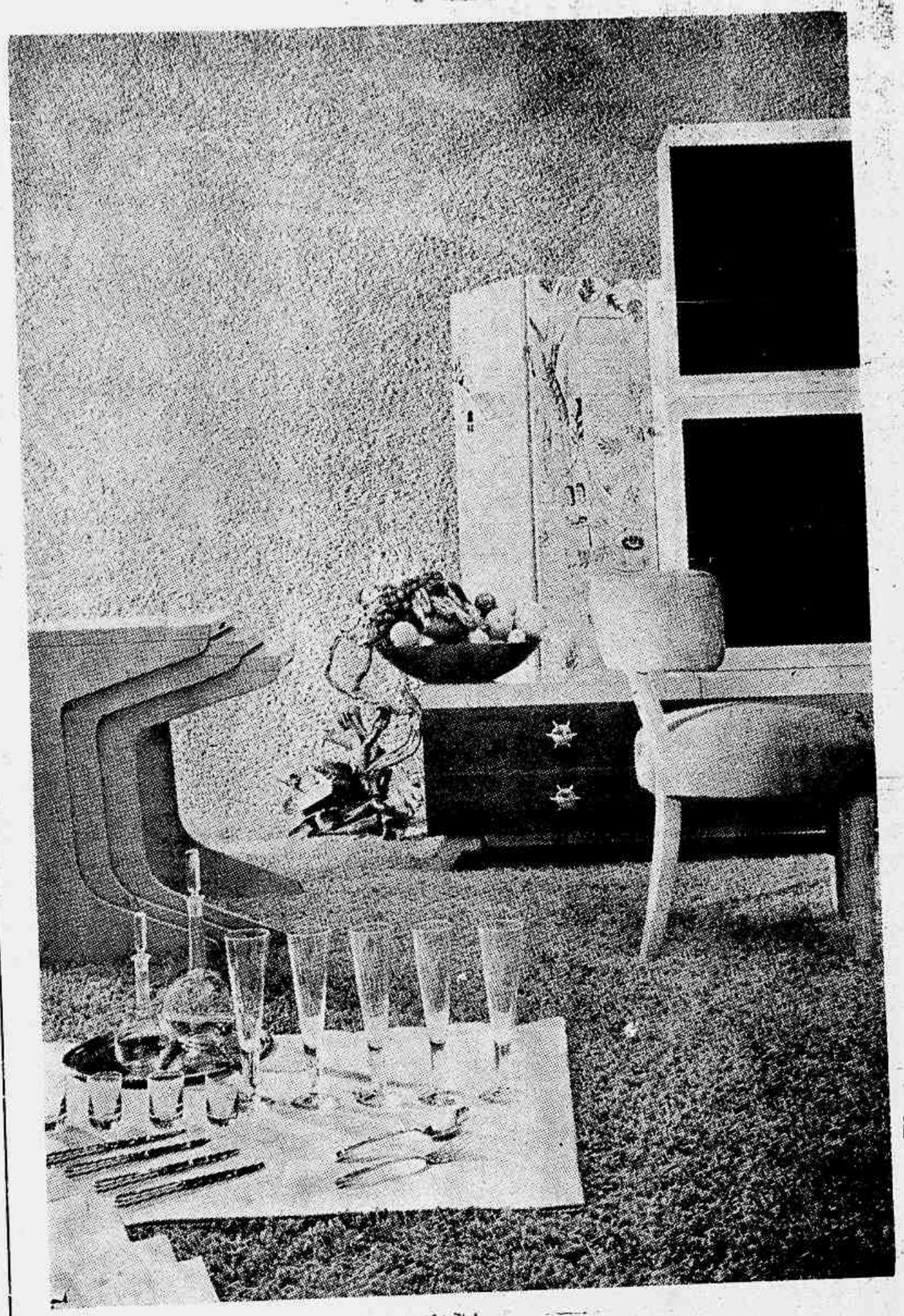
A ESQUERDA: Modêlo em linho ou "shantung", de Robert Piguet. Abotoado na frente até debaixo da cintura. Grupo de pregas embutidos na saia. Balenciaga apresenta êste modêlo em algodão, decote em "V", capeline presa dos lados. De Grés, modêlo em tecido estampado; saia ampla, "viés" em tom unido. A blusa tem original corte nas costas

EM BAIXO: De Carven, modêlo em "surah" verde com pastilhas brancas. Saia composta de dois babados franzidos. Bolso na frente. De Hermès, modêlo em cambraia estampada, manga japonêsa, saia em pregas

VESTIDOS Ligeiros

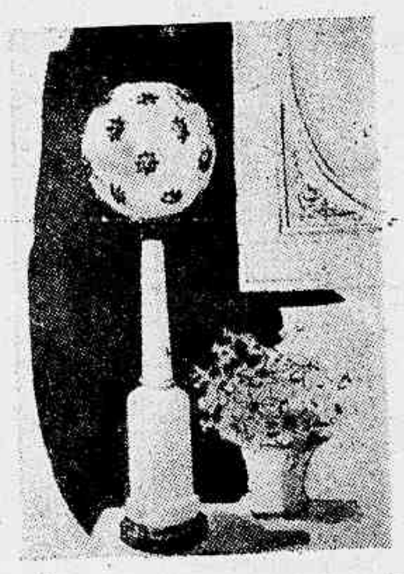
Blusas

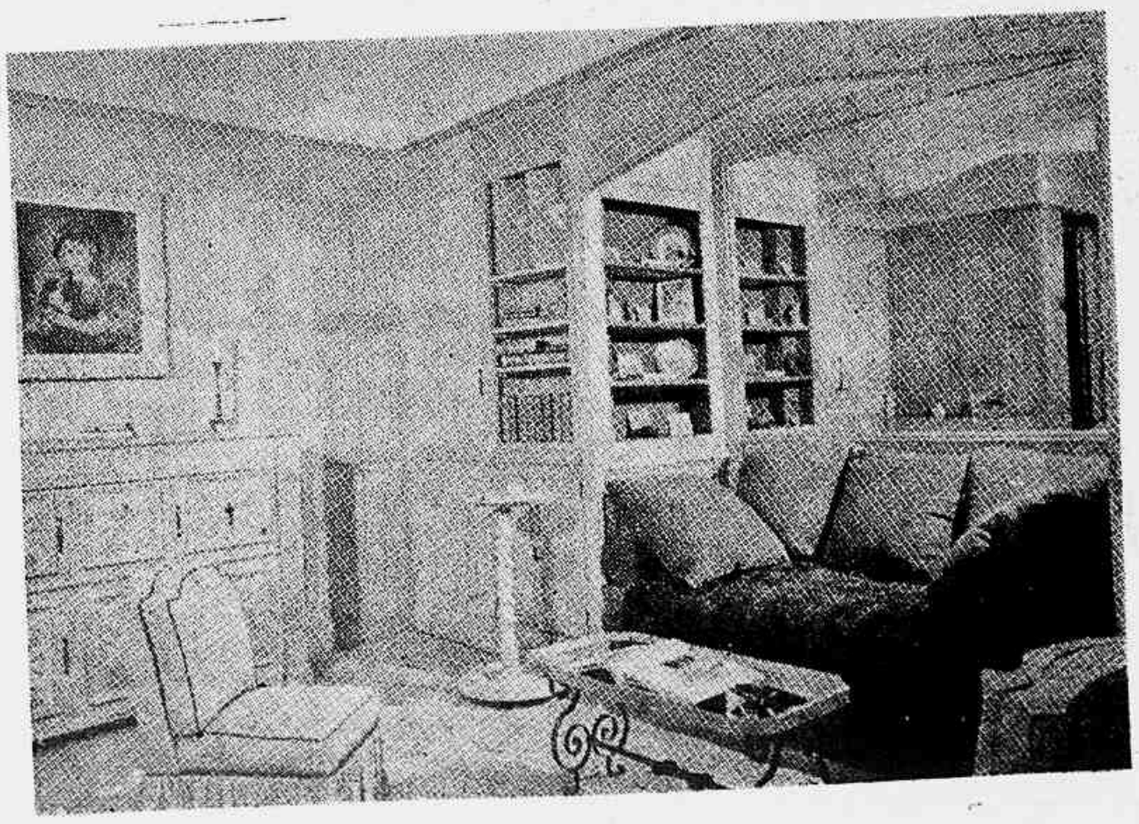
ELAS são necessárias em qualquer guarda-roupa. São graciosas e rejuvenesvem. Há também as que podem ser usadas como trajes "habillés", outras adaptam-se mais aos trajes leves e simples como os modelos que aqui apresentamos. **Em cima**, um modêlo simples e original em sêda azul-celeste, com nervuras em dois sentidos. Ao centro, modelinho em organdi amarelo canário com "ahours", formando quadrados, e finalmente êste gracioso modêlo em linho verde jade, com bordado inglês, próprio para trajes mais esportivos.

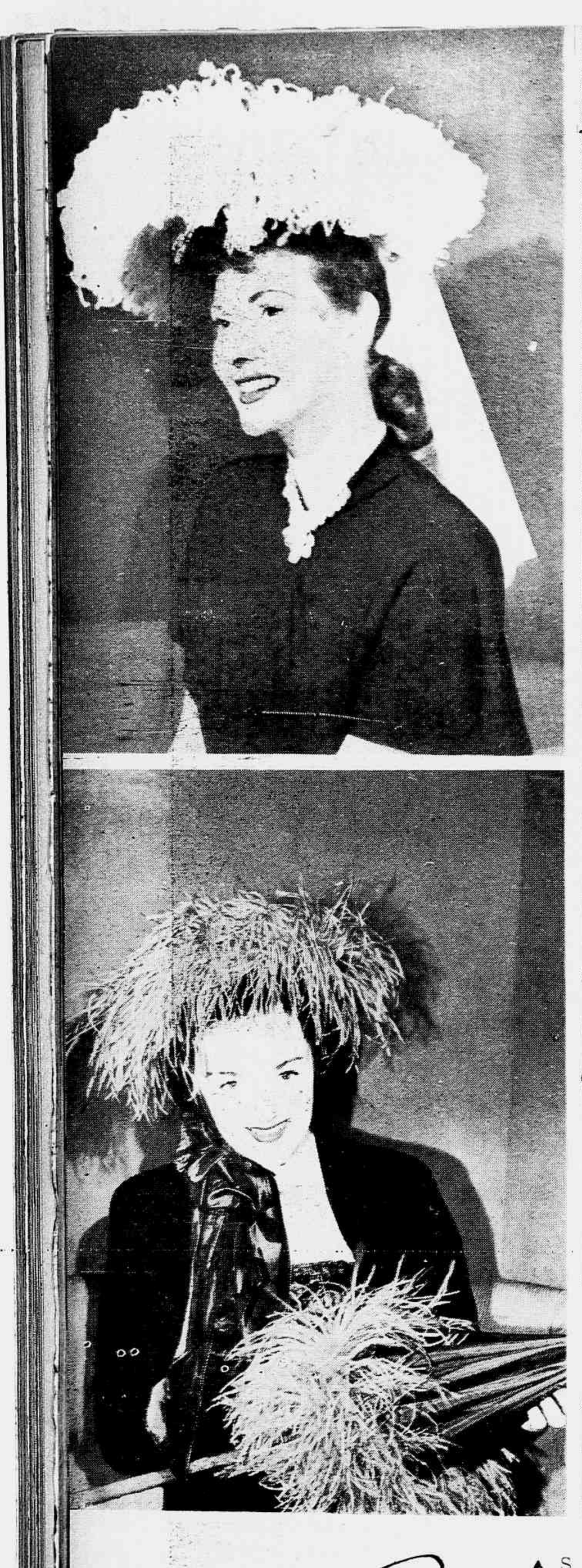


Interiores

AS linhas retas, a sobriedade, dominam os ambientes modernos, atingindo tudo; móveis, decorações, louças, cristais etc., como se pode ter uma idéia na nossa sugestão de hoje que apresenta a mais recente criação dos desenhistas francêses. Para "quebrar" a linha moderna, aí está uma lâmpada Vitoriana, em porcelana branca com enfeites dourados em vermelho e verde. **Em baixo:** Elegante canto de salão, sofá embutido, grande espêlho.







Karen X. Gaylord, plumas e **tulle** rosa-pálido, criação de Josephi. Alma Carrol, palha, dois tons, pássaros e véu, criação de Gaspar Davis. June Harris, plumas de avestruz vermelhas, tafetá verde esmeralda. Mary Ellen Gleason, chapéu e bolsa em três tons de **jersey**, fio dourado, criação de Yvone. Virginia Mayo, feltro havana rede de sêda verde folha

Chapéus DE HOLLYWOOD

AS "Goldwyn Girls", ou melhor, as garotas mais bonitas da América, oferecem às nossas leitoras algumas sugestões para chapéus para reuniões elegantes.

A Rainha declama com muita paixão, e Eileen tem nesta cena um dos seus mais belos triunfos

UMA NOVA RAINHA DO PALCO E FUTURA "ESTRÊLA"

Texto de **LIONEL DAVIDSON**

Fotos de **KEYSTONE**

QUEM é essa tão falada Eileen Herlie? Surgiu no cenário artístico da cena inglêsa com o intenso brilho de uma nova estrêla que se aproxima do mundo.

Poucas artistas do palco ou do cinema tiveram uma história tão rápida e um sucesso tão vertiginoso como essa estonteante Eileen Herlie.

Há apenas cinco anos passados, era ela uma modestíssima e anônima dactilógrafa a serviço em escritórios da cidade de Glasgow. Levava a vida na monotonia de um bate-teclas sem maiores esperanças. Se ao menos fossem cartas amorosas... Mas, qual! Naqueles escritórios cheios de complicações comerciais só se falava em negócios, coisa material e destruidora de idealismos numa jovem formosa como essa fenomenal Eileen.

E hoje, leitor, é ela uma das mais brilhantes artistas da Inglaterra, refulgindo como estrêla de primeira grandeza no firmamento da Arte cênica nos palcos das grandes cidades britânicas.

Todo mundo que a vê a cumprir "performances" na interpretação de autores de nomeada, fica encantado com seus talentos e lhe prediz os maiores triunfos. Os críticos dramáticos, refestelados em

Eileen também sabe interpretar a personalidade de uma coquete e aqui a vemos nêsse papel

Cena cujo título é "Shoot at my heart", quando a Rainha ordena ao amado que atire no seu coração

Outra cena de grande intensidade dramática, na peça de Jean Cocteau "The Eagle Two Heads"

Que trabalheira lhe dão os milhares de fãs espalhados por tôda a Inglaterra! E ela responde a todos

Como qualquer mortal dêste mundo de filas, ei-la resignadamente à espera de seu ônibus

suas poltronas do Teatro Lírico, ao apreciarem o que ela fez na interpretação da peça "The Eagle Has Two Heads", de Jean Cocteau, ficaram deslumbrados, eletrizados, possuídos do mais profundo entusiasmo.

Não lhe regatearam aplausos sinceros. Foram unânimes em julgá-la digna de ser coroada com os louros da vitória artística exibindo na fronte as palmas com que os gregos homenageavam seus maiores gênios. Eileen tem qualidades marcantes na arte de interpretar e dar vida aos papéis dramáticos, atraindo as atenções de quantos amam a arte.

Para uma artista que há pouco tempo era ainda desconhecida, essa consagração da crítica idônea é a conquista de um sonho que somente os predestinados podem alcançar.

Sua audaz tentativa de enfrentar as vicissitudes da sorte no palco data de 1941, quando abandonou seu emprêgo de dactilógrafa e se entregou à grande aventura. Sem parentes, sem proteção, dispondo de apenas 35 libras esterlinas para lançar-se no oceano do desconhecido, Eileen embarcou para Londres com a maior esperança de encontrar alguém que lhe proporcionasse o primeiro passo até atingir as luzes de um triunfo realmente conquistado.

Depois de dificuldades conseguiu ingressar numa companhia dessas que não esquentam lugar. Em Exeter foi despedida por desinteligências com o empresário. Não desanimou. Já havia dado o primeiro passo, iria até o fim.

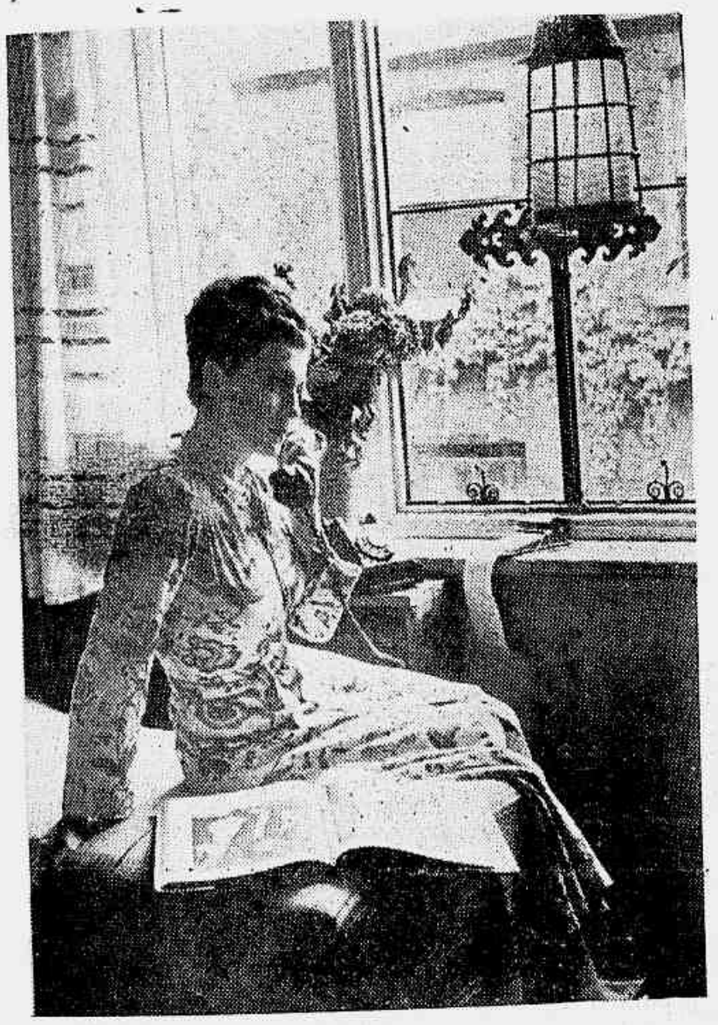
Mais tarde entrou para a troupe "Old Vic", em Liverpool. Durante quatro meses marcou passo, até que, não vendo futuro nessa companhia, passou-se para uma outra. Deram-lhe um papel na peça "East Lynne", e ela interpretou Lady Isobel. Saiu-se muito bem. Já começava a brilhar sua estrêla. Jovem, talentosa e bonita, casou-se depois com o produtor Phillip Barret, tornando-se Mrs. Barrett. Nos anos seguintes voltou a trabalhar em Liverpool com a "Old Vic". Seu cartaz estava feito. Daí por diante Londres a aplaudiu no "Ambassador" e firmou seu conceito em "Peg O'My Heart", no Scala. Sua "performance" na cena lírica a consagrou definitivamente. E assim surgiu uma "estrêla" da mais bela grandeza.

Eileen reside em Campden Hill, W. As fotografias que ilustram esta crônica mostram-na tanto no teatro como em casa e na rua a fazer compras ou a tomar seu ônibus como qualquer mortal. Tem apurado gôsto pela literatura e pelas artes e se julga felicíssima quando está entre seus livros. Não será surpresa se a virmos no cinema inglês, ou "raptada" pelos leões de Hollywood...

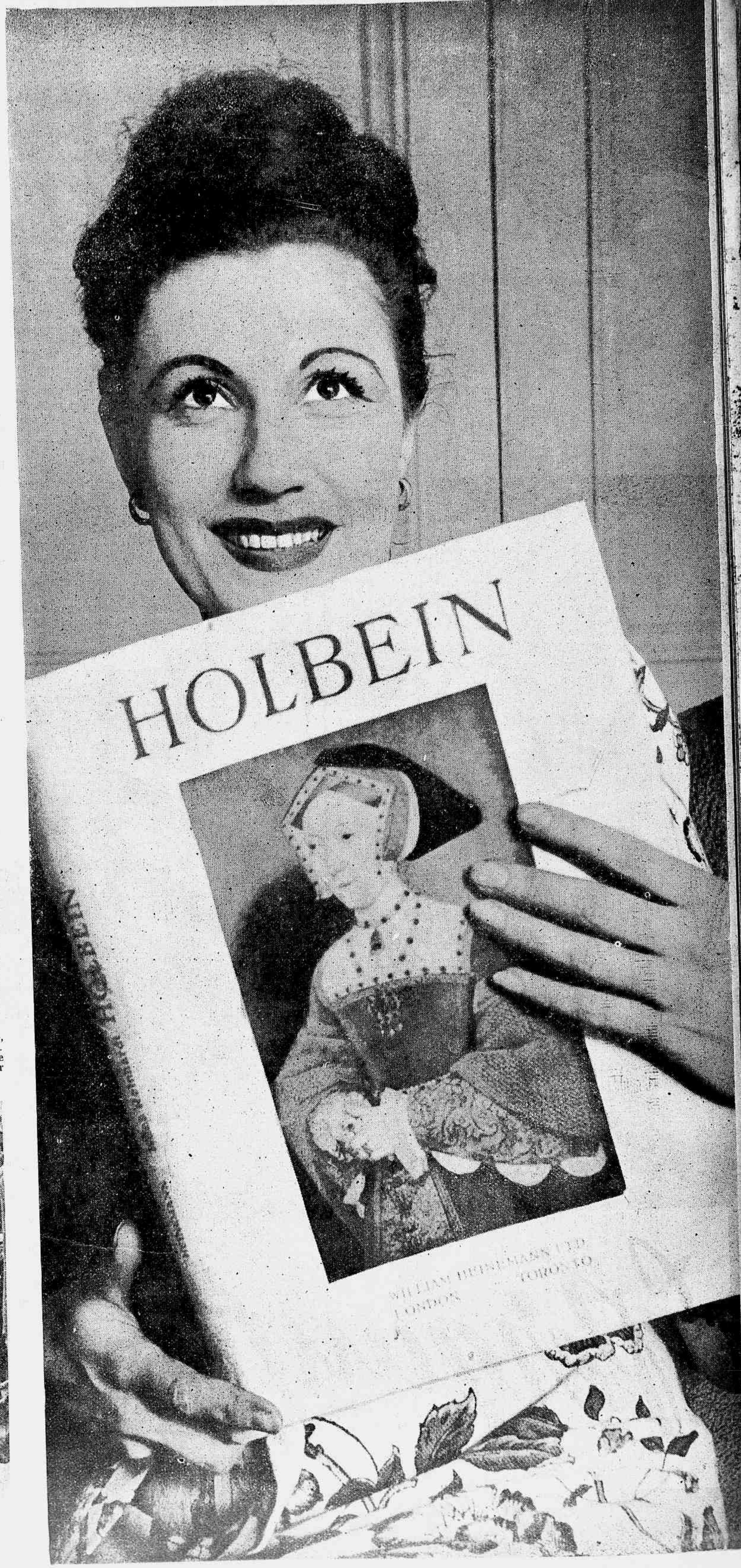
Quantos não suspiram para ter uma cozinheirinha dessas! Eileen, embora intelectual, sabe dirigir sua cozinha

Nada como uma xícara de café quente e forte depois de uma noitada de grandes interpretações

EM CIMA: Hoje é dia de descanso. Eileen gosta de ar fresco, mas, ao abrir a janela, seus fãs lhe fazem festas, da rua. AO LADO: A nova "estrêla" do firmamento dramático inglês, é louca por literatura e artes. Aqui a vemos com Holbein



EM CIMA: Enquanto o fotógrafo apanhava essa pose, o telefone enguiçou; mas Eileen é calma e paciente... EM BAIXO: Eileen, apesar de "estrêla" também se alimenta. Gosta de ir, pessoalmente ao mercado escolher frutas e hortaliças



A Pergunta

NUM fim de semana, no inverno passado, achei-me detido por uma nevasca numa aldeia das montanhas da Virginia Ocidental. Eu lá fôra a negócios, sôbre o arrendamento de certas minas de carvão pertencentes à minha família. Cheguei num sábado, no ônibus de Charleston. Ao cair da noite, já meu negócio estava concluído, e assim também o serviço de ônibus. Inesperada tempestade caíra sôbre a serra, e a aldeola de Campbell's Notch estava isolada do resto do mundo por quarenta e oito horas, no mínimo.

Não havia hotel no lugar, mas tive a sorte de arranjar um quarto numa antiga hospedaria de turistas, propriedade de uma sra. Hatch, viúva baixota e encarquilhada, de cabeça branca, que parecia satisfeitíssima por ter de novo um hóspede, breve que fosse a sua estada. Foi esta sra. Hatch quem sugeriu que eu talvez pudesse gostar de ir à igreja na manhã seguinte.

— Temos um pastor notável — disse-me ela, acrescentando pensativa: — O melhor pregador que já andou por estas bandas...

Pelo que ela me contou, num belo dia do verão anterior surgira na montanha uma figura esquisita, montada numa égua ossuda, trazendo apenas uma Bíblia no bolso e sob o braço um embrulho, contendo uma camisa limpa, sem dúvida para ser usada aos domingos. — Sujo como um andarilho, — concluíra a sra. Hatch. — mas tinha qualquer coisa, o homem; e quando abria a bôca, a gente ouvia mesmo.

Fazia já algum tempo que Campbell's Notch estava sem pároco — desde o início da guerra — de modo que todos ficaram contentes quando o forasteiro chegou e tomou conta da velha igreja. Chamava-se doutor Angel e nunca se podia imaginar o que iria dizer nos seus sermões. Às vêzes ninguém os entendia; mas era sempre um prazer, com frequência emocionante, atender aos ofícios. E se por vêzes o doutor Angel se afastava das Santas Escrituras... pois bem: tanto fazia, perdoavam-no e até gostavam, dizia a sra. Hatch, pois todos sabiam que era um homem bom, um verdadeiro cristão, que falava, como os antigos profetas, ao sabor da inspiração do momento.

Depois de tal exposição, eu não podia mesmo deixar de conhecer o doutor Angel. E só o seu nome ter-me-ia na certa atraído para êle. Assim, na manhã seguinte, subi com a sra. Hatch a ruazinha íngreme que levava à igreja de madeira, enxovalhada pelo tempo, lá no alto da montanha.

A própria manhã já era em si digna de nota. Muito poucas vêzes, se é que alguma, vira eu tão límpido e brilhante dia. A feiura física que caracteriza tantas aldeias mineiras fôra encoberta por um lençol de neve de imaculada alvura. O ar estava leve e penetrante. O sol, resplandecente. E na distância as montanhas rolavam para o horizonte como ondas azuis e brancas de algum mar gelado; tudo cintilava como numa dessas cenazinhas de inverno armadas no interior de certos ovos de Páscoa.

O campanário da igrejinha projetava-se corajoso para o céu e o sino espalhava um som bem doce, que, com certa melancolia, ecoava por entre os picos. Naquele mundo terno e triste de ofuscante alvura, as únicas coisas sombrias eram os fiéis que vinham, envoltos em suas roupas de inverno, as cabeças unanimemente inclinadas pelo esfôrço da subida.

— Está vendo êsse casal aí que vai entrando agora? — perguntou a sra. Hatch quando paramos ao lado da porta da igreja, para que ela descansasse. — São Hester e John Calderwood.

Olhei o homem e a mulher de meia-idade que subiam os poucos degraus e matutei que interêsse poderiam ter.

— Perderam o filho único, Jesse, na guerra — disse a sra. Hatch.

— Oh! — exclamei.

E ela prosseguiu:

— O govêrno mandou cá um oficial do exército, graudão, agora nessa mesma semana que passou, para entregar a John e Hester uma medalha numa caixinha forrada de cetim. A cerimônia foi na escola. John e Hester ficaram sentados no palanque e o oficial fez um discurso esquisito, dizendo que o Congresso lhes mandara a medalha por conta do que Jesse [illegible] em combate. Vi a caixinha; era [illegible] mesmo. Alguns rapazes vieram de Ch[illegible]on até aqui só para levar a notícia [illegible] nais. John e Hester ficaram [illegible] os jordos, cheios de orgulho em fre[illegible] posutoda. Mas quando fui mais t[illegible] turma Hester, ela me disse assim: "Se[illegible] visitar agradecida ao Congresso pe[illegible] muito mas não traz de volta nem [illegible] medalha. do meu filho para mim. Nã[illegible] quinho queixando, não, porque Jess[illegible]ou me ir mesmo, já que a guerra tin[illegible]a que Mas se Deus fez o mundo, [illegible] meçado. as Escrituras, então eu acho q[illegible] dizem muito bem dirigí-lo sem ser p[illegible] podia guerras. Por que é então que [illegible] tantas têm que morrer para manter a [illegible] filhos mundo de Deus? E' uma coi[illegible] neste consigo entender e que vai acab[illegible] não xando doida".

Aqui a sra. Hatch fez uma pa[illegible] e então ouvi as últimas badalad[illegible] do sino, vindas lá da tôrre, e pensei [illegible] que a pergunta de Hester Calderwood metraria muito mais nos céus e provoca[illegible] muito mais ecos do que todos os [illegible] dêste mundo.

— E a senhora, que lhe respo[illegible]eu? — perguntei.

— Nada — disse ela com sinc[illegible]dade. — Não respondi porque não sabia. [illegible]as também fiquei cismada com aquil[illegible] da casa de Hester fui direta ao pastor.

— Ao doutor Angel?

— Sim.

— E êle, que disse?

— Êle me disse que ia procur[illegible] a resposta na oração e que [illegible]a daria [illegible] Hester e a toda a congregação no serm[illegible] de hoje.

— Vamos entrar de uma v[illegible] — disse eu. Até ali estivera apenas [illegible]oso do doutor Angel; agora estava [illegible]ido a descobrir que espécie de hom[illegible] era, se sábio ou tolo, charlatão ou [illegible]nte, se ignorante ou talvez descende[illegible]rentual dos profetas, como preferia a [illegible] Hatch.

Os preliminares do serviço [illegible]e parecia pertencer ao ritual presbi[illegible]iano, segundo minhas recordações de [illegible]ncia — logo terminaram e chegara a h[illegible] do sermão. O doutor Angel se erg[illegible] da cadeira atrás do púlpito, e foi [illegible]do o vi direito pela primeira vez. Nun[illegible] se pode fazer uma idéia exata de um h[illegible]em sentado. Que esteja de pé, e d[illegible] se terá visão muito mais nítida, pois [illegible]rme se mantenha ereto ou encolhido [illegible]nte os semelhantes, assim também s[illegible] manterá nos recantos secretos do seu p[illegible]o espírito, perante o Deus que o cri[illegible].

O doutor Angel era de porte [illegible]guio e desempenado, como um tronco [illegible] árvore, e tinha uma cabeça sublime. M[illegible]to volumosa — se bem que parecess[illegible] fruto lógico do seu corpo — forma[illegible] nobre: esconderijo para o cérebro, c[illegible]ado por um feixe prateado de cabelos q[illegible] êle de vez em quando atirava para trá[illegible] com um gesto ao mesmo tempo impac[illegible]e e, de certo modo, triunfante. Ali, d[illegible] qualquer maneira, pensei, estava uma [illegible]a livre e brava, audaciosa ou limitada [illegible]e fosse a mente do homem.

Êle falou abruptamente, em [illegible] natural, bem timbrada e de boa resso[illegible]ncia. — Não seguirei hoje nenhum texto [illegible] Livro, — começou, — mas vou conta[illegible]os uma história, o que os discípulos de [illegible]sus chamavam de parábola, que me vei[illegible] mente em resposta às preces que fiz est[illegible] semana. Como com certeza todos vós sabis, andei fazendo algumas preces especiais [illegible]bre um caso especial; e a parábola q[illegible]vos vou contar agora é a minha resposta. — Aqui o doutor Angel parou, inclinou-s[illegible] um pouco para diante e olhou para d[illegible]rminado ponto, nos bancos sob o púlpito. Aquêle que tem ouvidos para ouvir, q[illegible] ouça — disse o pregador.

Ficou claro para todos nós q[illegible] se dirigia a John e Hester Calderwo[illegible] no segundo banco diretamente à fre[illegible] do púlpito, mas também não restou d[illegible]vida de que a citação de São Mateus era [illegible]destinada a todos nós. O doutor Angel [illegible] tentar responder à pergunta de Hes[illegible] Calderwood; estávamos todos desafiados a ouvir, e com aquêle desafio, senti, e[illegible] deliberadamente arriscava a sua pos[illegible]ção na comunidade. Se fracassasse, aq[illegible]s monta-

Conto de **DANA BURNET** ★ Ilustração de **A. ZALUAR**

Tradução de **JORGE A. FORTES**

(Especialmente para **"REVISTA DA SEMANA"**)

nheses nunca mais quereriam vê-lo pela frente. Se vencesse...

— Estou tenendo por êle — sussurrou-lhe ao ouvido a sra. Hatch.

Eu sabia o que ela queria dizer, mas nada tinha a responder; e o doutor Angel recomeçava a falar, dando início à sua parábola.

— Certo homem e certa mulher saíram de casa uma tarde em busca do Senhor. Eram marido e mulher — digamos, sr. e sra. Adam — e viviam numa aldeia semelhante à nossa. Eram boa gente, respeitados pelos vizinhos, honestos, trabalhadores e membros assíduos da igreja. Mas tinham sofrido uma grande perda, e a chama da sua fé aos poucos se extinguia. "E agora, que faremos?", queria saber o homem. "Não podemos continuar vivendo assim, nas trevas da dúvida e do desespêro. Se até já estou começando a descrer da bondade do próprio Senhor Deus Jeová!". E a mulher disse que com ela acontecia o mesmo e êle prosseguiu: "Eu só queria poder ir diretamente a Êle, como vou a um vizinho que me tenha enganado, e perguntar-lhe por que atirou Sua carga de dor sôbre os nossos ombros".

— E a mulher respondeu: "Ora, é isso mesmo o que faremos! Vamos falar com o Senhor". Mas o marido interpôs: "Como é que podemos falar com Êle se nem sabemos onde mora?". E a mulher replicou: "A Bíblia diz... Procura e Encontrarás. Seja como for, resta-me fé bastante para iniciar a busca; vamos tratar de vestir nossas melhores roupas e então sairemos aí por essas montanhas". E o marido: "Mas para onde, mulher? Se nem sabemos se devemos seguir para o norte ou para o sul, leste ou oeste...".

— Mas a mulher decidiu: "Vamos para leste, pois que é de onde vem a luz, e é bem provável que aonde esteja a luz esteja também o Senhor". E assim partiram. Pouco depois já caminhavam acima das nuvens e não havia caminho aonde pisavam. Mas era o entardecer e o sol lançava uma trilha adiante deles, que a seguiam em direção à grande luz imóvel. Então a mulher falou: "Olha lá!" E o marido olhou e viu uma casa enorme sôbre montanha altíssima, uma casa branca, de colunas altas, tão altas que nem se podia ver o andar de cima. E o homem sentiu que aquela era a mansão do Senhor e teve medo.

O doutor Angel parou para tomar um gole dágua, de um copo sôbre o púlpito. Eu ainda não vira o copo, de modo que o gesto simples do sacerdote produziu-me na mente um curioso efeito de magia, como se êle o houvesse materializado do próprio ar. Êste efeito, percebi, era um tributo aos dotes do homem como contador de histórias, pois dificilmente eu teria associado à magia incidente tão banal, não estivesse sob a influência da sua pujante narração.

— Assim lá estavam os dois frente à casa do Senhor, — continuou o doutor Angel, — quando o homem vacilou. "Não entremos. Voltemos para casa. Quem somos nós para interpelarmos o Senhor Deus Jeová?". Mas a mulher estava resolvida: "Somos bons membros da igreja e somos gente decente; e além disso não vou recuar agora, depois de me vestir e de tanto caminhar. Vamos!". E ela entrando êle a seguiu, e ela foi direta à porta do Senhor e bateu a aldraba dourada, que ecoou longe um som como o trovão.

— Abriu-lhes a porta um anjo robusto, que parecia ser uma espécie de anjo doméstico. "Quem sois e o que desejais?", perguntou o anjo em voz vibrante. E o homem puxou a manga da mulher e murmurou: "Vamos para casa". Mas a mulher falou alto: "Somos o sr. e sra. Adam, de West Virginia, e desejamos falar ao Senhor sôbre uma coisa que nos está perturbando... uma pergunta, como uma dor, que nos dói manhã, tarde e noite".

— "Mas que espécie de pergunta é?", perguntou o anjo, e o homem tornou a puxar a manga da mulher, dizendo: "Vamos embora". Mas a mulher não ligou e disse ao anjo: "Peço-lhe que nos perdoe, mas é uma pergunta que nos fala bem próximo ao coração e preferimos não discuti-la com pessoa alguma senão Êle".

— "Bem, se é assim...", disse o anjo num resmungo. "Entrai então, e sentai-vos: dir-Lhe-ei que estais aqui". E assim êles entraram na sala de audiências do Senhor e sentaram-se, e na parede da sala havia uma janela que descortinava os campos da criação... o dia e a noite e todo o mundo lá estavam... os astros nas suas órbitas e a lua no espaço. E o anjo voltou e disse: "O Senhor descerá agora mesmo". E o homem e a mulher se levantaram e só então viram a longa escadaria com degraus de ouro, que antes não tinham visto. E o Senhor desceu a longa escadaria, e Êle era como aquêle ser patriarcal que todos nós imaginamos quando fechamos os olhos e oramos: "Pai nosso que estais nos céus...".

A voz do pregador derivou suavemente para o silêncio e no banco, ali ao meu lado, a sra. Hatch lançou-me um olhar interrogativo, como que para dizer: "Então, não é uma boa maneira de descrever nosso Senhor?". Eati com a cabeça e a miúda e prateada criatura se recostou de novo, para ouvir com redobrado interêsse o tema desenvolvido pelo doutor Angel.

— Então o Senhor lhes falou, dizendo: "Sois o sr. e a sra. Adam, então?". E a mulher acotovelou o marido, que se ergueu e disse: "Sim, Senhor". E o Senhor perguntou: "Que fazes na vida, homem?". E êle: "Sou mineiro de carvão, Senhor; e sindicalizado, como deve ser. Seis dias na semana trabalho como cortador na galeria de uma mina lá em baixo nos montes de West Virginia, e no sétimo dia lavo a poeira e o cascalho do corpo e visto uma roupa limpa e vou à igreja aqui com esta mulher, minha espôsa".

— E o Senhor, ainda perguntando: "E tem sido uma boa espôsa, a tua?". E o homem disse que sim e o Senhor de novo: "Ela te deu filhos?". E o homem respondeu: "Sim, Senhor. Uma menina que nasceu morta e um menino, que viveu vinte anos um mês e seis dias para acabar morto na guerra".

— Agora, depois de assim falar, o homem ficou quieto, e todos ficaram quietos e reinou uma grande quietude na casa do Senhor. E uma tristeza assomou na face do Senhor, qual sombra de tempestade sôbre um tôpo de montanha, e Êle lhes disse: "O anjo que vos deu entrada em minha casa disse-me que tínheis uma pergunta a me fazer. Que pergunta é essa que vos perturba?".

— Então o homem olhou para a mulher, pois que em sua mente havia muitas perguntas a serem feitas mas sabia que ela já as havia tentado todas e afinal reduzido todas a uma só; assim êle ficou calado e a mulher avançou um passo e perguntou lealmente, firme, diretamente ao Senhor: "Por que teve o nosso filho de morrer para manter em ordem o Seu mundo, ó Senhor?".

— Agora, quando ela assim falou, o Senhor desviou os olhos, semblante carregado, e sôbre a sala desceu a escuridão. Então Êle falou, severo: "Não fostes ensinados a terdes fé no discernimento do Senhor vosso Deus?". E o homem estremeceu, mas se manteve firme diante dÊle e replicou: "Sim, Senhor. Mas chegou o momento em que procuramos também a compreensão".

— E o senhor se zangou e disse: "Como ousais procurar a compreensão das idéias do Mestre do céu e da terra?". E o homem respondeu: "Somos americanos, Senhor". E o Senhor perguntou: "E que importa isso?". E o homem explicou: "Ora, Senhor; em nosso sistema americano não é considerado desrespeitoso fazer perguntas à autoridade. E, mais ainda, julgamos nosso dever iluminar nossas mentes pelo conhecimento e fortalecer nossa fé pela compreensão".

— Agora, quando o Senhor ouviu isso Sua zanga arrefeceu e Êle lhes deu as costas e foi para a janela, onde ficou olhando para os astros e a lua e todos os mundos que fizera. E de muito longe lá fora veio um som de pranto, um som lamentoso como um vento incessante, vindo da terra que Êle fizera.

— E o Senhor se voltou de novo para o homem e para a mulher, que então o viram como um velho vergado sob a carga, com as neves dos séculos nos cabelos da cabeça e todas as dores da criação pesando-lhes nos ombros; e Êle lhes disse: "Tendes razão. E' chegada a hora do entendimento entre Pai e filhos, entre Deus e o homem".

— "A minha imagem o criei", continuou o Senhor. "Macho e fêmea eu os criei, abençoei e lhes dei domínio sôbre a terra; e julguei que deles teria prazer e recompensa como um pai dos filhos. Mas não havia de ser assim, pois que as fôrças do mal contra mim estavam formadas, pelo astuto demônio que do céu eu projetara no inferno; e contra êle tenho lutado desde a primeira pulsação do tempo e muitas vêzes tenho gritado: Paz, Paz! Mas não tem havido paz".

— E o Senhor fitou um e outro, suspirou fundo e disse: "Sou o Senhor da vida e o Mestre de todas as fôrças viventes, já que estas fôrças foram de minha concepção. Mas o medo e a morte e a ruína são as armas do meu inimigo, que é o Príncipe das Trevas".

— E enquanto o homem e a mulher permaneciam atônitos o Senhor lhes estendeu as mãos, num gesto de quem se desculpa, e as lágrimas dos Seus olhos caíam como chuva nas neves da Sua barba; e Êle lhes disse: "Vede o Pai que no inverno da vida vem pedir ajuda aos filhos gerados da sua juventude, da primavera mesmo da sua vida. Pois eu vos digo que sem a ajuda da humanidade, as fôrças da vida não prevalecerão contra as fôrças do mal. Sem vós que vos chamais Adam, vossos filhos e os filhos deles, não serei vitorioso sôbre Satã, mas sim destruído com toda a minha obra, tanto a que caminha com dois pés lépidos sôbre a terra como a que está enraizada à terra de minha criação".

— Houve então um silêncio na casa do Senhor, pasmados homem e mulher de ouvi-lo falar daquela maneira e das Suas lágrimas. Mas a mulher se lembrou das próprias lágrimas e falou: "Senhor, foi muita bondade Sua receber-nos em Sua casa e falar-nos como falou, como se fôssemos da Sua própria espécie. Mas, perdoe-nos, Senhor... Ainda não respondeu à minha pergunta. Por que teve meu filho de morrer na guerra que irrompeu e se alastrou pela terra como o próprio dia do juízo?".

— E o Senhor respondeu-lhe: "Por que fui forçado a chamá-lo, e a uma hoste de outros, moços e bons como êle... conclamando-os pela consciência como por trombetas... para ajudarem-me a salvar o mundo de eterna destruição". E a mulher, refletindo, quis certeza: "O Senhor é o Senhor Deus Jeová e foi forçado a chamar meu filho para ajudá-lo a salvar o mundo?". E o senhor confirmou: "E' exato", e fitando-a novamente as lágrimas brotaram-Lhe dos olhos.

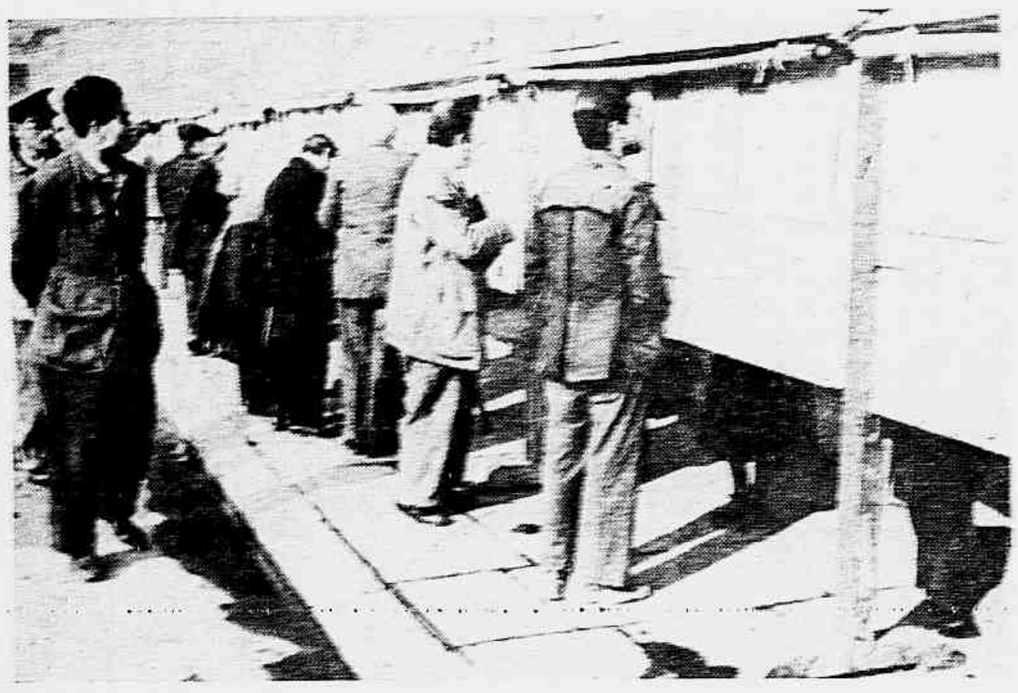
— Mas agora, quando o Senhor disse isso o homem chamado Adam se chegou para a mulher e lhe tomou a mão. E havia amargura em sua voz quando lhe disse: "Voltemos logo para a nossa aldeia, para dizermos aos nossos vizinhos que não adianta a um mortal, homem ou mulher, buscar a palavra do Senhor. Vejo agora plenamente que Êle nada pode sem nosso auxílio, e uma vez que os homens devem trabalhar, lutar e sofrer para salvar o mundo dos homens, então por que devemos nós prestar homenagem ao Senhor, ou adorá-Lo, ou seguir os Seus mandamentos? Talvez a tarefa já esteja grande de mais para Êle; mas, seja como for, está claro que já não mais podemos dÊle depender e que devemos tomar o futuro do mundo em nossas próprias mãos".

Pela terceira vez desde que começara o sermão o doutor Angel parou e baixou os olhos firmemente sôbre a congregação...

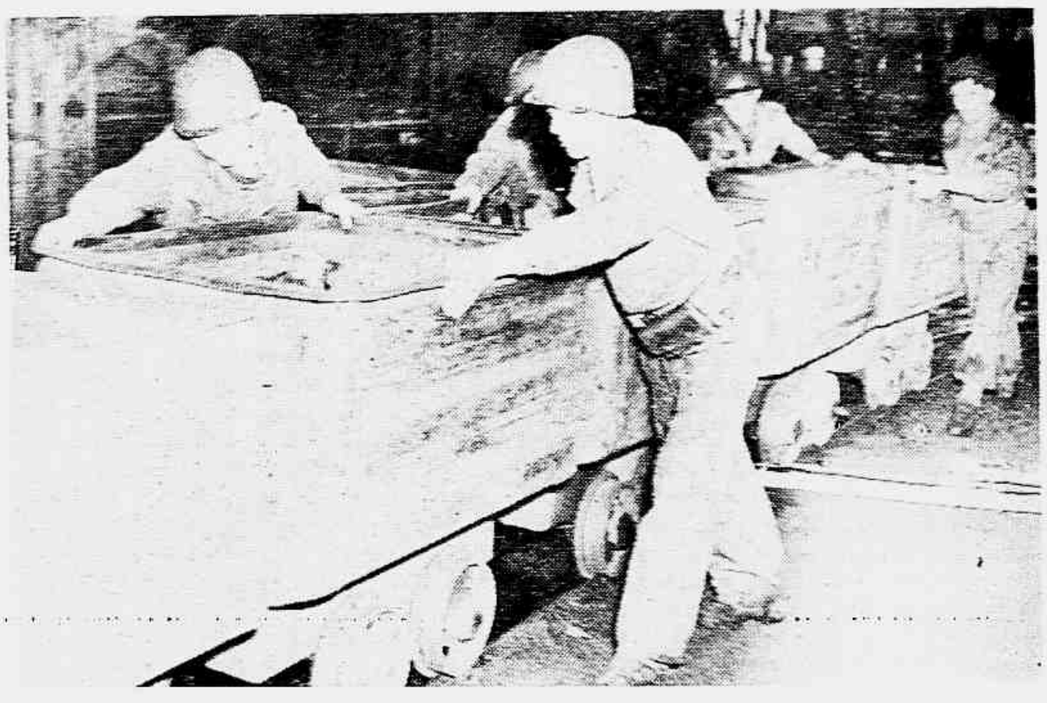
(Continua na pág. 50)

ATUALIDADES

À ESQUERDA: Missionárias religiosas dos Estados Unidos que se dirigiram para o município de Coari, a 386 quilômetros de Manaus, na obra de civilização dos índios.
À DIREITA: O príncipe Gustavo, herdeiro do trono sueco, de dois anos de idade, fez sua primeira viagem por mar na visita ao avô na ilha de Oland



Em Espanha sòmente os chefes de família têm direito de votar. Aqui vemos alguns a examinar as listas eleitorais para as eleições de 21-11 a 6-12



Soldados do exército francês assumem o trabalho nas minas de carvão de centro para garantir o abastecimento ao país, nas recentes greves

Mr. J. W. Belcher, secretário parlamentar na Bolsa de Londres, que foi acusado de autor de irregularidades funcionais verificadas na mesma

No "Dia da Emancipação" em Londres, mais de cem carros com a idade mínima de 40 anos desfilaram pelas ruas da capital partindo de Hyde Park

Este grevista, um dos mineiros de carvão do norte da França, resistindo à intervenção do exército, foi ferido no ventre e é amparado por seus amigos

SILVIO ROMERO

O governador de Sergipe acaba de sancionar dispositivo de lei aprovado pelo Legislativo Estadual, que institui prêmio de vinte mil cruzeiros a quem escrever a melhor obra acêrca de Sílvio Romero, até abril de 1951. O julgamento dêsse trabalho ficará a cargo de uma comissão composta de membros da Academia Sergipana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Associação Sergipana de Imprensa.

A obra literária de Sílvio Romero ainda é pouco difundida em nosso país, em virtude de falta de providências como essa que acaba de tomar o Govêrno Sergipano, e seria da maior utilidade que os poderes públicos estaduais ou federais reeditassem em volumes acessíveis à bolsa do povo todos os livros do grande pensador sergipano.

Essa obra biográfica sôbre o imortal autor da História da Literatura Brasileira muito poderá contribuir para que seu nome se torne mais conhecido e admirado no País; entretanto, o que deveria ser feito era a divulgação de sua volumosa bibliografia a preço popular, desde seus contos folclóricos até os trabalhos de alta filosofia e crítica, a exemplo do que já se fez com seu conterrâneo Tobias Barreto de Menezes.

Na vida íntima de Sílvio Romero muita coisa há dispersa e que precisa vir a lume. Sua correspondência privada, artigos esparsos pelos jornais e revistas do Rio, suas polêmicas e discussões na seara da filosofia e da crítica, não podem permanecer no túmulo de um esquecimento criminoso, quando o Brasil aumenta sua cultura geral e milhares de moços frequentam escolas de todos os cursos, mas que ignoram essa figura admirável que se chamou Sílvio Romero. Merece todos os louvores a atitude do Govêrno de Sergipe; mas, para completar a obra, faz-se indispensável que venha a lume a própria bagagem mental do grande escritor, um dos maiores nomes da América, tanto pela polimorfia de seus conhecimentos, como pela grandeza do estilo e profundidade de sua cultura.

Sílvio Romero deu à estampa nada menos de vinte e duas obras de grande valor, e anda perdida pelos arquivos de nossa imprensa vultosa cópia de artigos seus sôbre crítica, filosofia, direito, história, folclore, etc. Seu nome abarcou a cultura nacional em todos os ângulos. Foi professor de Filosofia no Pedro II, professor de Direito, magistrado, poeta, um dos fundadores da nossa Academia de Letras, cabendo-lhe a cadeira número 17 patrocinada por Hipólito da Costa, atualmente ocupada pelo intelectual Roquete Pinto. Não basta que sua terra natal o homenageie a 20 de abril de 1951, quando ocorre o centenário de seu nascimento na cidadezinha de Lagarto. E' indispensável que o Ministério da Educação se encarregue de divulgar sua fulgurante obra de literatura e ciências, dando a público volumes que contenham páginas que jamais deveriam ficar no esquecimento como os escritos sôbre "A Questão do Dia" (Emancipação dos Escravos), "Contos Populares do Brasil", "Últimos harpejos" (versos), "Estudos sôbre a Poesia Popular do Brasil", "Tobias Barreto como poeta sergipano", "Parlamentarismo e Presidencialismo", "Minhas contradições" e mais uma infinidade de excelentes estudos e análises da vida brasileira em todos os ramos da cultura humana. O nome de Sílvio Romero, magistrado, político, poeta, jornalista, historiador, crítico, filósofo e jurista, não pode ser homenageado, por ocasião da comemoração do primeiro século de sua vinda ao mundo, apenas através de uma monografia. O Brasil exige que seu nome seja erguido no próprio pedestal de sua imensa e fulgurante obra mental.

Só assim ter-se-á feito inteira justiça à memória de um dos luminares das letras nacionais.

Não há cultura sem o passado

Em 1707 foi fundada na Inglaterra uma Sociedade de Antiquários. Dez anos depois êsse núcleo tomava formas definitivas e espalhava os maiores benefícios entre sócios e interessados em obras antigas. Dizem que, no gênero, foi a primeira que se fundou neste mundo, e é possível que assim fôsse.

William Stukeley foi o seu primeiro Secretário, destacando-se dentre outros membros da diretoria original os nomes de Humphrey Wanley, Martin Folkes, presidente da sociedade, e George Vertue.

Tôda a Inglaterra se interessou pela organização, e os Reis de então até esta data não têm faltado com seu apôio a tão meritório centro de cultura e respeito às tradições artísticas de um povo.

Até hoje o número de associados não chega ao milheiro determinado pelos estatutos, o que bem demonstra a rigorosa seleção que se faz para admissão em seu quadro social.

As obras da sociedade, seus livros e demais publicações são mantidas exclusivamente pela contribuição dos filiados. A única cooperação que recebe do Estado, como instituição merecedora de privilégios, é a de ocupar uma seção em edifício público.

Aí está uma velha novidade digna de ser imitada pelos brasileiros. Embora seja nossa pátria ainda nova e sem possibilidades de ricos cabedais imediatos, faltando-lhe ainda êsse espírito de cooperação particular no sentido da cultura geral, seria da mais urgente medida, que estudássemos as bases de uma Sociedade nos moldes dessa de Londres, para defesa do patrimonio histórico do Brasil, e sistematização na publicação de nossas obras clássicas e antiquadas.

Obras como "Festas Populares" de Melo Morais, dicionários impressões, estudos críticos, etc. de brasileiros e estrangeiros que aqui viveram em séculos passados, não devem desaparecer para sempre da circulação. Precisam voltar à luz da publicidade, como elementos de cultura e civilização do povo brasileiro.

Possuimos escritores e homens de ação capazes de levar avante a idéia e dar-lhe corpo e finalmente objetiva em pouco tempo. Nos meios literários destacamos nomes de intelectuais que muito se dedicam às pesquisas históricas, lançando a público livros de grande merecimento, em todos os setores de nossas atividades mentais. Gilberto Freyre, Mário Sette, Raquel de Queiroz, Luis Edmundo e outros, têm trazido à tona da atualidade nossa vida de secúlos passados, e agora mesmo, Acquarone dá à estampa obra sensacional pelo seu vulto e conteudo, a "História da Dança no Brasil", devendo sair por todo o mês de dezembro outra obra de sua lavra, de grandes proporções, a "História da Pintura no Brasil". Só mesmo aos que estão em dia com as nossas deficiências em materia de arquivo, é possivel imaginar o quanto teve que lutar um Acquarone para concluir e publicar obras de tamanho vulto e de contexto tão difícil de coordenar.

Ora, se possuimos homens dêsse quilate mesmo sem estarmos organizados para tamanhas ousadias literárias, que não poderiamos realizar em pról do Brasil aqui e lá fóra, se chegássemos a fundar uma instituição como a "The Society of Antiquaries", que já conta de existência quase dois séculos e meio?

A vida literária de uma nação não deve limitar-se às importações e traduções quase sempre imperfeitas. Devemos criar, fundar organizações nossas, fazendo reviver nomes ilustres perdidos por todo êsse imenso Brasil, esquecidos em velhas prateleiras, como "estrêlas" ocultas pelo nevoeiro de nossa indiferença. Precisamos acordar, remexendo no passado, dando vida a obras que jazem esquecidas em primeiras edições de âmbito municipal, pela hostilidade do meio, mas que devem renascer como o grão de trigo de Eleusis.

Grande painel exposto na Exposição Ibero-americana de Livro e Artes Gráficas, reproduzindo a caravela "Santa Maria", na qual Colombo descobriu a América

Exposição de livros na Suécia

A data do descobrimento do Novo Mundo revestiu-se, êste ano em Estocolmo, capital da Suécia, de solenidades magníficas e muito sensiveis ao espirito ibero-americano, com a inauguração de excelente Exposição do Livro e Artes Gráficas dos paises de língua espanhola e portuguêsa.

O grande certame cultural que foi organizado pelo Museu Nacional de Estocolmo, teve como objetivo intensificar o intercambio cultural entre aquêle país e as nações ibero-americanas. Várias emprêsas particulares suecas deram inteiro apôio econômico à Exposição, e o Principe Guilherme, filho menor do Rei Gustavo a patrocinou com o mais vivo interêsse, não tendo faltado o apôio de tôdas as legações dos países homenageados. Por êsse meio o povo sueco ficou conhecendo o gráu de progresso e cultura dos povos ibero-americanos e muitos de seus mais ilustres filhos, como Gabriela Mistral e Garcia Lorca são agora bastante conhecidos e admirados. As coleções expostas foram cedidas por particulares e autoridades dos países ibero-americanos, assim como fornecidas pela Biblioteca Real de Estocolmo e pelo Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo.

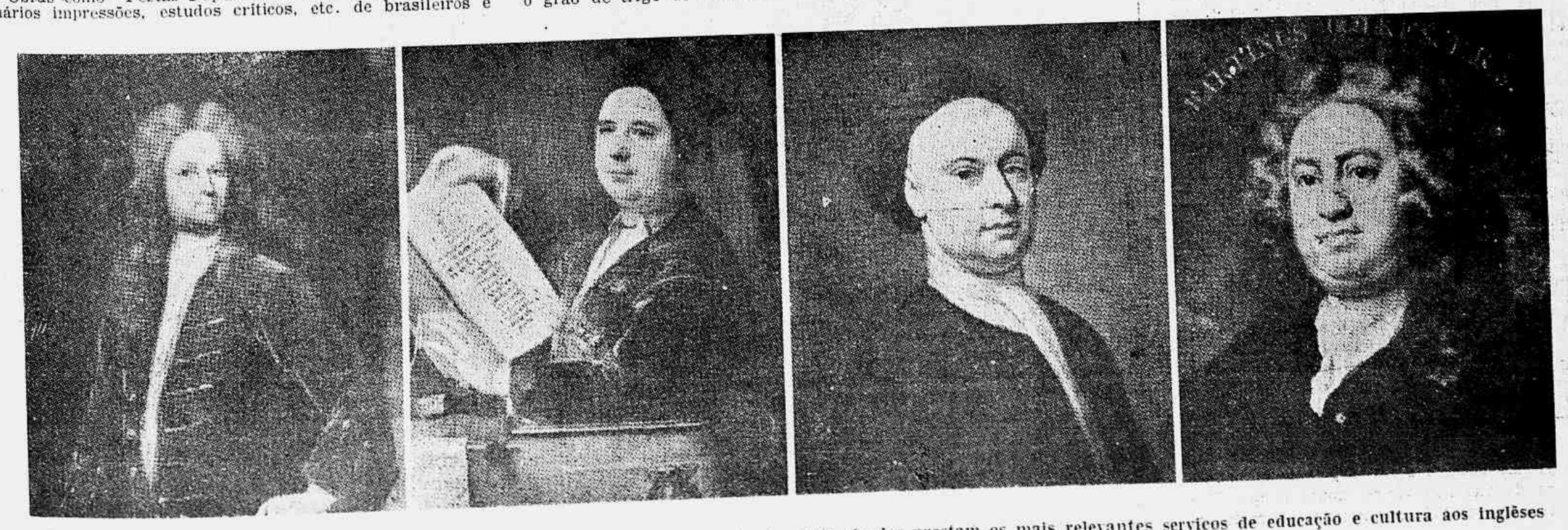
Entre o vultoso material exposto figuram, entre outras coisas, arte gráfica de Cuba, México, Venezuela e Uruguai, e livros dêsses países, assim como do Brasil, Argentina, Chile, Colombia, Espanha, Guatemala, Peru e Portugal.

As obras expostas abarcam, desde os livros escolares até as mais sérias sôbre ciências, artes, etc. magnificamente editadas. A impressão que milhares de visitantes tiveram até ao encerramento a 24 de outubro, foi a de que é considerável o bom gôsto e a estética da indústria gráfica dos ibero-americanos, tendo despertado vivo interêsse um volume do Cântico dos Cânticos impresso em cortiça. O Principe Guilherme recebeu como presente lindo volume encardenado em couro vermelho e ouro, da obra de Antônio Ponz, "Viagem de Espanha", oferta de um editor de Madrid com dedicatória em fôlha anexa especialmente colocada para isso.

I CONGRESSO DE EDITORES LIVREIROS DO BRASIL

Inaugurado a 22 de novembro pp. na capital paulista, no salão nobre da editora "O Pensamento", encerrou-se a 27 daquele mês o "Primeiro Congresso de Editores e Livreiros do Brasil", no qual se reuniu vultoso número de delegados de indústria gráfica, editores e livreiros,

(Continua na pág. 52)



Os Quatro Grandes da "Society of Antiquaries", de Londres, e que, há mais de dois séculos prestam os mais relevantes serviços de educação e cultura aos inglêses

A VIDA DE STERNE

(LAURENCE STERNE — 1713-1768)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)

O avô de Laurence Sterne foi arcebispo de York, um homem que permanecia em um só lugar, como um monumento de granito. O pai de Sterne foi um soldado que se mudava de um lugar para outro incessantemente, como o vento.

"O dia de meu nascimento foi amargo para meu pobre pai que, no dia seguinte ao de minha vinda ao mundo, foi com vários outros bravos oficiais, atirado ao léu pelo mundo com uma espôsa e seus filhos". Êle foi "uma espécie de Ulisses que servia de joguete aos deuses adversos que moravam no Ministério da Guerra". E seu destino estêve também à mercê de uma prolífica espôsa que lhe deu uma ninhada de crianças débeis e anêmicas. Obedecendo a ordens do regimento de seu marido, ela o acompanhou "da Irlanda à Inglaterra e da Inglaterra à Irlanda, de uma guarnição do interior a um pôrto de mar e de novo ao interior, incessante enterrando filhos", a ponto dos amigos começarem a falar nas várias crianças perdidas pela senhora Sterne aqui e ali, em cada lugar onde a levavam as viagens do marido, como se os filhos fôssem peças da bagagem do casal enviadas diretamente do céu para o túmulo. Com efeito a morte parecia disposta a empreender várias das suas com os fardados del-rei. Em Gibraltar ao pai de Laurence Sterne, "aquêle veterano tão resistente", transpassaram o corpo num duelo a que o arrastara um motivo fútil. O duelo realizou-se num pequeno aposento. O espadim do capitão Philips varou com tal violência o corpo do capitão Sterne que o espetou na parede. Então, com infinita presença de espírito, o oficialzinho ferido pediu ao capitão Philips que, antes de retirar seu espadim, tivesse a cortesia de limpar-lhe a ponta do estuque que a ela havia aderido "e que seria desagradável ter introduzido em meu organismo".

O capitão Sterne sarou do ferimento. Foi passar sua convalescença na Jamaica e lá morreu de febre. "Sua moléstia primeiro toldou-lhe a razão e depois transformou-o numa criança. Finalmente, dentro de um mês ou dois, fazendo incessantes caminhadas sem rumo certo, sem soltar uma queixa, sentou-se numa cadeira de braços e deu o último suspiro".

Essa mistura de extravagância e de tragédia — fadário que perseguiu o pequeno soldado durante tôda a sua vida — continuou na existência de seu filho Laurence. Como o pai, estêve sempre à mercê do acaso e dos caprichos de seus semelhantes. Referindo-se ao pai, Sterne escreveu: "Podíeis enganá-lo dez vêzes por dia, se não bastassem nove para conseguirdes o vosso intento".

II

O pai morrera deixando a família "sem um shilling no mundo". Felizmente surgiu um primo para salvá-lo. Empregou seu dinheiro em proporcionar uma educação clássica ao "magro e culto" jovem. "Quem sabe? Talvez algum dia chegues a arcebispo, como teu avô".

Sabia êsse primo que o livro preferido por Laurence entre os clássicos era a *Arte de Amar*, de Ovídio? E que o mais absorvente dos passatempos de Laurence era namorar? Após uma boa dose de Horácio, Platão, Plínio, Cícero, Isócrates e das "Vidas dos santos", Sterne recebeu as ordens e estabeleceu-se como eclesiástico na paróquia de Sutton-on-the Forest, no Yorkshire. Meteu-se em política com um tio que ocupava uma posição influente na igreja, recebeu o benefício de paróquias adicionais e então passou a procurar uma espôsa para acrescentar mais isto aos progressos que ia fazendo na carreira. Cortejou, durante dois anos, Elizabeth Lumely. Jamais se escreveram cartas de amor como as dêste semiclássico jovem pregador, perdido de paixão. "Selava seus beijos com citações do *Paraíso perdido*, de Milton, e com alusões à *Beggar's ópera*, e sublinhava seus suspiros com notas tiradas do *Ensaio sôbre o homem*, de Pope. Elizabeth "confessou que gosta de mim, porém não se julgava suficientemente rica nem a mim bastantemente pobre para nos unirmos... A tísica invadiu-lhe o organismo e uma noite, em que eu estava sentado a seu lado sofrendo por vê-la tão doente, ela me disse: "Meu querido Laury, jamais poderei ser tua pois tenho certeza de que não viverei muito tempo. Porém lego-te tudo o que tenho. E mostrou-me seu testamento. Tanta generosidade me deixou confuso. Deus quis que ela se restabelecesse e nós nos casamos...".

A vida conjugal começou bem para êles. Elizabeth tinha vocação para a música. "O vigário tocava violoncelo e ela o acompanhava".

Mas a vida era monótona. Mrs. Sterne era uma mulher desinteressante. As suas rígidas virtudes impediam-na de acompanhar a agitação intelectual do marido e o casal não pôde cumprir o primeiro mandamento de um matrimônio feliz: viver como se fôsse uma única pessoa. Sterne era um espírito fino cuja fantasia o elevava nas asas do riso, ao passo que sua espôsa se arrastava pesadamente, mal humorada, incapaz de compreender. Lá consigo chegara o nosso homem à conclusão de que êle era de certo modo, apesar de seu trajo eclesiástico, um rebento de uma das famílias mais célebres senão pelo sangue ao menos pela fantasia: a família dos Yoricks da Dinamarca, os bobos da côrte do rei. Pobre

Yorick! O bôbo do rei morrera. Mas vivia o seu sucessor, o bôbo do mundo!

O mundo é triste e é preciso distraí-lo. Portanto, fora com gravidade! "A gravidade é um patife errante e da espécie mais perigosa por ser matreiro... A própria essência da gravidade é tramar... uma misteriosa postura do corpo para encobrir os defeitos do espírito".

E assim Laurence Sterne adotara, em acréscimo aos quatro Sagrados Evangelhos, um grupo de quatro evangelhos [illegible]

Apesar de tudo isso, ainda achava tempo para seu passatempo predileto: a "busca da felicidade". Uma longa lista de mulheres atearam chamas no coração do jovem e sensível ministro. Seus "amores platônicos" eram o escândalo — e a inveja dos seus paroquianos.

Contudo, êsses namoros não lhe atrapalharam a carreira. Ganhou novas prebendas e o povo se admirava de sua versatilidade. Foi nomeado juiz de paz e julgava seus paroquianos com uma expressão brejeira nos olhos. Nunca, desde os tempos de Friar Tuck, houve na Inglaterra um espetáculo semelhante ao dêste pastor do Yorkshire que enterrava os mortos, batizava os recém-nascidos e ria, ria, ria desbragadamente até sentir dor no lado.

Sempre o riso antes do dever. "Certa vez, andando êle pelo campo para a prédica dominical em Stillington, aconteceu que seu perdigueiro levantou um bando de perdizes. O pároco voltou dali para casa a buscar sua espingarda, deixando a ver navios o seu rebanho, que o esperava na igreja". Ao tomar os serviços de um criado chamava-o, com delicioso humor, "meu pecador Amem".

Consciente de suas próprias imperfeições, rendeia-se das imperfeições alheias. Quase sem o sentir ligou-se a um grupo de cultos sensualistas que deram à sua sociedade o nome de "Clube dos Endemoninhados" e que se reuniam numa casa de campo que haviam alcunhado de "Castelo Louco". Aí comiam, bebiam, passavam horas alegres, discutiam literatura e amor [illegible] Francis Rabelais.

And as the evening when they met
(To think on't always does me good)
There never met a jollier set,
Either before or since the Flood. (1)

Em tais atividades, metido num rincão da Inglaterra, Sterne viveu a primeira metade de sua vida — obscuro, contente, repreendido e amado por seu despreocupado humor. Pois, embora tivesse muitos vícios, tinha uma grande virtude: um coração transbordante de bondade para todo o ser vivo.

Sua bondade era fruto do sofrimento. Laurence Sterne era um homem doente. Seu próprio aspecto exterior desmentia-lhe a jovialidade. Com aquela figura esguia e delgada, trajando de prêto, com aquelas pernas de aranha, com aquêle peito "inteiramente destituído de resistência", e com uma cara em que não havia bochechas mas um pouco de pele encovada, procurava convencer o mundo — e a si mesmo — ser êle uma coisa que não era. Os pulmões ulcerados e a perder sangue levavam-no lentamente para o túmulo. Apenas suas enormes narinas se mantinham perenemente trêmulas com o sôpro de seu agudo engenho. A natureza construíra para êle um arcabouço de tragédia, dentro do qual o espírito do riso conseguia conservar com vida aquêle corpo frágil.

III

Depois de largar o violino, sentava-se na sua biblioteca durante horas, a escrever. Essa biblioteca era o templo dedicado à sua abençoada trindade de humorista — "Luciano, meu caro Rabelais, e o ainda mais caro Cervantes" — homens que tinham recebido tristeza e dado alegria. E logo atrás dêles estavam as divindades menores a quem também dedicava afeição: Montaigne, Pope e Swift. Ali na biblioteca, Sterne rendia seu preito aos mistérios antigos e esotéricos e se engolfava na estranha cabala do humorismo. Foi nesta atmosfera que preparou um livro que espantou, inspirou e escandalizou o mundo. Um livro "novo e original". Nada semelhante fôra jamais escrito. Não tinha forma, nem lógica, nem dignidade. O autor apenas observou a sabedoria e a estupidez do mundo, sua tragédia e sua comédia, seus temores e fraquezas, seus ódios e amôres, encadeou êsses diversos elementos num todo, formando uma história tão rica de interêsse e tão vazia de enrêdo como a própria vida, injetou nela um pouco do sabor do espírito rabelaisiano e intitulou essa espantosa mistela *A vida e as opiniões de Tristram Shandy*.

Leu as primeiras páginas do livro para alguns amigos depois do jantar. Êles adormeceram. Profundamente ferido, Sterne dirigiu-se para a lareira e ia jogar o manuscrito no fogo quando um dos convivas, que conservava um dos olhos ainda aberto (êsse olho enxergava muito longe), arrebatou-lhe o manuscrito e salvou-o para o futuro.

Ainda depois da publicação do livro, Sterne não tinha certeza de sua aceitação. "E' uma criatura tão sem pé nem cabeça..." — o prefácio, por exemplo, fica no meio do livro em vez de aparecer no comêço. E seu humor é tão parecido com o diabo numa atitude de adoração de si mesmo. "Brincas demais com o teu talento... E' como brincar com a amante de outro homem — um consôlo muito bom para o apaixonado, mas bem pouco aprazível para o preterido".

Apesar disso, esperava que o público estabelecesse uma comparação entre seu livro e um outro que fôra publicado no mesmo ano — o *Candide* de Voltaire — "o livro mais engraçado de todos os tempos". E creu à musa de Cunegundes para a família Shandy fôsse acrescentada à galeria dos grandes retratos da ficção.

Começou então a receber a opinião de amigos de Londres que haviam lido em primeira mão exemplares de *Tristram Shandy*. "Os melhores críticos julgam unânimemente que seu livro não pode cair em mãos de nenhuma mulher decente". "Espero que vocês excetuem as viúvas", respondeu sarcàsticamente Sterne.

(Continua na pag. 50)

(1) E quando à noite se reuniam (pensar nisso sempre me faz bem) nunca um grupo mais alegre se reuniu nem antes [illegible]

MÃES e FILHOS

ANAMARIA CÉLIA

O FAVORITISMO — Numa família onde existe o favoritismo, deve, também, sem dúvida, existir a rivalidade, a inveja, a desinteligência. E o prejuízo não é somente para os que são relegados a um plano secundário, mas também e talvez principalmente, para os próprios favoritos.

Antes de mais nada, deixem-me dizer que andam errados os pais que preferem um entre os filhos, e, mais errados ainda andam os que demonstram essa preferência. O que isso denota, é falta de humanismo, de tato, de inteligência e de compreensão. Admitimos, em casos especialíssimos a preferência por um dos filhos, mas nunca admitimos a revelação dessa preferência. Os pais deveriam amar todos os filhos com igualdade, sem distinguir primogênitos ou "caçulas", a fim de manter o equilíbrio, o bem-estar e a felicidade dentro do lar. Mesmo existindo razões especialíssimas, estas deveriam ser sufocadas a fim de vitar desavenças e sofrimento. Quanto ao sofrimento, êste inevitàvelmente, virá a existir tanto de um lado como do outro. Os primeiros, os preferidos, envaidecidos com a preferência dos pais, acabarão por se julgar melhor do que os outros e merecedores de maior atenção e respeito. Quererão ser os primeiros em tudo: na escola, nos jogos, nas amizades; acharão também que os seus desejos deverão ser imediatamente realizados, que suas opiniões deverão ser ouvidas e respeitadas, julgar-se ão, enfim, os senhores do mundo. Sofrerão muito porque um dia compreenderão que o mundo não está disposto a cair aos seus pés, e sofrerão ainda quando compreenderem que a situação de privilégio somente lhes trouxe o isolamento, a indiferença e o menosprezo dos outros. Os preteridos, por sua vez, começarão odiando os favoritos. E' possível que tentem conquistar os pais, é possível até que procurem compreender a situação, porém, o mais certo é chegarem a uma total indiferença quer com relação a êstes ou aqueles. Para mostrar a imperfeição do ídolo, não lhes perdoarão o menor deslize; qualquer falta será motivo de alegrias. Enfim, nos lares onde existe o favoritismo, não há lugar para essa felicidade tranquila com a qual sempre sonhamos. A inveja, o rancor, a desilusão, tomará o seu lugar.

6 — E', é melhor pedir ajuda à mamãe...

5 — Está escolhido. O pior agora é conseguir vestir...

4 — E agora, que "toillete" escolheremos?...

CONSELHOS

Quando a criança assume uma atitude agressiva, o que se deve fazer é desviar a sua atenção para um outro assunto, evitando-se de medir fôrças com ela. ★ E' êrro pensar-se que uma criança depois dos quatro anos já não precisa dos mesmos cuidados e das mesmas atenções. Muitas mães, quando a criança atinge essa idade, negligenciam até na sua alimentação, justificando a magreza com o "crescimento". Tudo isso está muito errado.

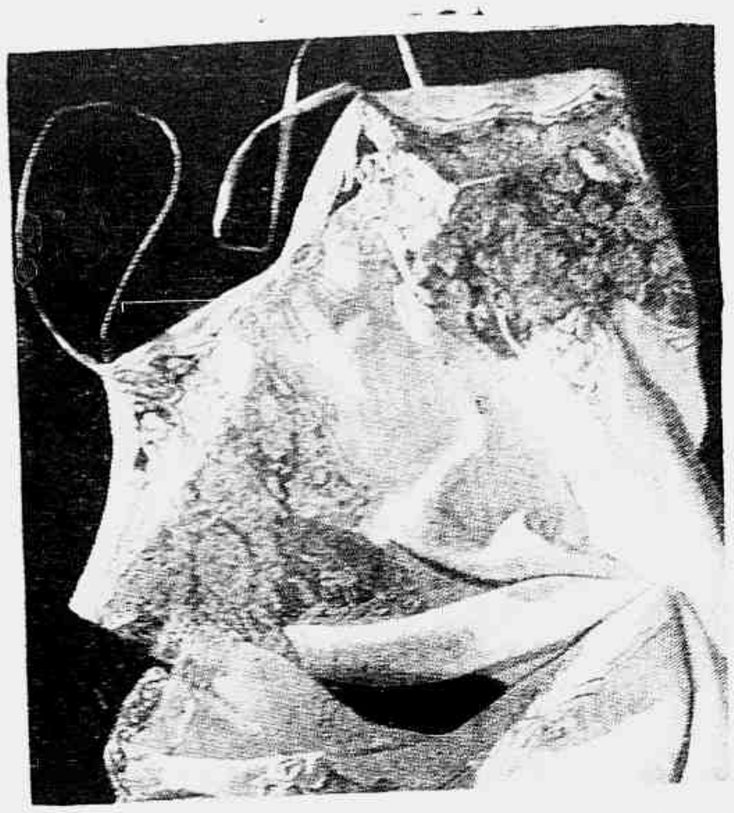
1 — O sabão não é doce. Cruel experiência...

2 — O banho é sempre um acontecimento...

3 — Um pouco de talco para perfurmar...

SI VOCÊ QUER SE TORNAR POPULAR

NINGUÉM gosta de "tomar chá de cadeira" quando vai a uma festa. Você, garota, não compreende bem porque isto acontece com você, apesar de ser bonitinha, engraçadinha, etc.... Quem sabe, no entanto, se você não está num dêsses casos? 1.º) Seus cabelos podem ser muito lindos e muito cheirosos, mas o seu par não gostará de tê-los, a cada momento, roçando pelo seu rosto, entrando-lhe pela bôca e substituindo o bigode que teima em não aparecer... 2.º) Sua bôca é um "xuxu"; seu **baton** tem uma côr "alinhada" mas êle não gostará que você "carimbe" o seu **summer**. 3.º) Se você vai de calças e **sweater**, mesmo às festinhas íntimas, é natural que êles se afastem. Dançar com vocês nêsses trajes, é o mesmo que dançar com um amigo. E, não é isto que êles querem. 4.º) Tantas joias, tantas pedras, tantos anéis.... Tudo fará com que êles até tenham medo de você.... Ninguém gosta de carro alegórico.... 5.º) Com todo êsse **make-up**, você parecerá muito mais velha do que êles.... E, dançar com a titia, só em casa... 6.º) Cada um dêles quererá ter a ilusão de que é o seu favorito. Não se decepcione distribuindo a todos o seu retrato. Quando a pequena é muito "popular", os bons rapazes se afastam.



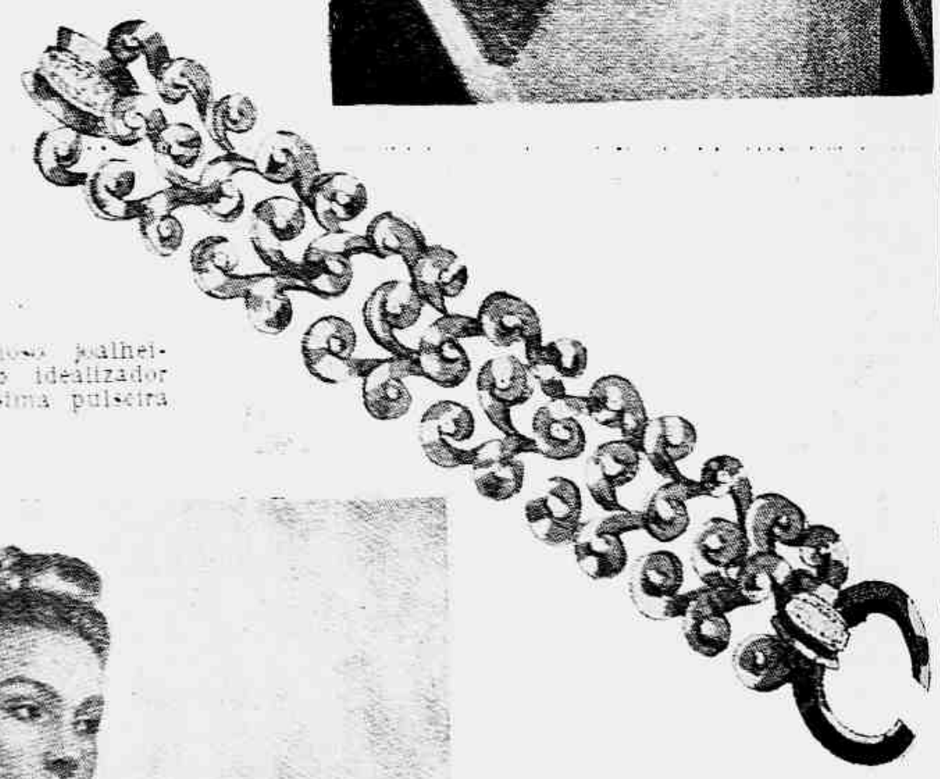
Combinação de seda rosa-pálido com incrustações de renda

★

Sapato para a praia em linho cru. "Viés" em tom contrastante

DETALHES E NOVIDADES

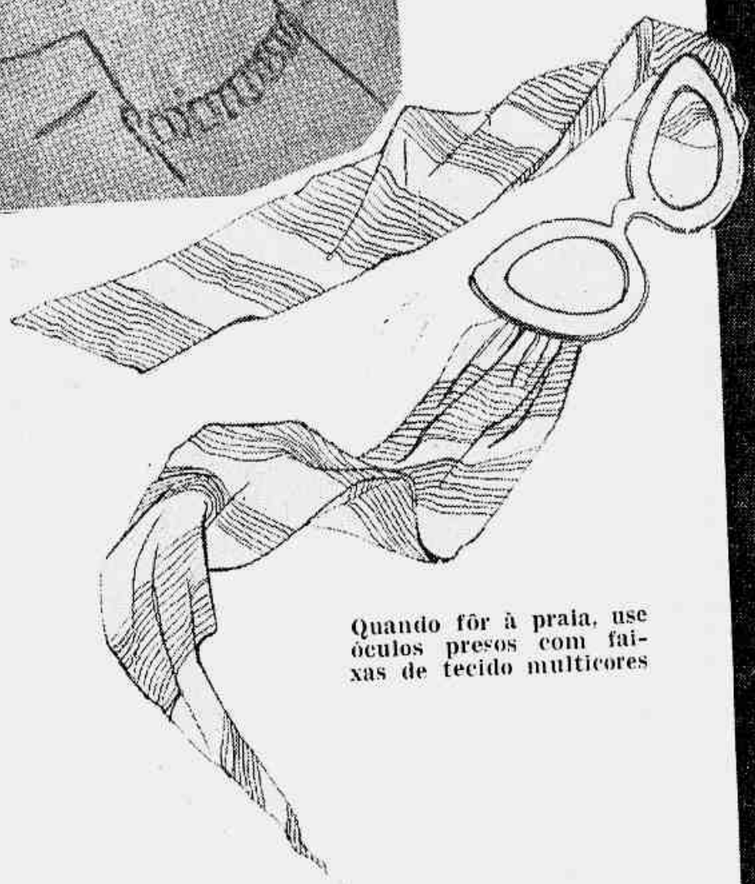
"Toque de veludo com estrêlas em "lantejoulas", para completar um vestido de noite



Boucheron, famoso joalheiro francês é o idealizador desta originalíssima pulseira

Um bordado vistoso de "lantejoulas" coloridas da côr cunho "Jupette" nesta blusa

Se não quiser cortar os cabelos, use-os para cima... Cabeleiras soltas estão fora de moda...



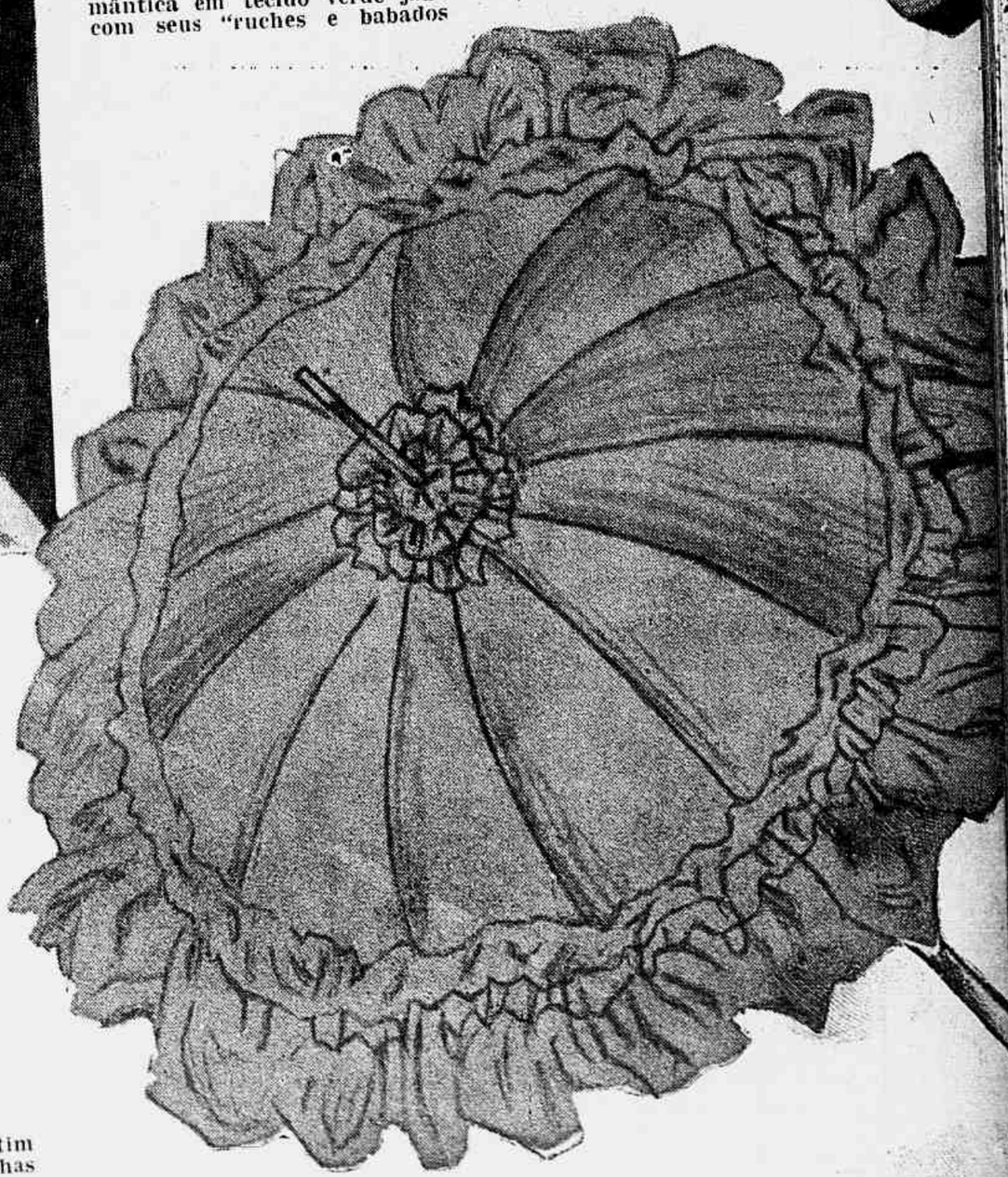
Quando fôr à praia, use óculos presos com faixas de tecido multicores

Camisola em crepe romano com plissados e laços sôbre os ombros

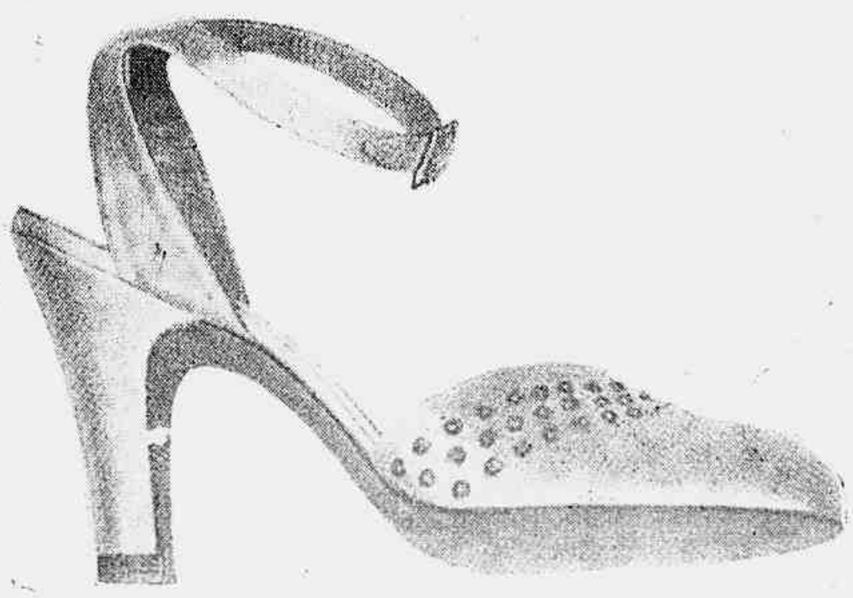
Uma bolsa muito prática, que tanto serve para viagens como para se usar na cidade

Chapéu de palha branco com grande pena multicor de pavão

Um "toque" maior de feminilidade... Uma sombrinha romântica em tecido verde jade com seus "ruches e babados



Para proteger os cabelos do sol, use um "bonet" estilo "legionário"



Para "soirée", sapato de cetim com pedras azuis e vermelhas

week-end NA COZINHA

1 Vamos fazer uma torta? Primeiro pese os ingredientes, obedecendo, rigorosamente, a receita.

OMELETE COM PRESUNTO

Ingredientes — 125 grs. de presunto, 100 grs. de banha, 4 ovos, sal, pimenta.

Preparação — Batem-se os ovos com uma pitada de sal e outra de pimenta. Corta-se o presunto em pedacinhos e juntam-se àqueles. Põe-se uma caçarola ao fogo com a banha e quando esta estiver bem quente, acrescentam-se os ovos misturados com o presunto. Deixam-se cozinhar e depois, viram-se as pontas da omelete para cima. Enrola-se e serve-se.

AIPIM ASSADO

Ingredientes — 2 ou 3 raízes de aipim, 100 grs. de manteiga, sal.

Preparação — Lava-se o aipim, enxuga-se, põe-se num tabuleiro e leva-se ao fôrno para assar. Quando estiver assado, descasca-se, passa-se manteiga, salpica-se com sal e serve-se quente.

3 O bater é muito importante. As batedeiras elétricas poupam as fôrças da doceira... Para obter-se uma massa fôfa é necessário que a mesma seja bem batida, para que os ingredientes fiquem bem misturados.

SALADA DE BATATA COM MEXILHÕES

Ingrediente — 520 grs. de batatas, 250 grs. de mexilhões, 2 colheres das de sopa, de azeite, 2 colheres das de sopa, de água, 1 colher das de sopa, de vinagre, 1 ramo de tomilho, sal, salsa, pimenta.

Preparação — Lavam-se muito bem os mexilhões, põem-se numa caçarola com a água indicada, o tomilho, a salsa e o sal e quando se abrirem, retiram-se da casca. À parte, cozinham-se as batatas em água a ferver com sal, descascam-se, partem-se em rodelas e juntam-se os mexilhões. Em seguida, dispõe-se tudo numa saladeira e juntam-se o azeite, o vinagre e a pimenta. Mexe-se bem e serve-se.

SAIBA QUE...

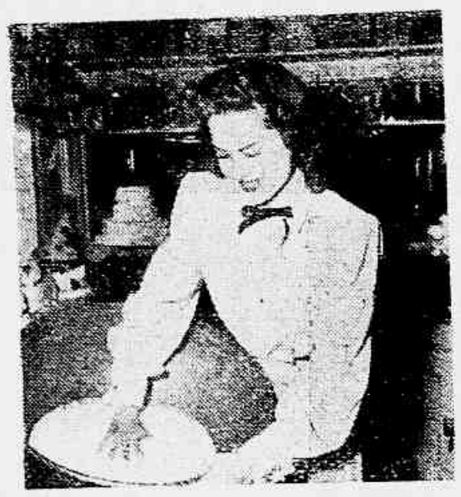
Não é a quantidade dos alimentos que ingerimos que fornecem a base de uma boa saúde. Existem alimentos essenciais que devem ser incluídos em todos os "menus". As proteínas podem ser encontradas na carne, no peixe, nos ovos, leite, queijo, lentilhas, etc. Os sais minerais, como o ferro e o cálcio, são encontrados na carne, gema de ovo, leite e seus derivados e em grande quantidade de ervas verdes.

★

CREME DE MILHO VERDE

Ingredientes — 250 grs. de açúcar, 100 grs. de manteiga, 12 espigas de milho verde, 1 côco, 6 ovos, sal.

Preparação — Rala-se o milho e junta-se-lhe o leite de côco, extraído com uma xícara de água morna. Passa-se por uma peneira, depois por um guardanapo e em seguida junta-se-lhe a manteiga, anteriormente derretida, uma pitada de sal e os ovos batidos com açúcar. Mistura-se tudo muito bem, mexendo-se com uma colher de pau. Põe-se numa fôrma untada com manteiga e cozinha-se em banho maria no fôrno.



2 Misture-os também na ordem indicada pela receita. Observe bem a ordem da mistura dos ingredientes, e veja se as quantidades são exatamente as pedidas, nada de mais ou menos.

SIRICAIA DA BAHIA

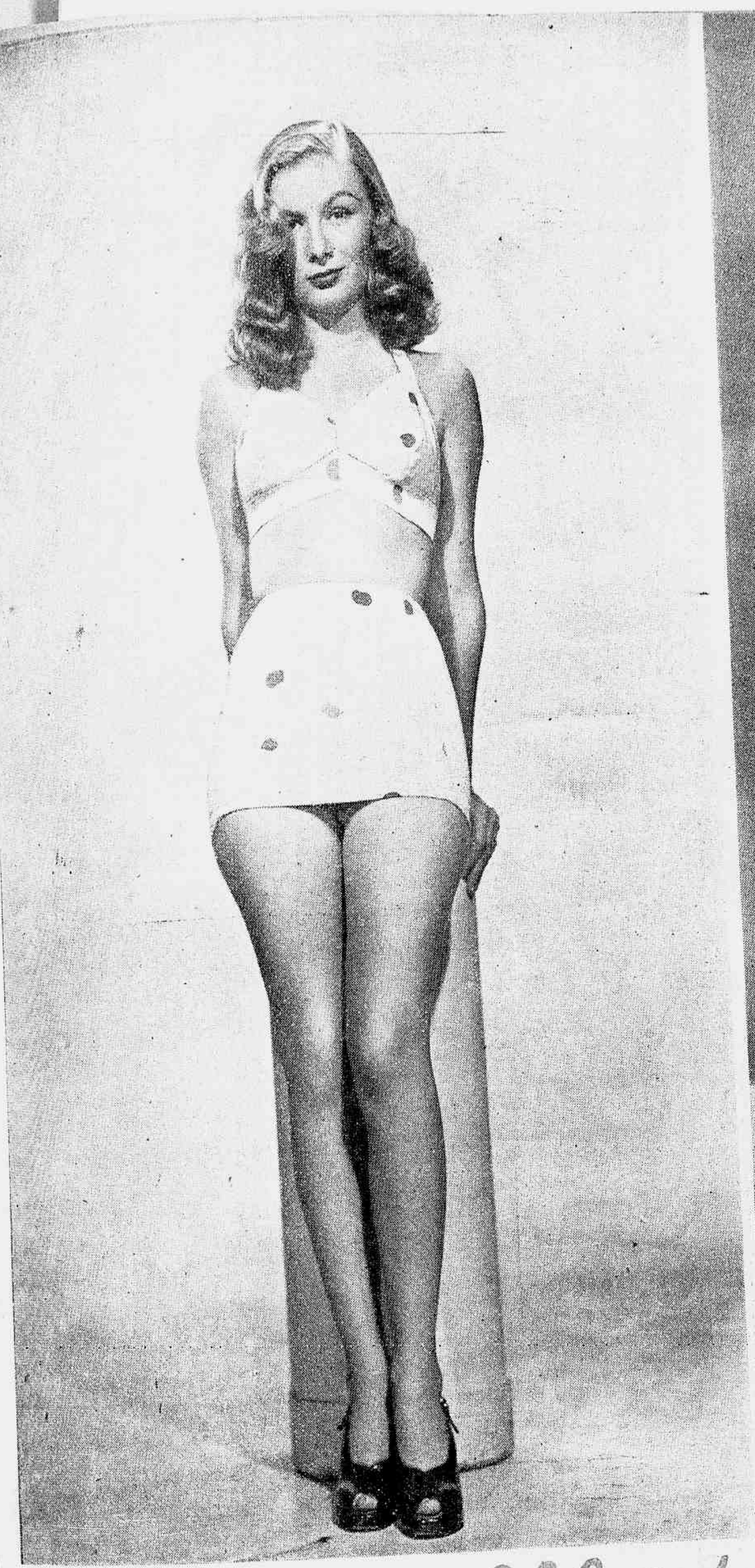
Ingredientes — 12 gemas, 170 grs. de açúcar, 50 grs. de manteiga, 1 xícara das de chá, de leite, 1 colher das de chá, de essência de baunilha.

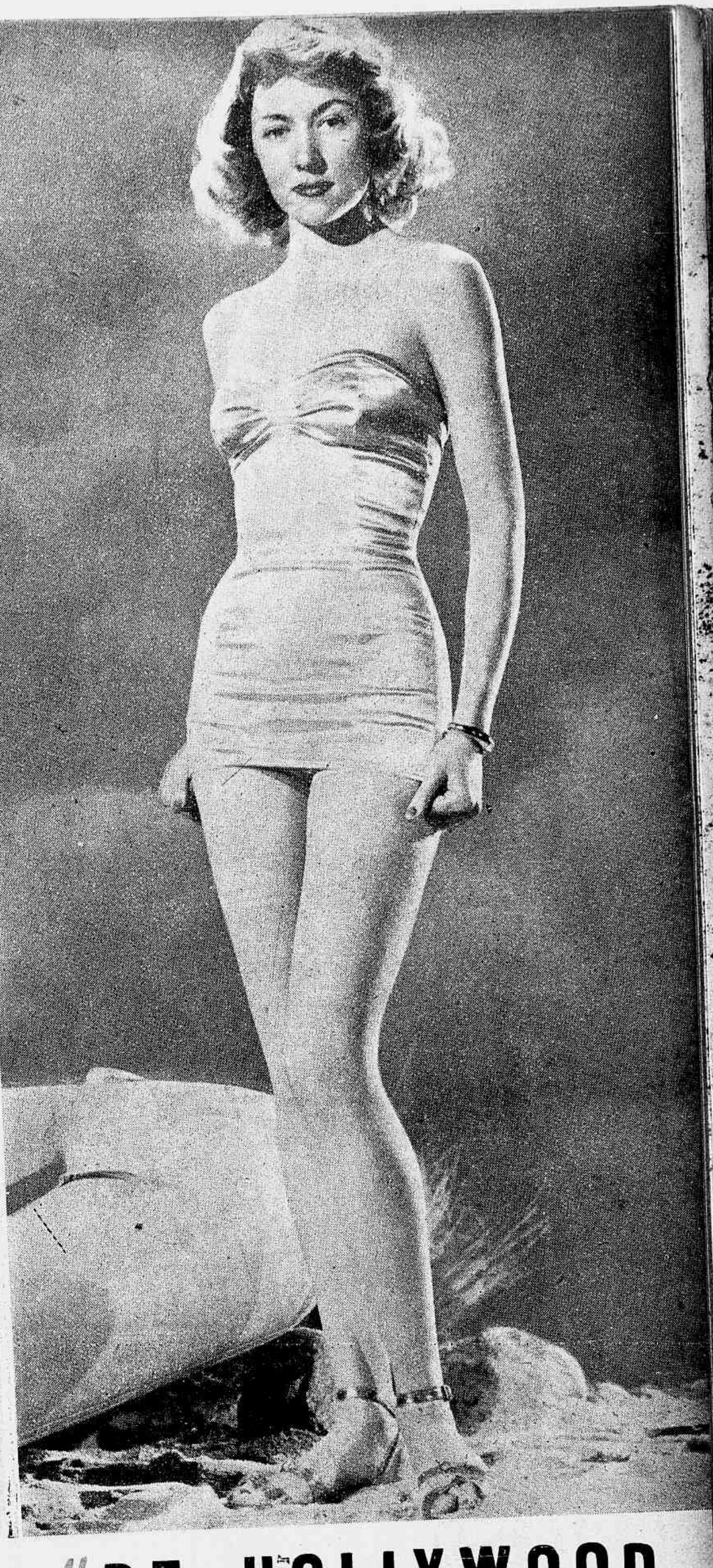
Preparação — Batem-se as gemas com o açúcar e a manteiga até abrir bolhas e em seguida junta-se-lhes o leite que deve ter sido fervido com baunilha. Mistura-se tudo, põe-se em forminhas untadas com manteiga, e assam-se no fôrno em banho-maria.

4 Depois de colocar a massa no fôrno, abra-o sòmente depois de decorridos vinte minutos. Estando pronto, é só preparar o recheio, juntar as fôrmas e servir.

CRIANÇAS

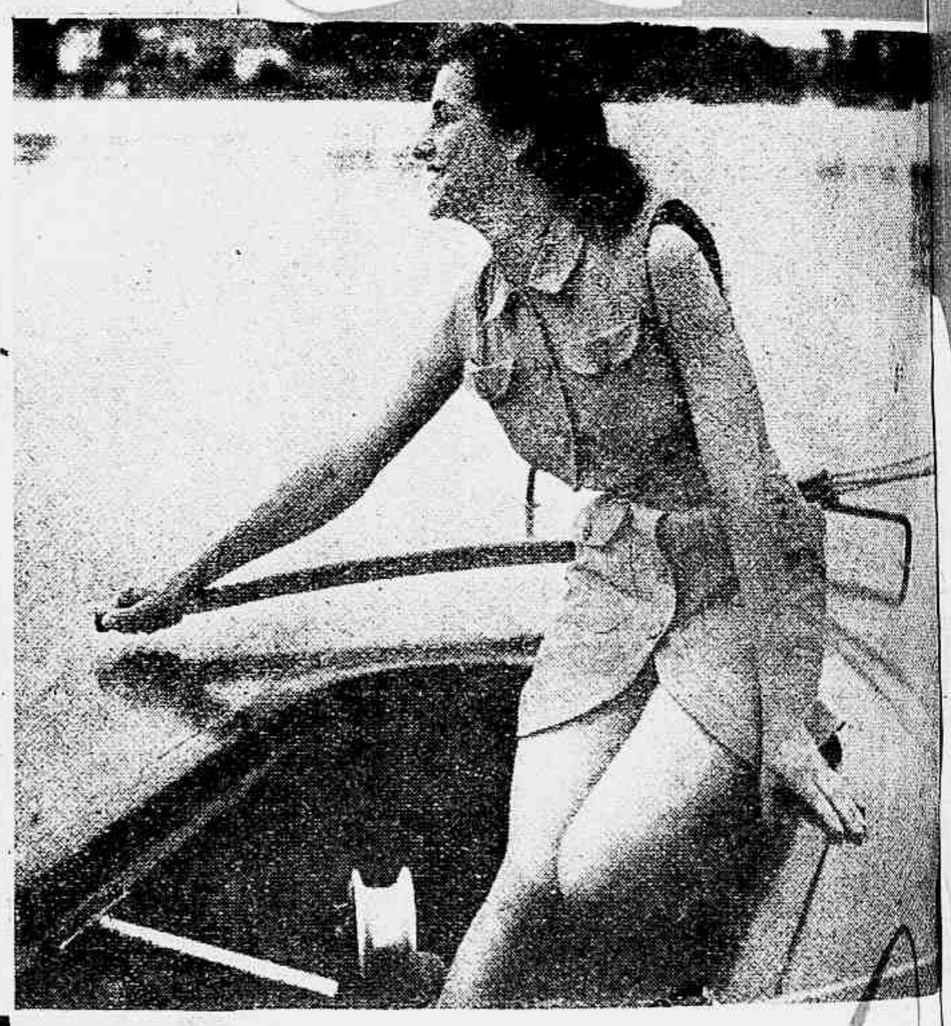
Eis alguns modelinhos de crianças, próprios para a presente estação. Todos são enfeitados com o bico bordado que se vê ao redor, em ponto grande. O primeiro, é feito em cambraia rosa-sêco, decote quadrado e saia franzida. O segundo, é um "duas-peças" em "surah", com gravata branca. Vem em seguida um modelinho em tecido quadriculado, também com decote quadrado. Logo após um encantador modelinho em cambraia côr de canário, com lacinhos noutro tom e, finalmente, um modelinho azul claro, com nervuras na parte superior que formam os franzidos da saia. **Em baixo**, dois elegantes modelinhos para crianças de 5 a 7 anos.



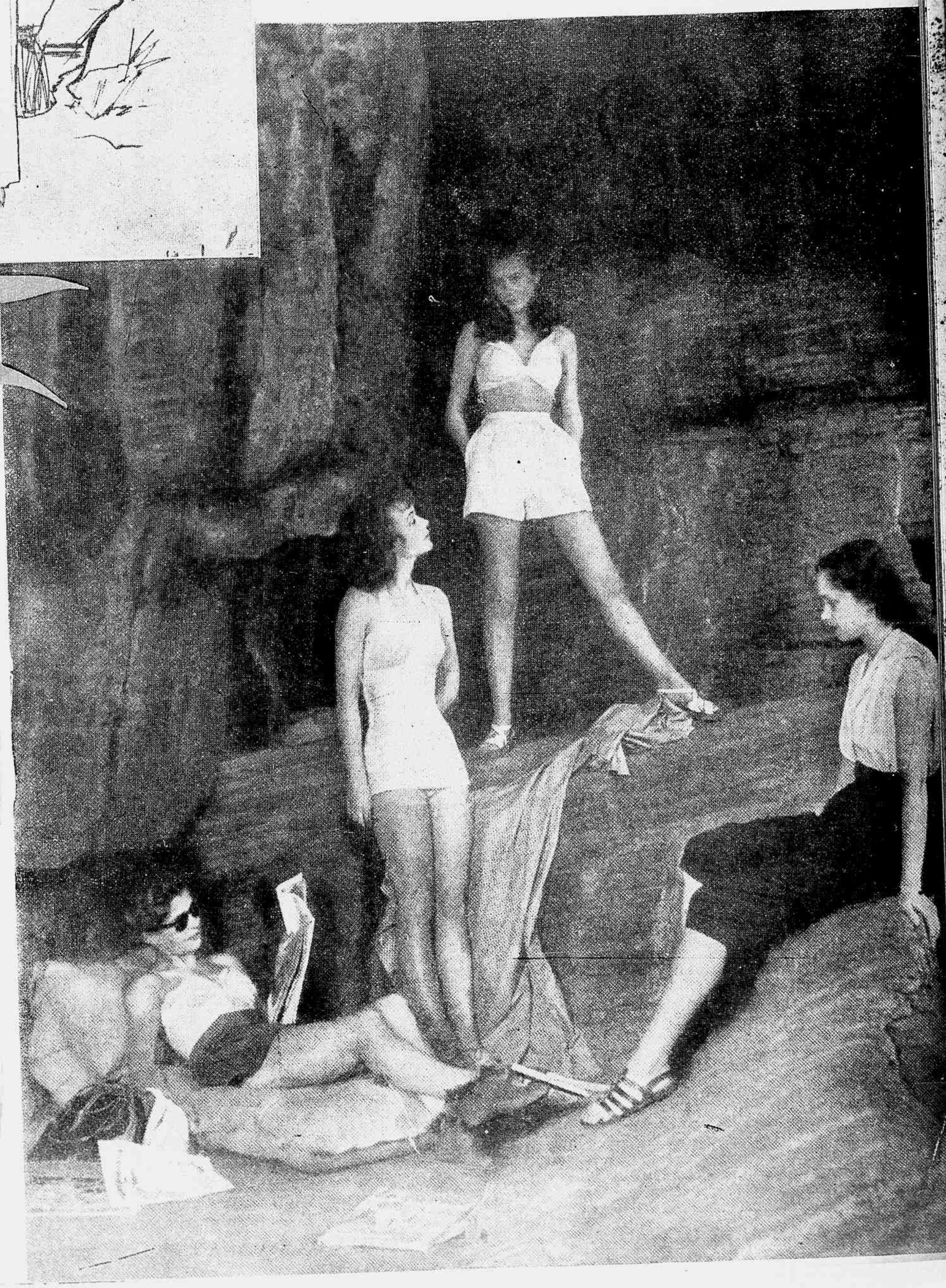


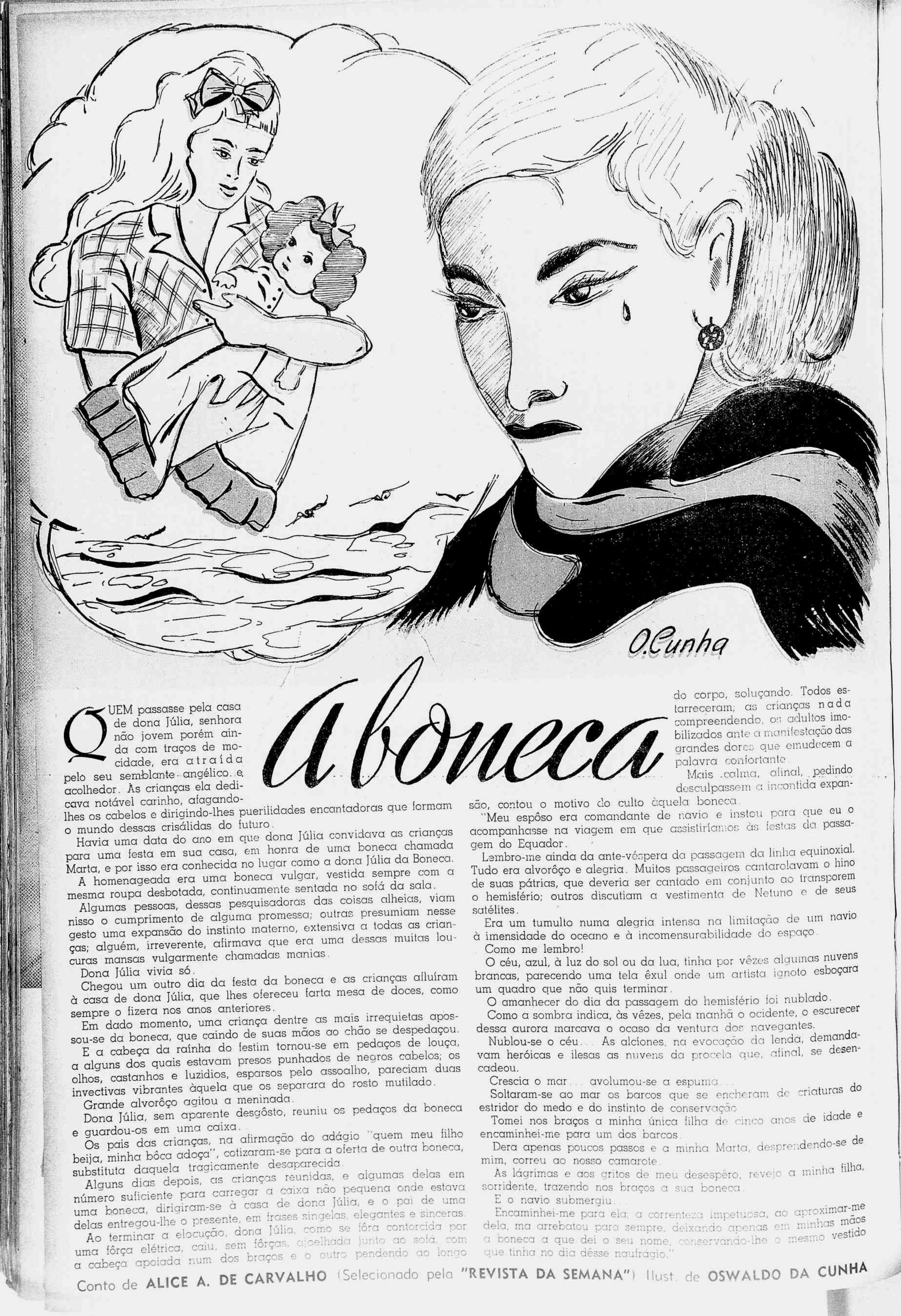
"maillots" DE HOLLYWOOD

AS pequenas de Hollywood sabem, como ninguém, ostentar um **maillot** ou outro qualquer traje de praia. Aqui temos, por exemplo, Veronica Lake, da Paramount, num "duas peças" em **jersey** de sêda estampada. Agora é Gloria Grahame, também da RKO, exibindo um **maillot** azul, de lastex, drapeado sôbre o busto e sem alças. Lana Turner, da Metro Goldwyn Mayer, exibe êste modêlo branco, com desenhos multicores. E, finalmente, Shirley Johns, também da Metro, exibe gracioso **robe** para a praia em tecido escocês com guarnições em tecido unido



ELEGANTES e sugestivos modelos para praia são os que aqui apresentamos nestas duas páginas. São **shorts, slacks, maillots,** etc., que muito realçarão a sua elegância e feminilidade, mesmo quando vestida esportivamente. Os tecidos empregados são os mais variados possível. Sêda preta para o elegante **slack,** fustão branco para o "duas-peças", lastex para o **maillot,** linho para o **short,** etc. Agora é só escolher e mão à obra.





A boneca

QUEM passasse pela casa de dona Júlia, senhora não jovem porém ainda com traços de mocidade, era atraída pelo seu semblante angélico e acolhedor. Às crianças ela dedicava notável carinho, afagando-lhes os cabelos e dirigindo-lhes puerilidades encantadoras que formam o mundo dessas crisálidas do futuro.

Havia uma data do ano em que dona Júlia convidava as crianças para uma festa em sua casa, em honra de uma boneca chamada Marta, e por isso era conhecida no lugar como a dona Júlia da Boneca.

A homenageada era uma boneca vulgar, vestida sempre com a mesma roupa desbotada, continuamente sentada no sofá da sala.

Algumas pessoas, dessas pesquisadoras das coisas alheias, viam nisso o cumprimento de alguma promessa; outras presumiam nesse gesto uma expansão do instinto materno, extensiva a todas as crianças; alguém, irreverente, afirmava que era uma dessas muitas loucuras mansas vulgarmente chamadas manias.

Dona Júlia vivia só.

Chegou um outro dia da festa da boneca e as crianças afluíram à casa de dona Júlia, que lhes ofereceu farta mesa de doces, como sempre o fizera nos anos anteriores.

Em dado momento, uma criança dentre as mais irrequietas apossou-se da boneca, que caindo de suas mãos ao chão se despedaçou.

E a cabeça da raínha do festim tornou-se em pedaços de louça, a alguns dos quais estavam presos punhados de negros cabelos; os olhos, castanhos e luzidios, esparsos pelo assoalho, pareciam duas invectivas vibrantes àquela que os separara do rosto mutilado.

Grande alvorôço agitou a meninada.

Dona Júlia, sem aparente desgôsto, reuniu os pedaços da boneca e guardou-os em uma caixa.

Os pais das crianças, na afirmação do adágio "quem meu filho beija, minha bôca adoça", cotizaram-se para a oferta de outra boneca, substituta daquela tragicamente desaparecida.

Alguns dias depois, as crianças reunidas, e algumas delas em número suficiente para carregar a caixa não pequena onde estava uma boneca, dirigiram-se à casa de dona Júlia, e o pai de uma delas entregou-lhe o presente, em frases singelas, elegantes e sinceras.

Ao terminar a elocução, dona Júlia, como se fôra contorcida por uma fôrça elétrica, caiu, sem fôrças, ajoelhada junto ao sofá, com a cabeça apoiada num dos braços e o outro pendendo ao longo do corpo, soluçando. Todos estarreceram; as crianças nada compreendendo, os adultos imobilizados ante a manifestação das grandes dores que emudecem a palavra confortante.

Mais calma, afinal, pedindo desculpassem a incontida expansão, contou o motivo do culto àquela boneca.

"Meu espôso era comandante de navio e instou para que eu o acompanhasse na viagem em que assistiríamos às festas da passagem do Equador.

Lembro-me ainda da ante-véspera da passagem da linha equinoxial. Tudo era alvorôço e alegria. Muitos passageiros cantarolavam o hino de suas pátrias, que deveria ser cantado em conjunto ao transporem o hemisfério; outros discutiam a vestimenta de Netuno e de seus satélites.

Era um tumulto numa alegria intensa na limitação de um navio à imensidade do oceano e à incomensurabilidade do espaço.

Como me lembro!

O céu, azul, à luz do sol ou da lua, tinha por vêzes algumas nuvens brancas, parecendo uma tela êxul onde um artista ignoto esboçara um quadro que não quis terminar.

O amanhecer do dia da passagem do hemisfério foi nublado.

Como a sombra indica, às vêzes, pela manhã o ocidente, o escurecer dessa aurora marcava o ocaso da ventura dos navegantes.

Nublou-se o céu... As alcíones, na evocação da lenda, demandavam heróicas e ilesas as nuvens da procela que, afinal, se desencadeou.

Crescia o mar... avolumou-se a espuma...

Soltaram-se ao mar os barcos que se encheram de criaturas do estridor do medo e do instinto de conservação.

Tomei nos braços a minha única filha de cinco anos de idade e encaminhei-me para um dos barcos.

Dera apenas poucos passos e a minha Marta, desprendendo-se de mim, correu ao nosso camarote.

As lágrimas e aos gritos de meu desespêro, revejo a minha filha, sorridente, trazendo nos braços a sua boneca.

E o navio submergiu...

Encaminhei-me para ela; a correnteza impetuosa, ao aproximar-me dela, ma arrebatou para sempre, deixando apenas em minhas mãos a boneca a que dei o seu nome, conservando-lhe o mesmo vestido que tinha no dia dêsse naufrágio."

Conto de **ALICE A. DE CARVALHO** (Selecionado pela **"REVISTA DA SEMANA"**) Ilust. de **OSWALDO DA CUNHA**

A VIDA DE BALZAC

(Continuação do numero anterior)

"Uma noite eu era tudo para ela, e na seguinte não era nada... No correr da noite uma mulher — a mulher que eu amava — morrera". Depois uma "estrangeira" que levava uma vida solitária num castelo da Polônia, não tendo que fazer, entrou a escrever-lhe cartas de amor envóltas num vago misticismo. Encontraram-se secretamente na Suíça, trocaram beijos na própria presença do marido dela, e Balzac deu dezoito anos de sua esperança, de seu vigor e de sua vida à condessa de além do Vistula, que não lhe correspondia.

"Trabalho, sempre o trabalho. Noites e noites de agitação, dias e dias de meditação; da execução à concepção e desta, novamente, àquela". E era tão fácil comprar um solar e viver a vida de um potentado como escrever um livro. "Não hei de viver como um burguês enquanto pensar como um semi-deus". Eis aqui uma diminuta pirâmide de dinheiro, o alimento básico da vida. E algumas semanas mais tarde a pirâmide se desvaneceu. Cento e setenta mil francos de dívidas aos quarenta anos. Rápidos cálculos: só os juros desta quantia atingiriam seis mil francos anuais. Lança um olhar à bengala de ouro que carrega, sai a passeio em seu tilburi puxado por um cavalo de bom trote e tendo a seu lado um tigrezinho de estimação. Escreve um romance em três dias, conclui outro em seis semanas, dormindo apenas oitenta horas — uma média de duas horas por dia — e então sofre um ataque de exaustão no elegante jardim de sua amante.

Quando seus romances deixavam de produzir os fundos necessários, voltava-se para o teatro. Escreveu uma peça em 16 dias e esta foi recusada. Então apresentou sua idéia para outra peça e sua idéia foi aceita. Mandou chamar Gautier à pressa. — Até que enfim chegaste, Theo! — gritou impaciente ao ver Gautier. — Seu preguiçoso, seu vadio, sua lêsma! Devias ter chegado aqui há uma hora atrás! Amanhã vou ler para Harel um grande drama em cinco atos.

— E quer que eu o ouça e dê minha opinião? — disse Gautier sentando-se e preparando-se para ouvir uma extensa leitura.

— O drama ainda não foi escrito! — disse Balzac com simplicidade.

— Meu Deus! Então você deve adiar a leitura para o empresário por umas seis semanas.

— Não, precisamos escrever o drama e receber o dinheiro. Tenho uma divida grande a pagar. Agora, escute, Theo. Eis a minha idéia. Você vai escrever o primeiro ato; Ourliac, o segundo; Laurent fará o terceiro; de Belloy o quarto, e eu o quinto. Amanhã ao meio-dia lerei a peça inteira para Harel, como foi combinado.

— Nesse caso — disse Gautier — conte-me o assunto, explique o enrêdo, esboce rapidamente os personagens, e eu me meterei no trabalho.

— Ah! — exclamou Balzac com um gesto magnífico. — Se eu lhe fosse contar o assunto, jamais acabaríamos a peça!

E a peça foi escrita. Um dos seus amigos dá-nos uma colorida descrição de Balzac durante os ensaios: "Êle estava quase irreconhecível devido às preocupações e ao excesso de trabalho. Suas excentricidades tinham caído no domínio público e o povo costumava esperar à porta do teatro para vê-lo sair... usando botinas enormes com o cano fora das calças. Tudo o que usava era grande de mais e vivia coberto de lama.

Pouco antes da representação escreveu: "Tenho passado muita miséria. Mas se obtiver sucesso hoje, acabarão minhas tristezas. Imaginem qual não será a minha ansiedade esta noite enquanto **Vautrin** estiver sendo representado. Dentro de cinco horas se decidirá se pagarei ou não minhas dívidas".

O espetáculo não foi nenhum sucesso. O "vilão" da peça resolveu representar o seu papel comicamente. Quando tirou o chapéu surgiu uma cabeleira arrumada em forma de pirâmide — penteado exclusivo do rei Luis Felipe. O duque de Orleans deixou seu camarote e saiu batendo com os pés. Foi difícil levar a cabo a representação com as vaias, assobios, pateadas e até ameaças do público. O censor oficial imediatamente mandou retirar a peça do cartaz.

Entretanto, durante essa estréia Balzac permaneceu imperturbável. Estava dormindo a sono sôlto em cima de um banco, no fundo do teatro, perdido em outro sonho.

III

Mais um sonho que se desfaz e novo período de depressão em suas finanças. Consegue fugir dos seus credores vestido de mulher e disfarçando-se com espalhafato. Passa a viver à sorrelfa, ora em trapeiras, ora no campo, obedecendo à direção do vento. Introduz-se furtivamente em casa dos amigos, discute moral, literatura e amor, das cinco da tarde às cinco da manhã, com George Sand, êsse outro "grande homem" do século. Depois, um novo livro..E novas dívidas.

Chama a seus editores abutres que devoram a carne de Prometeu. "Algum dia", escreve-lhes, "e dia que não está longe, tereis feito a vossa fortuna à minha custa; nossas carruagens passarão no Bois e os vossos e meus inimigos estourarão de inveja. Vosso amigo H. de B.". E embaixo, numa letra microscópica, um pós-escrito: "Por falar nisto, caro amigo, como estou a nenhum, tomei 1.500 francos a Rothschild e assinei uma letra a ser paga por vós, com dez dias de prazo".

Mas estava ainda esperançado de que um plano qualquer de negócios viesse consertar sua situação financeira e lhe permitisse sonhar no luxo. Lera que os antigos romanos tinham explorado minas de prata na Sardenha. Tinha certeza de que ainda devia existir inexplorada muita prata naquelas minas. Explicou esta teoria a um negociante, fez sociedade com êle e, certa manhã, leu num jornal que seu sócio, em colaboração com uma agência do govêrno, estava explorando as minas da Sardenha, mas sem êle.

Contudo, Balzac continuou aferrado aos seus sonhos fagueiros. Uma noite, já bem tarde, foi acordar seus dois amigos Gautier e Sandau e contou-lhes que ouvira uma voz misteriosa comunicando-lhe a localização de um tesouro enterrado por Toussaint L'Ouverture. Infelizmente o plano não foi tentado: nenhum daqueles boêmios tinha o dinheiro necessário a uma viagem ao Haiti.

Balzac, porém, continuou a fazer planos. Meteu-se em negócios com seu cunhado e imaginou um sistema de planos inclinados para estradas de ferro. Sonhou construir canais de Nantes a Orleans, transportar carvalhos da Polônia para a França, plantar abacaxis num terreno dentro do perímetro urbano. Se ao menos tivesse alguns milhares de francos, para começar... Coligiu os ditos de Napoleão e vendeu-os por quatro mil francos a um chapeleiro que acreditava obter com isso a Legião de Honra. Depois concluiu que devia adquirir monopólio de toda a estatuária, a tapeçaria e a pintura européia e vendê-las em leilão ao mundo inteiro. Poria à venda o Apolo Belvedere, por exemplo, e deixaria que todas as nações oferecessem seus lances. Oh! Se ao menos êle pudesse ter uma pequena casa de campo!

E eis que um dia se torna possuidor de uma casa própria. Mas receoso de que seus credores se multiplicassem ao saber de sua prosperidade, passa a dizer a todos os que o visitam: "Nada disto me pertence; moram aqui amigos meus de quem sou criado". E os visitantes espiavam a casa toda, espantados. "Quem serão as pessoas estranhas que vivem aqui e têm como criado a Honoré de Balzac?". Pois os quartos estão quase inteiramente despidos de móveis. E as paredes de estuque, a intervalos regulares, mostram as mais grandiosas descrições rabiscadas numa caligrafia familiar: "Aqui está um embutido de mármore de Paros". "Aqui uma abóbada de chaminé em mármore de Carrara". No teto: "Aqui está um quadro pintado por Eugène Delacroix". E no chão: "Aqui o mais maravilhoso dos afrescos feitos pela mão do homem".

E Balzac carrega uma bengala de ouro onde se vê gravada a seguinte divisa, traduzida do turco: "Sou o vencedor de todas as dificuldades".

Recebia mensagens sobrenaturais. O magnetismo povoa-lhe a mente como um fantasma.

(Continuação da página 16)

Srta. Dalva Aparecida Viola Palma, cujo enlace matrimonial com o tenente da Armada, Murilo Habema de Maia, realizou-se nesta capital no dia 20 de novembro próximo passado sob os melhores auspícios. O templo da Cruz dos Militares, onde se realizou o ato religioso, encheu-se de pessoas que foram cumprimentar os jovens nubentes

Pelo avião internacional, regressou recentemente a Portugal o dr. Soares Franco, que aqui esteve integrando a Missão Portuguêsa de Comércio. O dr. Soares Franco, que viajou em companhia de sua exma. espôsa, faz parte da tradicional firma portuguêsa José Maria da Fonseca Sucers. Ao seu desembarque, de que damos o aspecto acima, compareceram elementos da nossa melhor sociedade, industriais, comerciantes e jornalistas

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!

PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

PRODUTOS Rainha da Hungria

— 1923 — — 1948 —

A ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Mme Campos

Aproveitando o feliz ensejo da comemoração do 25.º aniversário da instalação no Brasil do seu tradicional estabelecimento de tratamento facial, rende as melhores homenagens à sua distinta Clientela e a seus prezados fornecedores e Colaboradores em geral, a todos desejando um feliz NATAL e um ANO NOVO cheio de alegrias e felicidades.

Como bonificação, durante o mês de DEZEMBRO corrente, oferecerá a todos os que gastarem, no mínimo, Cr$ 100,00, no mesmo dia, um vidro de SHAMPOO de sua nova linha de produção MYSTIK ou um tubo de PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA, insubstituivel produto para a limpeza da pele, no valôr de Cr$ 20,00, cada unidade.

À RUA DA ASSEMBLÉIA, 115-1.º ANDAR

funcionam as secções de

MASSAGISTAS — CABELEIREIROS
MANICURAS — PEDICURAS

Fônes: 22-4685 — 22-1184 — 22-2879 — 22-1701

CIRURGIA PLÁSTICA
DR. FAUSTO CAMPOS
Assembléia, 115-1.º And.
Fône: 22-1701

RUGAS - ORELHAS - NARIZ - SEIOS
TRATAMENTO DA PELE E CABELOS
Espinhas - Manchas - Cicatrizes
Extração de Pelos e Verrugas

DR. SABOIA RIBEIRO

DÚVIDAS DAS MÃES NO ALEITAMENTO

MÃES inexperientes deparam às vêzes com dúvidas que desejam lhes sejam esclarecidas. Entre muitas, aqui vão algumas com as respectivas respostas.

1ª **GRAVIDEZ E ALEITAMENTO** — Muitas mães, suspeitada uma nova gravidez, dão-se logo pressa em desmamar a criança. Umas o fazem julgando que é demais viver para três. Outras julgando que o leite lhe faça então mal.

Não há dúvida que, salvo condições de excepcional robustez da mulher ou doença da criança que desaconselhe o desmame, a lactação deve ser suspensa anunciada uma nova gravidez.

Somente o desmame não deve ser brusco.

O leite materno, durante a gravidez, não é por si nocivo à criança, porém a gestante deve viver, desde então, exclusivamente para o ser em gestação, a quem devem pertencer suas reservas orgânicas. Aliás, de um modo geral, a amamentação premunem contra nova gravidez, e êsse problema, na prática, não se verifica muito, mas apenas erros de interpretação de referência a nova gestação.

2ª **O LEITE DE OUTRA MULHER SUBSTITUI EM IGUALDADE DE CONDIÇÕES O MATERNO?** — Em rigor isto não acontece. A razão é a seguinte: o leite humano sofre modificações no correr da amamentação, à medida que o aparêlho digestivo da criança, por sua vez, também se modifica. A capacidade dêste aumenta; nessa conformidade o leite também se torna mais concentrado. Seria, portanto, um êrro dar a uma criança de 2 ou 3 meses, apenas, um leite cujo tempo de duração já atingiu, por exemplo, o 8º mês.

E' verdade que êsses transtornos só ocorrem de modo mínimo, mas tudo que pode constituir o ideal dietético da criança deve constituir sempre uma forte razão.

Aliás, a escolha de uma ama de leite deve ser presidida do mais rigoroso critério. No primeiro mês da secreção do leite, pelos motivos expostos, o leite humano só serve para o recém-nascido.

No particular da saúde da ama, é necessário investigar, com particular cuidado, a existência da sífilis, da tuberculose e do alcoolismo.

3ª **A AMAMENTAÇÃO ENFEIA A MULHER?** Leva mais cedo à velhice? E' fator de doença?

Não, absolutamente. Basta só lembrar que na antiguidade as mais belas mulheres eram as georgianas, que todas criavam seus filhos ao seio.

O que se tem visto, por outro lado, é que certos distúrbios da tiróide, com obesidade, muitas vêzes cessam com o aleitamento natural, ou seja, ao seio.

4ª **DAR EM CADA MAMADA SÓ UM OU OS DOIS SEIOS?** — Se o leite é copioso, um seio só bastará. Somente deverão os seios, sempre, alternar-se, neste caso: numa mamada um; na outra, outro.

Foto oferecida por Johnson & Johnson

O esvaziamento completo do seio, o que depende em parte da sucção vigorosa da criança (conseguida quase sempre com o estabelecimento rigoroso de um horário), é em absoluto necessário para que perdure a secreção do leite. Criança que mama a toda hora, sem disciplina nem método, o faz sempre mais por vício, ao passo que as primeiras o fazem com fome, esvaziando assim convenientemente o seio materno.

Quando, porém, o leite é menos abundante, dar-se-ão sucessivamente os dois seios. A verdade é que, não havendo algum defeito anatômico das mamas ou defeito do aparêlho sugador da criança, a mulher é, na grande maioria das vêzes, capaz de amamentar o filho. E' sobretudo na alimentação rica de princípios nutritivos, variada, e com leite, legumes, frutas, que ela irá procurar os meios de manter a secreção durante o tempo necessário à lactação daquele.

5ª **QUE FAZER QUANDO A CRIANCINHA NÃO QUER ACEITAR O MINGAU OU A SOPINHA SALGADA?** — Ao 6º e ao 8º mês uma e outra devem ser dadas. Quando há oposição da criancinha, que fazer? A resposta é: "arte e paciência".

O sal e a manteiga serão instituídos gradativamente, como que às apalpadelas, acostumando o lactente, aos poucos, ao seu sabor próprio.

Apelar, se há relutância, inclusive para a fome da criança, como recurso, tentando com jeito a aceitação do novo prato.

Um pouco de constância, e tudo será vencido.

Há quem aconselhe que se acostume à criança tomar, desde o 3º mês, uma colherinha de caldo magro ou um grumozinho de verdura, mas que o caldo seja magro mesmo e a verdura passada pela fervura (aqui é só para afazer a criança com o sabor de sal dos alimentos).

6ª **QUE FAZER QUANDO A CRIANÇA NÃO SE DESENVOLVE A CONTENTO?** — Se não é portadora de alguma doença incubada, por via de herança mórbida, tudo indica que o regime é insuficiente. Se o aleitamento é ao seio, pesada antes e depois de cada mamada, se verá se o leite deglutido é suficiente ou não.

O remédio então não é tirar o peito, mas instituir uma quota supletiva, após cada mamada. O leitelho pode ser ministrado até o 6º mês com perfeito sucesso, dando-se dela o suficiente para completar a quota (esta, em regra, 150 a 180 gramas).

Se a alimentação é artificial, cumpre instituir desde logo o uso de farinhas, qualquer que seja a idade da criança, farinha sempre associada ao leite.

Não há recear que falte no organismo da criança de tenra idade o fermento capaz de digerir as farinhas. Se a secreção da saliva é pouco abundante até o início do 5º mês (e a verdade é que durante o primeiro ano não existe digestão bucal), o suco pancreático encerra os necessários fermentos para a digestão das farinhas, os quais aumentam tão depressa são instituídas as farinhas na alimentação.

Estas somente devem ser fervidas a fogo brando uns dez minutos e que sejam sempre dadas de mistura com o leite (mingaus): duas partes leite, uma parte água.

7ª **QUE FAZER QUANDO HÁ PRISÃO DE VENTRE DA CRIANÇA?** — Se a criança apresenta um bom estado geral, boas côres, bom sono e progride no pêso, sendo as fezes, por outro lado, pastosas, não há que fazer ou recear. Se, ao contrário, o pêso está parado e o aspecto da criança não é bom, aí então é preciso agir. Na verdade, é no regime que está geralmente a causa do distúrbio ou na alimentação insuficiente.

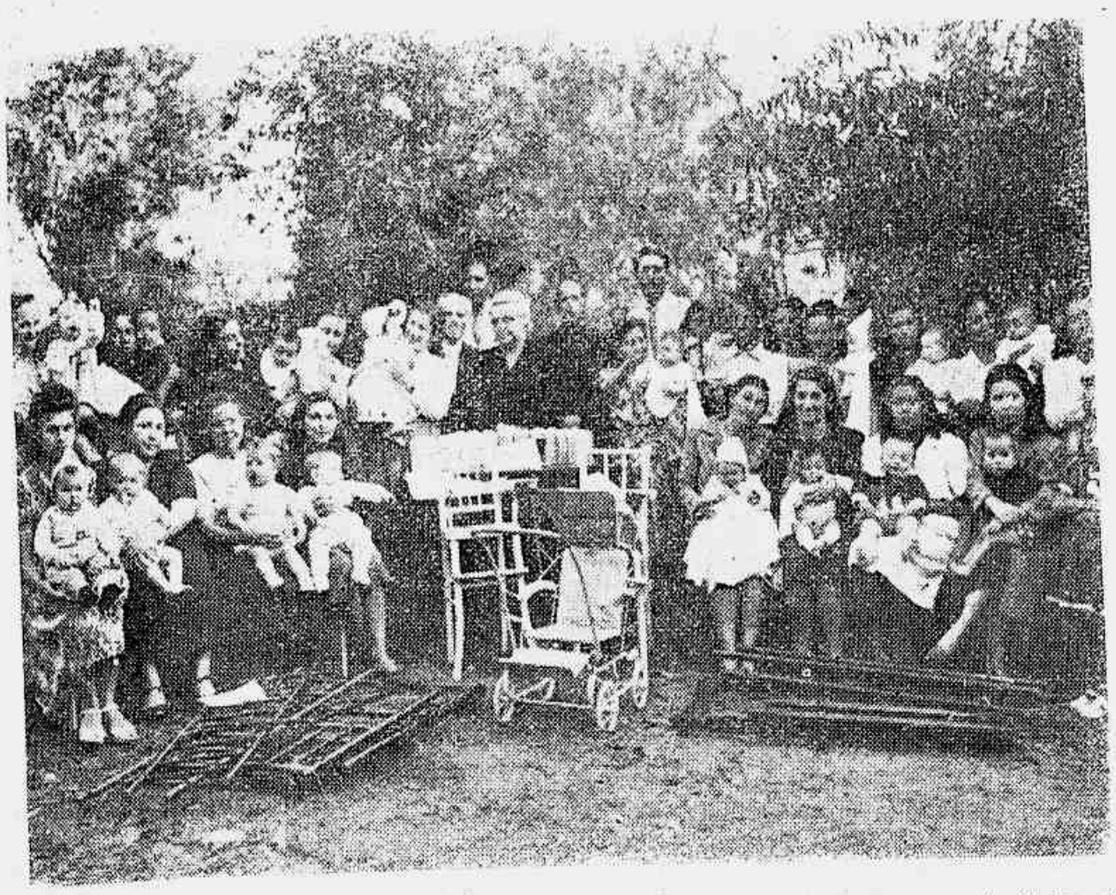
Se o leite é o animal, é necessário quase sempre aumentar a quota de farinha ou açúcar em cada mamadeira, ou iniciar o uso de farinha juntamente com o leite.

Quando o que há é simplesmente falta de farinha e açúcar no alimento, o aspecto das fezes é característico — duras, quebradiças, branquicentas, parecidas com massa **de vidraceiro**.

A prisão de ventre por insuficiência alimentar é reconhecível, uma porque as fezes não têm essa característica, e outra porque o alimento não encerra farinha e o leite é muito aguado, geralmente metade leite, metade água; ora, isto sempre um êrro acima do 3º mês da criança.

Para corrigir, nesse caso, o leite deve representar o duplo da água, e nunca vir desacompanhado de farinha e açúcar (1 colher de sobremesa de cada, para cada 100 cc da mistura leite-água, mais ou menos uma colher grande).

A SEMANA DA CRIANÇA



Fotografia feita em Rio Pardo, Rio Grande do Sul, durante a "Semana da Criança" quando do julgamento do concurso de robustez infantil, vendo-se os srs. Luciano Raul Panatieri, Artur Leinnemann, Luis Magalhães Ferraz e Miguel Mendes Ribeiro, membros da comissão julgadora, e sra. Odila Pellegrini Wunderlich, presidente da L.B.A. local

O reverendo padre Tomás Broggi enaltecendo a iniciativa da "Semana da Criança" em Rio Pardo, por ocasião da entrega dos prêmios, vendo-se, à sua esquerda o dr. Luciano Raul Panatieri

Carmei Solange Rosa e Jorge Rodrigues dos Santos, duas das crianças classificadas no concurso supra referido. Jorge recebe alimentação natural; Solange, alimentação artificial

ATENÇÃO! SENHORAS DO INTERIOR ATENÇÃO!
Se na cidade onde mora o seu fornecedor não tiver SABÃO PLATINO, peça diretamente à fábrica uma caixa de 16 pedaços, de 250 grs. cada, por apenas Cr$ 40,00 pelo REEMBOLSO POSTAL

COUPON DE PEDIDOS

Queiram enviar-me ..... do famoso SABÃO PLATINO

Nome .....

Rua ..... Nº .....

Cidade ou localidade .....

.....

SEM MAIS DESPESAS

Recorte e remeta êste coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro

A LÂMINA DE
MAIOR
VENDA MUNDIAL
TRADE Gillette MARK

A T E N Ç Ã O

Dentro de poucos dias estará à venda, em tôdas as bancas de jornais do Rio e dos Estados, a grande edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1949, ao preço de CrS 15,00. Pedidos à Cia. Editora Americana, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio, pelo Reembolso Postal ou mediante vale do correio.

A VIDA DE BALZAC

(Continuação da página 43)

Acredita ser uma pessoa polar. Declara que, descoberto um segrêdo, será capaz de obrigar todos os homens a obedecer-lhe e todas as mulheres a amá-lo.

E assim sonha mil histórias divertidas, sonda as paixões humanas e tece o seu fantástico caminho da terra ao céu sôbre um arco-íris de arabescos. Embora por acidente de nascimento seja descendente de jornaleiros de campo, imagina-se membro da única e verdadeira nobreza — irmão de Harun-Al-Raschild, príncipe dos tecedores de enredos e dos que se dedicam a entreter os homens.

E que tesouro de beleza na trama de suas histórias! Não receia que o acusem de carregar as côres. O próprio vício, segundo êle, não passa do desejo de conhecer tudo. Ligará seu destino aos de Fausto e Paracelso. Não tem nenhuma ilusão real sôbre o mundo. No instante do seu maior êxtase êle morrerá como um belo inseto esplendidamente adornado para um festival de amor e que é esmagado sob o pé de um transeunte. "Por que então", perguntará alguém, todo êsse afã para a conquista de lantejoulas?". Mas, Santo Deus, não são as lantejoulas que nos interessam. Balzac segredou à sua alma (poucos dentre os seus milhões de leitores ouviram essa confidência): "Eu não temo a pobreza. Se o opróbrio e o desprêzo não fizessem parte da condição de mendigo, eu iria mendigar, a fim de me habilitar a solver em paz os problemas que enchem meu espírito. Às vêzes empolgo o universo do pensamento, modelo-o com as mãos, dou-lhe a forma que quero, atravesso-o, abarco-o... Mas o homem que enxerga dois séculos na frente de seu tempo morre na fôrca... Eis por que tenho meus jardins e meus planos comerciais, para embalar, para iludir o espírito mau que quisesse erguer a fôrca para um homem coberto de andrajos. Oh! Gritarei a verdade mesmo no meu silêncio. Que os anjos construam hospitais para as almas sofredoras. Enquanto não o fazem, construirei para elas um palácio de sonhos"

IV

Aos trinta e tantos anos, o sonhador incorrigível concebeu o estupendo plano de escrever um ciclo de romances e fundi-los numa Comédia Humana de costumes. Irrompeu pela casa da irmã a dentro — como fazia sempre que um grande sonho o dominava, — lá entrando como um tambor-mor imitando o rataplã da música marcial e o rufo do tambor. E gritou: "Ma petite, felicite-moi!".

E foi à sua vida, trauteando, dando palmadas nos ombros dos amigos, fazendo, como sempre, o seu papel de truão feliz, enquanto o plano de sua aventura épica germinava lentamente a caminho da completa floração. Exaltado, abatido, cheio de pompas ou sem vintém, tipo dos mais instáveis em assuntos práticos, durante vinte anos nunca se desviou do seu trabalho. Outros romancistas escreveram um ou dois ou dez livros — momentâneas produções artísticas que obedeciam ao calor da inspiração. Mas qual foi o romancista que teve algum dia a idéia de escrever noventa e seis livros, cada um destinado a servir como uma única pincelada num quadro consecutivo da vida? E aí está a Comédia Humana da Terra — obra digna de irmanar com a Divina Comédia do Céu, escrita por Dante.

Mas Balzac realizou algo mais que Dante com a sua obra-prima. Êle foi um artista que viveu no ambiente da ciência moderna e não na atmosfera da fé medieval. Projetou fazer para o reino dos homens o que Buffon fizera para o dos animais — escrever um documento exaustivo sôbre a anatomia moral comparativa da espécie humana. E por que não? Os animais tinham sido classificados e catalogados segundo os tipos. "Os soldados, os trabalhadores, os letrados, os estadistas, os comerciantes, os marinheiros, os poetas, os mendigos, os padres, são tipos tão diferentes uns dos outros como os lôbos, os leões, os corvos, os abutres e os tubarões". Pois os motivos que guiam o mundo dos homens, argumentava Balzac, são as paixões de animais, especialmente a paixão do interêsse próprio. "A polidez apenas adorna o homem e a hipocrisia o mascara... O animal persiste no homem com a diferença que, sendo a mente do homem mais vasta que a do animal, suas necessidades e seus perigos são maiores".

E assim construiu no museu da história natural do homem um panorama de esperanças, desejos, ambições, lutas, rivalidades, amôres, ódios, lisonjas e temores — um quadro exaustivo de toda a desumanidade da espécie humana no reinado de Napoleão I e de Luís Felipe. Balzac foi um grande admirador do pequeno corso. Frequentemente gostava de se comparar a êle. "Êsse homem é o soldado armado com a espada e eu sou o soldado armado com a pena. Mas eu triunfarei onde Napoleão foi derrotado, pois conquistarei o mundo".

E a **Comédia Humana** conseguiu realmente conquistar o mundo. Revelou um novo mundo com um novo padrão: o padrão da burguesia. Homens novos, novas ocupações, novas esperanças e nova fé. A fé no homem cômum. A "religião" da Democracia. O mineiro com sua máscara contra gases, o trabalhador no seu macacão, o modesto negociante por trás do balcão — eram êstes os heróis da nova literatura, da nova ordem, da nova vida. Ésquilo, Shakespeare, Corneille tinham escrito dramas sôbre fidalgos e reis. E agora Balzac lançava seu desafio aos leitores dêsses dramas: "Meus romances burgueses são mais trágicos do que vossas peças trágicas".

Como Shakespeare, Balzac pinta todas as variedades de tipos humanos — tanto as sombras como as luzes. E, como Shakespeare, êle não se deixa contaminar pelas doenças mentais e pelas degradações morais que escolheu para descrever. Pinta a decadência e a queda da nobreza e o aparecimento da burguesia — o banqueiro, o caçador de fortuna, o novo rico. Seus romances são a epopéia da cobiça sórdida, uma sêde incoercível de êxito material. Balzac é o poeta-mor do ímpeto capitalista. O dinheiro é o único critério para medir a dignidade do homem. E' o sangue que corre nas veias dos seus tipos. Fornece-lhes o oxigênio para os pulmões, o alimento para o cérebro e o evangelho para o coração. O tinir das moedas é sua música, sua poesia, sua filosofia, sua religião, sua vida. E' o objeto dos seus sonhos. Sob a magia do ouro criam beleza e perpetram crimes. A Bolsa é a arena de batalhas heróicas e de traições infames. O dinheiro se reproduz, a moeda atrai a moeda, uma nota de cinco francos tem ciúmes de uma de dez e luta para crescer. O dinheiro é a fôrça cósmica que domina a terra. E' Próspero e Caliban, o deus e o diabo que abalam o mundo.

E Balzac entra pomposo pelos salões a dentro, pelos escritórios comerciais e rasga o véu de hipocrisia que cobre seus personagens, desnuda-lhes as almas. Mas desdenha julgá-los. Pois como poderia fazê-lo? O homem classifica todas as coisas por abstrações — bem e mal, virtude e vício — palavras que têm significado diferente para povos diferentes. A justiça do homem é cega. "Somente Deus vê em sua justiça". E que dizer-se desta tola terra em que vivemos? "Existirá ela num universo de loucura?". A esta pergunta Balzac dá uma resposta negativa. O universo movem-se para um fim lógico e êste fim não pode ser uma sociedade organizada como a nossa. Um terrível vácuo existe entre nós e o céu. O homem não é uma criação realizada inteiramente: se o fosse Deus não o seria. No entanto, de tudo isto, "do espetáculo de nossa sociedade — essa sociedade na qual a filantropia é um êrro magnífico e o progresso apenas um erro sem significação — eu obtive uma confirmação da verdade: que a vida está dentro de nós e não fora de nós; que elevar-nos acima dos nossos semelhantes com o propósito de dirigi-los é apenas glorificar a carreira de um mestre-escola; e que os homens bastante fortes para se elevarem ao nível de onde possam gozar a vida do céu não devem voltar as vistas para os próprios pés".

Com esta filosofia à guisa-de Balzac dividiu os povos do mundo não em heróis e [illegible] bons e maus mas em **agentes, pensadores e videntes**. No nível mais [illegible] os homens de ação, os lutadores, os comerciantes, os camistas, os camponeses da sociedade e da [illegible]. Em seguida vêm os homens de pensamento: os [illegible] Por fim vêm os

homens de visão: os poetas, os artistas, os músicos, os profetas, os salvadores do mundo. E' o destino do homem, acreditava Balzac, elevar-se da ação à visão, através da abstração. E então, ao alcançar o último degrau, a carne material do homem retornará à sua origem divina: o mundo espiritual de Deus...

Balzac nunca chegou a completar seu plano grandioso. Êle era mais um artista que um artífice. E somente êste último pode levar a cabo sua missão. Cada romance que compõe a **Comédia Humana** foi escrito numa febre de trabalho. Seu estilo era obscuro. O fogo de sua inspiração era frequentemente obscurecido pelo fumo de uma fraseologia pesada. Mas até o fim de sua vida êle lutou com o pêso de sua criação e deixou um monumento imponente na sua fôrça, apesar de não completamente terminado.

V

E então, ao aproximar-se dos 50 anos, o destino escreveu o último capítulo da Comédia Humana de sua própria vida. A condessa Hanska, com quem trocara beijos secretos durante dezoito anos, enviuvou. Podia, finalmente, pertencer-lhe. "Não terei um tostão de dívidas", escreveu ébrio de prazer à condessa. "Terei quinhentos mil francos de comissões, sem incluir nesta conta a renda da **Comédia Humana**, que atingirá mais que isso. Assim é que, minha bela senhora, irás casar com um milhão ou mais, se eu não morrer".

Tomou casa e comprou louças, tapêtes, damascos, medalhões, relógios, quadros e candelabros, tudo pronto para ser desempacotado na véspera do casamento. Aquela seria a casa onde passariam a lua de mel, uma mansão principesca, à espera de uma rainha.

Porém Madame Hanska cansara-se há muito de Honoré de Balzac. Por essa época estava ela completamente indiferente ao gênio que tinha sido seu joguete nos momentos de folga. Resistiu-lhe por mais cinco anos. Então, cansada do assédio de que era vítima, casou-se com o romancista. "Atingi o ponto mais alto de minha felicidade", escreveu Balzac à irmã. "Cheguei ao ápice de meu sonho".

Nisso despertou. A mulher dos seus sonhos estava madura. Seus braços e pernas estavam inchados pela gota. Muitas vêzes não podia andar.

Contudo, em nada se sentia inferior ao seu Príncipe Encantado. Ela e os médicos guardavam entre si um segrêdo. Balzac não viveria muito tempo. No mês de maio, mês da vida e do amor, Victor Hugo foi visitar seu colega e notou sucintamente: "Casado, rico e... quase morto".

Esgotando-se-lhe a energia física — uma energia nunca igualada na história da literatura — baqueara aquêle corpo robusto. Sua vista foi a primeira a desaparecer. Em seguida foi a vez do coração. E a gangrena manifestou-se numa de suas pernas.

Seu último mês de vida passou-o o escritor em uma casa magnífica, estendido num sofá coberto de brocados dourados e vermelhos, com o rosto roxo de dor e as pernas a apodrecer. Todavia, sua cabeça era ainda um vulcão de projetos. "Endoidecia por visões que logo abandonava por outras ainda mais belas".

No último dia Victor Hugo foi prestar-lhe suas homenagens. Entrou na casa do fabuloso homenzinho e tentou ler no rosto moribundo o segrêdo da vida. Mas só viu nele a morte e a decomposição. "Havia no salão um busto colossal do romancista. Aquêle bloco de mármore era como o fantasma do homem que estava para morrer. Ao aproximar-me da cama, vi-lhe o perfil. Era como o de Napoleão. Uma velha enfermeira e uma criada da casa estavam a um lado e ao outro da cama. Ergui a coberta e tomei a mão de Balzac. A enfermeira disse-me: "Êle morrerá pela madrugada".

Morreu durante a noite. Devia realmente ser noite na França porque o povo mal tomou conhecimento de sua morte. Aliás, em plena luz solar de sua vida, êle não recebera a consagração da glória. Quando se candidatou à Academia Francesa, os pomposos senhores que dela faziam parte deram com a porta "na cara do palhaço".

"A glória", observara Balzac, "é o sol dos mastros."

OBRAS IMPORTANTES DE BALZAC — **Louis Lambert, A pele do asno selvagem, Jesus em Flandres, Eugénie Grandet, Contos patuscos, A obra-prima desconhecida, Le Père Goriot, Os camponeses, O médico da roça, Serafita, A missa do ateu, Uma filha de Eva, A prima Bette, O primo Pons, Vautrin (drama), Pamela Giraud (drama).**

(Do livro "Vidas de grandes romancistas".)

Flôres de Outono

(Continuação da página 20)

as lições de pintura. Parecia que tudo ia bem, mas agora, que teria acontecido com Maria de Lourdes, depois do nascimento do nenem? Paulo se queixava a dona Luiza, na última carta, da doença de Maria de Lourdes. Dizia que ela já não dormia há mais de um mês e que estava definhando. Todos os médicos de Natal já a tinham visto e nada. Dona Luiza mandou que êle trouxesse Maria de Lourdes. Que tragédia a vida de dona Luiza!

★

O carro buzinou na frente da casa. Lola correu, abriu a porta, abraçou Paulo e Maria de Lourdes.

— Dê-me o nenem, dona Lola. Que gracinha! A cara do Paulo!

A voz de dona Luiza saía nervosa e tênue:

— Senta aqui, minha filha.

— Não posso, mãe. Não consigo estar em lugar algum. A cabeça parece que vai se desfazer. Quisera morrer.

— Morrer? Moça, bonita, com um marido bonitão como o Paulo? Tolinha...

(Continua na página 55)

A Casa Cristalino

A RAINHA DOS PRESENTES

★

APRESENTA A MAIOR VARIEDADE DE SERVIÇOS DE JANTAR, CHÁ E CAFÉ, DE PORCELANA DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS. BAIXELAS E FAQUEIROS PRATA DE LEI E PRATA 90. FINÍSSIMO E ENCANTADOR SORTIMENTO DE PORCELANAS, FAIANÇAS E CRISTAIS FRANCÊSES, TCHECOS E INGLÊSES

★

Finissimo sortimento de lustres de cristal

★

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES DE ARTIGOS DE ARTE PARA ADÔRNO E PRESENTES

★

URUGUAIANA, 35 - 37

CARTEIRINHAS SOCIAIS

Associações — Clubes — Colégios — Sindicatos — Centros Espíritas, etc. — Qualquer quantidade

MOACYR F. FREITAS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 831
SOBRADO — TELEFONE 43-5476

Atendemos pelo Reembolso Postal

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas

★

Pedidos pelo Reembolso Postal para

VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 -- TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr$ 20,00

Até você está em perigo de ter PIORRÉIA!

De cada 5 pessoas – 4 estão ameaçadas

Gengivas moles e sensíveis... gengivas que sangram ao escovar os dentes... são sinais de que a implacável Piorréia — que mina as gengivas e faz perder os dentes — está à espreita.

Se notar qualquer dêstes sintomas de mau agouro — acautele-se! Comece a proteger-se logo contra a Piorréia usando o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vêzes ao dia fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas com Forhan's para as Gengivas — o único dentifrício que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora em apenas 30 dias dêste tratamento ativo.

Vá ao seu dentista com regularidade. Siga as indicações dêle. E para manter seus dentes firmes e brilhantes, suas gengivas sãs e vigorosas — comece a usar hoje mesmo o dentifrício Forhan's.

Escove os dentes com

Forhan's

R. J. Forhan D.D.S.

Forhan's para as gengivas

NÃO ESPERE SOFRER DE PIORRÉIA PARA USAR FORHAN'S USE FORHAN'S E EVITE A PIORRÉIA

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Alvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649

PASTAS – BOLSAS
FÁBRICA
CONCERTOS EM GERAL
Praça da Republica, 46, 2.º andar — Rio

Silhuetas do meio do mundo

D. G. COIMBRA

AMSTERDAM, novembro de 1948 — Estamos na Holanda, em cujo território penetramos pela Alemanha. Amsterdam, onde chegamos à noite, é uma cidade que agrada à primeira vista [illegible]

[illegible]

Visitamos o Museu [illegible] Rembrandt, Van Dyck, Rubens, [illegible] Frans Hals, Jan Steen [illegible] Vermeer [illegible] e o célebre quadro "Ronda Noturna" de Rembrandt [illegible] Nessa mostra estão incluídos trabalhos de Velasquez, El Greco, Goya, Murillo e muitos outros.

*

O nosso velho amigo Alencastro Guimarães [illegible]

As paisagens aqui são verdes e planas como mesas de bilhar e, para marcar as divisões de terra, usam os holandeses pequenos canais ao invés das cercas de arame farpado. As fazendas nos parecem enormes comparadas com as da Noruega onde vinte e cinco vacas são um sinal de grandeza. Na Holanda há muitas propriedades com 40 a 50 vacas leiteiras. Comparadas com as nossas, a diferença é que precisamos de 500 vacas para obtermos a mesma quantidade de leite que aqui êles conseguem com 50.

[illegible] 1.000, se Deus quiser.

[illegible] sendo o seu aluguel máximo 300 cruzeiros. As ruas são largas e os prédios [illegible]

Existem grandes lojas com bom movimento e uma delas a "Bijenkorf" (A Colmeia) possui escadas rolantes, restaurante e um [illegible] Aliás essa companhia possui muitas lojas dêsse gênero espalhadas pelo resto da Holanda, sendo a de Haia maior do que a de Amsterdam.

Aqui os tecidos ainda não são racionados, o que não acontece com os calçados. Os casacos e outras coisas para senhoras são de muito mal gôsto, o que nos leva a crer que uma exportação dêsses artigos para o Brasil não terá muito êxito...

*

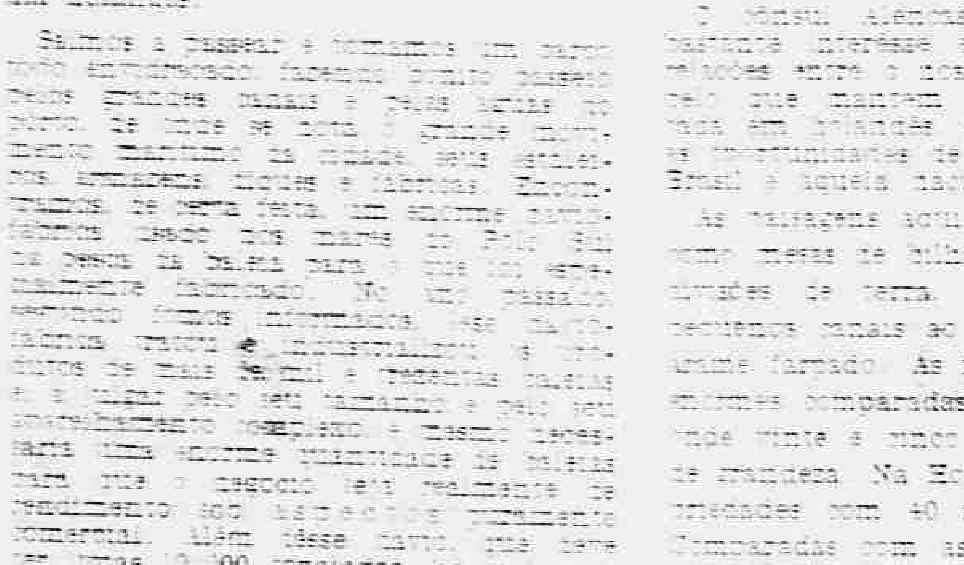
Fomos visitar a casa de Rembrandt, que está conservada como na época em que ali morou o pintor. É de três pavimentos e muito bem instalada. Ali o notável artista concebeu e executou muitas das suas obras geniais. Os salões, em número de três, são espaçosos. O atelier onde Rembrandt pintava é um salão interno, pouco iluminado. Foi uma visita que nos deu muito prazer. A casa está situada no atual bairro judeu onde hoje há um mercado ao ar livre de coisas usadas — roupas, sapatos, chapéus, ferros, bicicletas, carrinhos de crianças, aspiradores de pó etc. Os sapatos usados se vendiam a partir de Cr$ 1,00 o par.

*

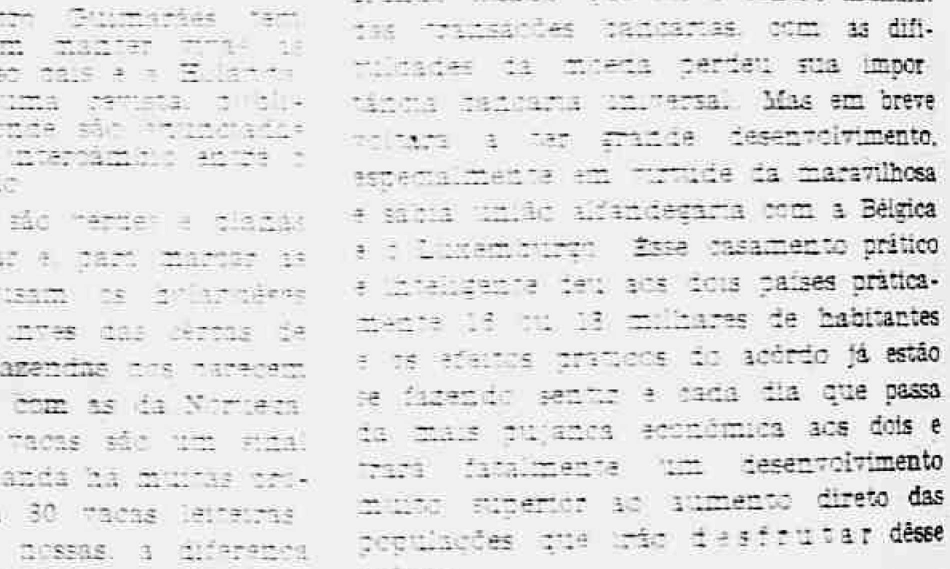
Com as restrições cambiais atuais, esta grande cidade que foi o centro mundial das transações bancárias, com as dificuldades da moeda perdeu sua importância bancária universal. Mas em breve voltará a ter grande desenvolvimento, especialmente em virtude da maravilhosa e sábia união alfandegária com a Bélgica e o Luxemburgo. Êsse casamento prático e inteligente deu aos dois países praticamente 16 ou 18 milhares de habitantes e os efeitos práticos do acôrdo já estão se fazendo sentir e cada dia que passa dá mais pujança econômica aos dois e trará fatalmente um desenvolvimento muito superior ao aumento direto das populações que irão desfrutar dêsse acôrdo.

*

Visitamos também a grande fábrica de bilhares da Holanda — a Wilhermina. É menor do que as do Rio e regularmente instalada. Há aqui muitos salões de bilhares e até os bons restaurantes os possuem, pois não há algazarra alguma. Batemos um papo com o sr. Salomon Junior, o proprietário da fábrica. Como o sr. Salomon só fala alemão, arranjamo-nos com os nossos parcos conhecimentos dêsse idioma e conseguimos nos entender às mil maravilhas. Quando aparecia qualquer dificuldade no meio da conversação chamávamos o secretário, sr. Coronel, que é descendente de portuguêses, e retomávamos o fio da conversação.



[illegible]



[illegible] Rembrandt Van Rijn [illegible] no Museu [illegible]

PELAS estradas do CEU

Por ANDRE' MAX

A Fôrça Aérea dos Estados Unidos acaba de anunciar a realização, com pleno êxito dos vôos de prova da nova versão militar do avião comercial "Lockheed Constellation". O primeiro vôo dêsse modêlo, conhecido como C-121, foi feito na fábrica da "Lockheed Aircraft Corporation", em Burbank, California.

Dos dez "C-121" encomendados pela Fôrça Aérea dos Estados Unidos, nove são do tipo de carga, denominados "C-121-A". Provàvelmente serão entregues antes do fim do inverno para transporte militar de cargas e pessoas.

O outro avião da encomenda é uma versão do tipo de passageiros "C-121-B", e será empregados em missões especiais e no transporte a longas distâncias, de altos funcionários do govêrno. O "C-121" terá uma tripulação de cinco membros: piloto, co-piloto, engenheiro de vôo, rádio-telegrafista e navegador. Dispõe de dormitórios para os tripulantes e de uma cozinha equipada para fornecer refeições a quarenta e oito passageiros. O "C-121-A" é construído para uso, sem modificação, em qualquer das quatro diferentes versões, em vôo de longo alcance: transporte de pessoal, transporte de carga, avião hospital e transporte de carga em "Speedpak". Sua velocidade de cruzeiro é de 300 milhas por hora; o teto de serviço, de 24 mil pés, e o alcance, de mais de 5 mil milhas.

Em todos os países do mundo, cujos recursos possam permitir sensíveis progressos nos transportes aéreos, verificam-se grandes atividades. De quando em quando são lançados pelas estradas do céu aparelhos de consideráveis proporções, em cujo interior

Em excursão pelas estradas do céu, esta família se recolhe à cabine-dormitório no "clipper" "América"

há espaçosos compartimentos e um ambiente de real segurança e agradável confôrto para passageiros e tripulações.

No setor religioso o avião vem prestando excelente serviço em favor da catequese de habitantes de regiões ainda pouco iluminadas pelas luzes do cristianismo. Coube à Suécia esta inovação: preparou-se ali o "Ansgar", em homenagem ao apóstolo católico Ansgário, introdutor do cristianismo na Suécia, e pelo mesmo seguiram com destino a Nairobi, quinze missionários, sendo sete suecos, cinco finlandeses e 3 dinamrquêses. Êsse avião foi adquirido pelas sociedades missionárias escandinavas em princípios de 1946, já havendo feito sua trigésima quarta viagem nêsse serviço de elevada finalidade humana em favor da paz e da fé entre os homens mais distanciados pelas latitudes geográficas. O exemplo já foi imitado por outros países, mas coube à Suécia a glória dessa inovação. Missionários americanos já adquiriram avião semelhante, com o qual é provável que o "ansgar" colabore, porquanto já foi efetuado intercâmbio de passageiros entre êle e um aparêlho chinês de transporte de missionários. Consta também que o Vaticano está interessado na idéia escandinava de estabelecer comunicações com os campos missionários.

A nota mais sensacional, porém, destes últimos dias em matéria de transporte aéreos, é o "clipper" de um milhão e quinhentos mil dólares, que recebeu o nome de "América", com acomodações para 53 passageiros, cabines-dormitórios, e um confôrto tão completo que dá a impressão de estarmos em apartamento de luxo.

A ansiedade humana, entretanto, não conhece limites na esteira do progresso, e já foi apresentado em Londres, por dois jovens inventores, o Avião-Foguete para conduzir passageiros em velocidades super-sônicas, através da estratosfera. Mas o Departamento que superintende tais sonhos não concordou com o plano, achando que ainda é cedo para tais aventuras...

HA MUITAS TINTAS

PARA INTERIORES...

POR APENAS Cr$ 98,50

PINTA-SE UMA SALA INTEIRA

É tão facil, tão econômico renovar e embelezar sua casa com Kem-Tone! Produto da Sherwin-Williams, Kem-Tone é o acabamento mágico que cobre com uma demão — seca em uma hora e não deixa cheiro de tinta! Qualquer um pode pintar com Kem-Tone. Um galão, diluído com água, dá 1 galão e meio de tinta — o suficiente para pintar uma sala. Pinte V. mesmo — ou chame um pintor — mas especifique Kem-Tone.

Um galão, Cr$ 98,50 no Rio e em São Paulo. Não pague mais!

À venda nas boas casas do ramo

TINTAS E VERNIZES

SHERWIN DO BRASIL S.A. WILLIAMS

SÃO PAULO: RUA DOM JOSÉ DE BARROS, 264 - 6.° ANDAR
RIO DE JANEIRO: RUA ANDRÉ CAVALCANTE, 23
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

56015

Ofertas especiais - Luiz Ferrando!
LUIZ FERRANDO

AS PELES DELICADAS PEDEM
Polvilho Antiséptico
GRANADO

gistro meteorológico... traços de todos os tamanhos, os maiores de uma polegada..."

E quando os londrinos começaram a ler o livro, olhavam sem compreender, coçavam a cabeça, continuavam a ler, interessando-se, absorvendo-se na história. Que idéias curiosas! Que personagens simpáticos! E que odisséia de aventuras estrambóticas!

Essas aventuras não começam com o nascimento de Tristram (realmente êle só nasce no 3.º volume) mas com os devaneios, as mudanças de sorte, os deveres e os privilégios do embrionário manequim que mais tarde será transformado em homem. Depois êsse pot-pourri de romance leva-nos a travar conhecimento com Walter Shandy, o excêntrico pai do excêntrico embrião. Walter Shandy é um homem cheio de teorias mas sem nada de prático. Trata sempre de fazer as coisas mais complicadas deixando de lado as mais simples, e o resultado é que, em geral, não faz coisa alguma. Quando sente vontade de coçar a orelha direita, procurará invariavelmente fazê-lo com a mão esquerda passada por trás da cabeça. Forçando assim a mão, essa doerá e êle deixará de coçar a orelha. Provido de um assombroso arsenal de citações místicas e de crenças mágicas, é um orador nato cuja imensa tragédia é a falta de público. "E' como um acrobata que sua diante de uma assistência de cegos".

Até sua mulher é cega diante de seus talentos e inteiramente indiferente ao que êle diz. Nunca lhe faz perguntas e assim nunca lhe dá a oportunidade que êle mais desesperadamente deseja discutir. "Finalmente ela deixou êsse mundo", observa Tristram "sem saber se êle gira ou se permanece parado... Por sua conta e risco, meu pai lhe disse mais de mil vêzes como era a coisa... porém ela sempre se esquecia".

E agora conhecemos mais um personagem da casa dos Shandys — Toby — o irmão de Walter. O tio Toby, militar reformado que passa com os Shandys o último quartel de sua vida é um homem cheio de bondade e vazio de idéias. Enquanto o irmão discorre sôbre temas filosóficos, o tio Toby fuma seu cachimbo e pega môscas.

Caça-as, mas logo as põe de novo em liberdade. "Vai-te", diz êle um dia, ao jantar, a uma môsca enorme que estêve a zumbir-lhe ao redor do nariz, atormentando-o durante tôda a refeição. "Eu não te farei mal, diz meu tio Toby, levantando-se de sua cadeira e atravessando a sala com a môsca na mão. — Não tocarei num fio de cabelo da tua cabeça. Vai-te — diz êle — erguendo o caixilho e abrindo a mão enquanto falava, para deixar a môsca fugir. — Vai-te, pobrezinha, anda, por que fazer-te mal? Êste mundo sem dúvida tem lugar bastante para ti e para mim".

Toby Shandy é uma bela alma. No entanto, (note-se a ironia de Laurence Sterne), o sensível amante da criação de Deus é ao mesmo tempo um apaixonado admirador da destruição criada pelo homem. Êle faz a seu irmão Shandy uma eloquente mas inane apologia de sua admiração pela guerra. "Se, quando eu era um menino de colégio, não podia ouvir o rufar de um tambor sem que meu coração batesse com êle — era minha a culpa? Fui eu quem criou essa propensão? Quando liamos a narrativa do cêrco de Tróia, que durou dez anos e oito meses — se bem que com a artilharia que tinhamos em Namur ela cairia numa semana — não recebi três palmatoadas por ter chamado Helena uma cadela, causadora de tudo? Qual de vocês chorou mais por causa de Heitor? E quando o rei Priamo foi ao campo reclamar o corpo do amigo e voltou chorando para Tróia sem o ter conseguido, bem sabe meu irmão, que nesse dia eu não consegui jantar".

Êle detesta ver os mortos, porém adora ver a matança. Ou antes, gosta de ver a habilidade de que dão prova durante o *processo* de matar. Durante anos fêz um intensivo estudo das táticas militares e reconstruiu, com a ajuda do seu criado, o cabo Trim, as campanhas do duque de Malbourough na Itália e em Flandres. Analisa diariamente essas campanhas pelas notícias dos jornais e as vai reproduzindo no relvado do jôgo de bola adjacente a Shandy Hill. Com armas de fogo êle usa seus cachimbos e os fuma como a exibir uma furiosa carga de artilharia. Tiro por tiro, voz de comando por voz de comando, êle reproduz os feitos de armas do duque. "Quando Malbourough fêz um entrincheiramento, meu tio Toby também fêz um... Não poderia haver maior espetáculo no mundo do que observar o espírito com que meu tio Toby, seguido por Trim, fazia uma partida — o primeiro com a *Gazetta* na mão, o outro com uma pá no ombro — para executar a manobra mais recente. Que intenso prazer lhe luzia nos olhos enquanto, ao lado do cabo, lia e relia dez vêzes para êste o tópico. O subalterno ia pondo tudo em prática, mas tio Toby estava-lhe em cima, receoso de que por acaso Trim fizesse a brecha uma polegada mais larga, ou a deixasse uma polegada mais estreita. Quando, porém, estava aberta a brecha e o cabo ajudava meu tio a executar a carga e o seguia com a bandeira na mão para fincá-la na muralha — Céus! Terra! Mar! que triunfo para tio Toby!"

E' esta a família na qual nasceu Tristram — um pugilo de extravagantes vogando à mercê dos caprichos dêste mundo extravagante. Através das páginas de cinco volumes êle vagueia num labirinto físico, mental e moral de contrasenso e de humor, levando-nos do nada através do infinito e novamente de volta ao nada, abastecendo-nos, durante a viagem dos mais inesperados absurdos, de sensações, revelações e alegrias. O autor nos conduz tão doidamente quanto a pena o conduz a êle. Nós ofegamos enquanto vamos seguindo essa amalucada funçanata cujos componentes mascarados rodopiam vertiginosamente, sem razão nem rítmo, "cada qual arrastando o vizinho pelos pés, pela cabeça, pelo casaco, no meio algazarra mais descompassada e incrível".

E quando tudo isso acaba, retomamos o fôlego e exclamamos: "Quee louca aventura! Mas que hilariante loucura!"

V

Laurence Sterne pretendia continuar a mesma loucura em tomos posteriores. Tendo deixado o seu herói entre o céu e a terra, propôs-se mais tarde trazê-lo de volta ao nosso planêta. Nesse interim, deu um pulo a Londres e tornou-se o centro de atração do mundo literário. Todos prestavam homenagem ao "vate pregador de Yorkshire, alto e com aspecto de tísico, no qual a seriedade e a irreverência se fundiam tão intimamente. Garrick e Lord Chesterfield foram visitá-lo. Da manhã à noite seus aposentos estavam repletos de pessoas importantes. Cada chiste com que arrancava aos convivas estrepitosas e contínuas gargalhadas corria dali para os cafés e depois, por intermédio dos jornais, se espalhava pelo mundo. O *shandyismo*, a nova "filosofia do disparate" caiu no gosto de "todos os homens e da maioria das mulheres" naquela época "sofrivelmente licenciosa". Nos restaurantes vendiam-se saladas "shandy". No "Sweepstake" irlandês eram inscritos cavalos com o nome de Tristam Shandy. Cosméticos, roupas e até cartas de jogar recebiam nomes tirados do livro famoso.

A fama do *shandyismo* atravessou o canal da Mancha. Os franceses, incapazes de compreenderem a linguagem estranha e a pontuação cerebrina do livro, entreolhavam-se perguntando uns aos outros:

Qui le diable est ce Chevalier Shandy?

Afinal, depois de tomar um fartão da lisonja londrina e de conseguir que o "engenhoso cinzel" de Hogarth se encarregasse das ilustrações da próxima edição de *Tristram*, Sterne fêz seus planos para uma viagem à aprazível quentura do sul da França. E' que ouvia, passando-lhe através do sangue ralo, outras vozes que o chamavam e lhe preparavam uma recepção menos calorosa. "E' tão boa pessoa", diziam os médicos que o examinavam. "Pena é que não consiga atravessar êste inverno". E a nova correu tão vertiginosa como qualquer de suas facécias. "Êle alaga de sangue a cama e depois de aparecer em público, fica sem fala dias a fio. *Voil a mon histoire!*"

Embarca num navio em Dover. A travessia é acidentada. Sterne não sai do camarote .E' como se o vento estivesse a estrangulá-lo. "Mas palavra que ainda hei de passar uma corrida na morte, vou fazê-la dançar uns passos com que nem sonha. Vou sair a galope, sem olhar uma única vez para trás, até as margens do Garona. E se ouvir seu chocalhar de ossos aos meus calcanhares, fugirei para o monte Vesúvio e daí para Jopa e de Jopa para o fim do mundo. E lá, se ela ainda me estiver no encalço, pedirei a Deus que lhe quebre o pescoço!"

A morte, porém, é paciente. Ninguém lhe passa a perna. Laurence Sterne piora cada vez mais. "Como um fardo de mercadorias cadavéricas consignadas a Plutão & Cia., deitado no fundo de minha sege, durante quase tôda a viagem, recostando a cabeça num enorme travesseiro que tive a preocupação de comprar antes de partir", êle chega a Paris.

De súbito, opera-se um milagre. O sarcasta ergue-se do travesseiro e engolfa-se no redemoinho social de uma última patuscada com a vida. Seis semanas depois de sua chegada a Paris, já "dançou com metade das huris parisienses".

Durante algum tempo, a própria morte ficou perplexa. "Desconfiando da sua missão, afastou-se da porta, dizendo, enquanto se retirava, como a excusar-se de sua intrusão: "Deve ter havido um engano da minha parte".

Os franceses estão assombrados. "Que maravilhoso que é êsse *Chevalier Shandy!*" O duque de Orleans pede-lhe que se deixe retratar para a sua famosa galeria de "homens excêntricos". Uma senhora monopoliza-o tôdas as quintas-feiras e convida "todos quantos sentem fome e sêde" para se banquetearem com a extraordinária vivacidade de espírito de Sterne. Nada escapa a essa vivacidade. As idéias mais estrambóticas povoam-lhe continuamente o cérebro. Em Paris prega alguns sermões "feitos mais com o coração que com a cabeça", mas dá a impressão de estar sempre "ri — não ri e prestes a jogar nos ouvintes a sua peruca". "Rio até chorar", escreve êle, "e choro até rir".

Em Paris, como em Londres, a beleza feminina o subjuga. "Êste clérigo", escreve um francês muito observador, "está apaixonado por todo o sexo feminino e por isso conserva a sua pureza". Êle estremece só de tocar nas pontas de uns dedos femininos, adora afivelar uns sapatos de mulher, dormir no quarto pegado ao de alguma, numa estalagem. "Nada mais inocente, se não se põe maldade".

Sterne é tremendamente absurdo em suas energias e tremendamente curioso a respeito das energias e absurdos dos outros. Viaja para o sul da França montado numa mula ao lado do criado a quem vestiu de uma libré escarlate. Dá bôlo de amêndoa a um burrico que estava comendo alcachôfras só para ver a mudança de expressão no focinho do animal. Com um geesto amplo, atira *sous* aos mendigos que se agarram às suas botas. Afasta-se várias milhas de seu itinerário só para não interromper uma interessante conversa com uns frades que encontra no caminho. Numa loja, onde entrara para comprar luvas, segura o pulso da grisete que o atende, e quando chega a vigésima contagem da sua pulsação, entra um homem. "E' apenas meu marido", diz a caixeirinha, e então êle continua a sua contagem até a quadragésima pulsação. Num teatro chama o guarda para que expulse da sua cadeira um descomunal soldado alemão que recusou afastar um pouco a cabeça para que um anão, que estava atrás dele, pudesse enxergar o palco... "Não somos todos uns anões tentando enxergar o palco e compreender o significado da peça? Não somos como... uma lágrima de orgulho introduzida furtivamente entre duas de humilhação?"

Mas agora êle ouve de novo umas passadas. Avança com rapidez aquela "veloz desbriada que assusta os pecadores". Sterne espera que o encontro se dê em alguma estalagem solitária, longe da espôsa, da filha e dos amigos. E espera que, ao penetrar na sala do tribunal atendendo à ordem que deve vir para todos, sua defesa diante do Juiz Supremo não pareça impudente demais. Houve muito pouca santidade da sua vida? Em compensação, também houve muito pouca hipocrisia. Sempre orara assim aos fados: "Dai-me as bênçãos da sabedoria e da religião, se vos aprouver. Mas, acima de tudo, deixai-me ser um homem". Nunpretendeu ser outra coisa. "Por D..." Para usarmos um dos mais horríveis juramentos de tio Toby, *deixai-me ser apenas um homem.*

"O *Espírito Acusador*, ao ver voar para a chancelaria celeste com o libelo, orou ao lê-lo; e o *Anjo Escrivão*, ao fazer seus assentamentos, deixou cair uma lágrima sôbre a palavra e apagou-a para sempre".

OBRAS IMPORTANTES DE STERNE: *Romance político, Tristram Shandy, Sermões por Yorick, A viagem sentimental.*

VIDA LITERÁRIA

(Continuação da pág. 33)

além de muitas pessoas de relevo nos meios culturais de S. Paulo e de outros pontos do país.

Sob a presidência do Sr. Jorge Saraiva, presidente da Câmara Brasileira do Livro, manteve o certame a mais proficua atividade; debatendo-se temas da mais transcendental importância para o desenvolvimento da cultura nacional, manifestando-se os congressistas muito gratos ao Municipio da capital e ao Govêrno do Estado pelas providências legais que acabam de tomar em favor do barateamento do livro, isentando os editores de impostos que muito encarecem a indústria gráfica.

Não foi esquecido o nome de Monteiro Lobato, falando diversos oradores, homenageando-lhe a memoria, sob aplausos gerais do Congresso.

Por proposta do Sr. Enio Silveira, unanimemente aprovada, foi escolhido o dia 22 de novembro de 1949, "Dia do Livro", para o realização do II Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, a reunir-se no Rio de Janeiro.

Dentre as teses aprovadas destacam-se as seguintes: do problema das traduções, fichario bibliográfico, melhoria e mais ampla circulação do livro nacional.

Merecem destaque as recomendações aprovadas pelo I Congresso, e que versaram sôbre os seguintes assuntos: Insistir junto aos pederes competentes para que seja regulamentada a importação de papel para livros, de acôrdo com o decreto já aprovado pelo Congresso Nacional e promulgado pelo Sr. Presidente da Republica. Interferir a Câmara Brasileira do Livro, junto ao Sr. Presidente da República para que o Banco do Brasil facilite a importação de maquinário completamente novo para a remodelação do nosso parque gráfico, mediante financiamento de 6% anuais e concessão da respectiva licença prévia. Recomendou-se também que o Sindicato das Indústrias Graficas' tudo fizesse para conseguir-se a supressão de todos os entraves e impostos que entorpecem a produção, a circulação e o comércio do livro no Brasil.

ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

Recebemos o número 4, ano II referente ao mês de outubro pp. da Revista da Academia Paraibana de Letras, com séde em João Pessoa. De contexto variado e bem impresso, êsse número da "Revista" dos academicos paraibanos encerra interessantes trabalhos literarios em prosa e verso, contendo ainda reportagens fotograficas em tôrno de acontecimentos marcantes na vida intelectual do Estado, como sejam as solenidades de posse de novos academicos, discursos e saudações. *In fine* há movimentada parte de noticiário, através da qual temos conhecimento de que a Paraíba está erguendo um busto a Augusto dos Anjos, seu poeta máximo, iniciativa da Academia e Associação Paraibana de Imprensa, com a colaboração do governador, dr. Oswaldo Trigueiro.

SENSAÇÃO NA BIBLIOGRAFIA SHAKESPEARIANA

Já houve quem sustentasse que o imortal Shakespeare nunca existira. Outros há que afirmam não serem dele as obras dramaticas que o mundo aplaude. Êsses choques e entrechoques já vão beirando quatro séculos, e, quanto mais para o futuro, mais cresce a figura do maior poeta da Inglaterra, e, paralelamente, surgem novos pesquisadores e duvidosos sensacionalistas.

Shakespeare, modesto filho de Stratford-sur-Avon, que teve principios de vida tão cruéis, encheu o século XVI com todo o vigor de sua imaginação turbilhonante, oferecendo à humanidade de ontem e de hoje, as mais fulgurantes obras-primas do teatro tragico, penetrando com sua arte e seu talento, nas profundezas do ser humano com todo o cortejo de suas paixões e sentimentos. Shakespeare, gêni odos séculos, volta agora ao cartaz em virtude de uma notícia sensacional: foi descoberto em Londres, um manuscrito inédito do grande autor.

Denomina-se a obra "Cenas de um livro de Sir Thomas More" pertencendo a Shakespeare um dos fragmentos da obra. Surgiram duvidas a tal respeito; mas, comparando-se a caligrafia dêsse fragmento com a letra do testamento do grande teatrologo, ficou decididamente comprovada a sua origem. Entretanto, se isso não fôsse suficiente, identificariam o gênio, os versos do original ora descoberto nos arquivos do Museu Britânico, o seu estilo e outras carateristicas próprias do famoso poeta.

A noticia empolgou todos os meios literarios do mundo, não apenas pelo sensacional descobrimento, mas porque a personagem que alí está retratada é das mais notáveis da História da Inglaterra. Thomas More, ou Morus, depois de ocupar os mais elevados cargos na Corte, intimo de Cardeais, advogado e homem de grande cultura, inimizou-se com Henrique VIII e não se submeteu à influência de Ana Bolena, o que lhe valeu cair nas iras do Rei. Preso, perseguido, com os seus bens confiscados, manteve sua rebeldia contra Henrique VIII e, por fim, considerado traidor foi decapitado. Morreu com a dignidade de um filósofo e a fé inquebrantavel de um martir. E' sôbre essa gigantesca figura, o famoso autor da Utopia, amigo intimo de Erasmo, que o manuscrito descoberto agora em Londres se refere, e, no qual intervieram, dentre outros, o gênio de Shakespeare.

O DRAGO

Nº 19

Por Hogart

Copr. 1946, N. Y. Post Corp.

DRAGO

Nº 20

Por Hogart

Flor de Outono

(Continuação da página 17)

E dona Luiza sentia aquêle olhar de Maria de Lourdes, esquisito, imóvel, profundo. Paulo entrou trazendo o psiquiatra, e o olhar de Maria de Lourdes continuava parado em dona Luiza. Paulo beijou Maria de Lourdes no rosto, passou o braço pela cintura dela e a levou para o quarto. Dona Luiza mandou o médico entrar para o quarto também. Era como uma cena muda. Os personagens se entreolhavam, mas as palavras só nasciam nos olhos de cada um.

A porta se fechou e o médico ficou só com Maria de Lourdes. Dona Luiza agora olhava Paulo, que estava de costas, mãos nos bolsos, virado para o sorriso do garotinho no berço, junto à janela que dava para o jardim, na saleta. Dona Luiza quebrou o silêncio:

— Crês que fique boa, Paulo?

— Há de ficar, sim, dona Luiza.

E dona Luiza, sentindo a mesma tristeza de Paulo, buscava uma desculpa para a doença de Maria de Lourdes.

— Ela sempre foi nervosa, sensível, ciumenta. Quem sabe, alguma travessura tua, Paulo, meu filho?

— Nem pense nisso, dona Luiza. Só Maria de Lourdes e o nenem ocupam o meu pensamento.

A porta abriu-se e o médico chamou dona Luiza. Para aquela interrogação que vinha dos olhos dela, o médico deu a resposta.

— Complexo.

— Complexo? Mas por que?

E o médico, olhando os zigue-zagues da renda da gola do vestido de dona Luiza, falava:

— Alguma coisa escondida. Alguma coisa grave, algum êrro, alguma culpa. Sofre muito e só a senhora a curará.

— Eu?

— Sim. Pedi que contasse tudo à senhora. Prometeu que contaria o segrêdo. Veja se pode vencer essa fôrça que ela tem para esconder a verdade em tôrno de alguma coisa. Vencido isso, tudo se normalizará. Depois, uns dias numa casa de saúde, no campo, e ela será sadia e feliz outra vez.

Paulo levava o médico até a porta, enquanto dona Luíza entrava no quarto. Maria de Lourdes sempre mais estranha. A luz mortiça da lâmpada espalhava alguma coisa de misterioso, de triste. A voz de Maria de Lourdes fugiu dos lábios como um gemido:

— Mãe, vem cá...

Dona Luiza sentou-se junto do travesseiro e beijou Maria de Lourdes.

— Que é, filha?

— Mãe, estás tão linda... pareces uma flor do outono; êsses cabelos grisalhos e êsses olhos doces...

Maria de Lourdes falava aos borbotões e dona Luiza chorava.

— Podias ter sido feliz, mãe. Antes de morrer quero te contar tudo...

— Bobagem de morrer. Isso não acontecerá, mas quero muito que me contes tudo. Quem te magoou? O Paulo?

— Não...

— Não ficaste feliz com o nenem?

— Não, não é isso.

— Algum segrêdo?

— Sim. Um segrêdo.

— Que é?

As palavras pareciam que caíam no eco e se reproduziam milhares de vêzes na cabeça de Maria de Lourdes. E, como quem confessa um crime, fala medrosa:

— Remorso.

— Remorso? Tolice, querida. Você nunca fez mal algum, que história de remorso é essa?

— Remorso, sim. Aquilo do dr. Sampaio foi uma grande mentira. Eu não sabia como te afastar dele e por isso disse aquilo. Só depois que comecei a ser muito feliz com o amor de Paulo foi que pude calcular o que tinha feito. Comecei a sofrer e agora não podia morrer sem dizer tudo. Êle foi sempre o pai, nada mais, não é? Por que tinha raiva dele não compreendo agora. Hoje te vejo aqui ainda tão jovem nos teus quarenta anos, tão linda, nessa irremediável solidão, e quero te pedir... procura o dr. Sampaio e pede perdão por mim...

Tudo se passou como um sonho. Dona Luiza dormiu junto de Maria de Lourdes enquanto ela contava as tábuas do teto e via nos reflexos vindos da luz da rua que se espalhavam na parede, as mais extravagantes personagens que a sua imaginação compunha.

★

A manhã já mandava a sua escandalosa luz para dentro do quarto. Dona Luiza abriu a janela e nunca lhe pareceu que a noite fôra tão curta. Lá fora Lola estendia as fraldas do nenem e a voz de Paulo entrava também pelo quarto.

— Tudo pronto. A casa de saúde tratada e os lugares tomados para o trem das cinco.

Dona Luiza foi ao telefone e como se demorou!...

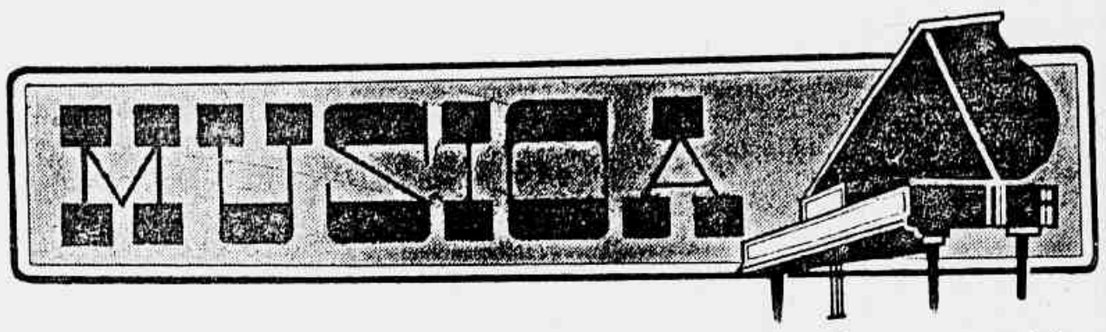
À tarde foram à estação levar Maria de Lourdes e Paulo. Quando a cabeça de Paulo desapareceu lá longe na janela do trem, dona Luiza sentiu umas mãos firmes taparem os seus olhos, por detrás dela.

— E' Carlos? E' Afonso? Ah! já sei. E' o Júlio da tia Lúcia.

E uma voz que ela amava outra vez, como antes, quando uma dúvida havia destruído tudo, beijou-lhe o ouvido:

— E' teu marido!

Dona Luiza chorava e ria ao mesmo tempo. Enquanto limpava as lágrimas, sentia outra vez a doçura de ser amada, de ser colhida como uma deliciosa flor do outono.



UNIÃO DAS OPERÁRIAS DE JESUS ★ MAIS UM TRIUNFO ★ DRAMA, TEMPERAMENTO E COREOGRAFIA ★ CHOPIN, DE FALLA E ROSSINI

De **ROBERTO LYRA FILHO**

(Especial para a **"REVISTA DA SEMANA"**)

A obra realizada pela União das Operárias de Jesus tem merecido os louvores de quantos tiveram oportunidade de observar o tratamento dispensado às crianças confiadas aos cuidados vigilantes e à assistência solícita dessa instituição. Não se trata de um asilo vulgar, onde se dê teto e pão, de má vontade, mas um lar onde a criança encontra simpatia, compreensão, carinho. A preocupação constante dos que dirigem a União das Operárias de Jesus, como dos que colaboram com essa magnífica organização, é cercar as crianças que ali vivem das condições indispensáveis para que cresçam, desenvolvam as tendências naturais de seu temperamento, dentro de uma disciplina temperada pelo amor. Não foi outra a origem do corpo de baile, entregue à direção de um coreógrafo talhado para a tarefa a que se dedicou Vaslav Veltchek. A vocação das crianças é rigorosamente respeitada e, na medida do possível e até à custa de esforços e milagres de devotamento, são proporcionados à cada um os elementos indispensáveis para que desenvolva os seus dons naturais — professores, estímulo, compreensão.

Êsse grupo de crianças que tomou o caminho árduo da arte é o mais conhecido da União das Operárias de Jesus. No estrangeiro, numa "tournée" vitoriosa, conquistou os públicos de mais de um país pela graça, pela pureza com que interpretaram, em amostras preciosas de seu talento precoce, as mais variadas obras, cuidadosamente selecionadas por Veltchek e meticulosamente estudadas e preparadas pelo coreógrafo, a fim de favorecer as qualidades de cada um, o temperamento de cada pequeno solista.

DRAMA, TEMPERAMENTO E COREOGRAFIA

Já assinalamos, em outra ocasião, o gôsto e a sensibilidade do coreógrafo que soube apelar para a imaginação e a intuição dramática de seus alunos, conseguindo resultados animadores. A intensa emoção com que os pequenos bailarinos encarnam os papéis que lhes são distribuídos, a capacidade de identificação com os personagens, que permite o equilíbrio e a harmonia da composição de cada bailado, são cultivadas, tanto quanto a simples técnica, o adestramento. São realmente, inesquecíveis os momentos dramáticos de Uirapuru, quando a indiazinha triste chora a morte do pássaro belíssimo, assim como, no programa de estréia desta nova série de espetáculos do mesmo corpo de baile impressiona e comove a história da pequena espanhola, cuja realização plástica, orientada por Veltchek, é qualquer coisa de extraordinário. Não há uma procura deliberada do pitoresco, do típico. A música de De Falla, compreendeu-o muito bem o coreógrafo, não comporta isso. E' preciso que a dança popular, os gestos dos personagens identifiquem o ambiente espanhol sem o ar exótico da apresentação convencional da Espanha. A história, simples e humana, mistura superstição e amor, em momentos como o encontro dos namorados, realçado pela forma coreográfica, o lirismo da música; ou, como na Dança Ritual do Fogo, nos gestos de fantasmagoria, que correspondem às vivas sugestões da partitura.

Um grupo de pequenas bailarinas do Conjunto da União das Operárias de Jesus

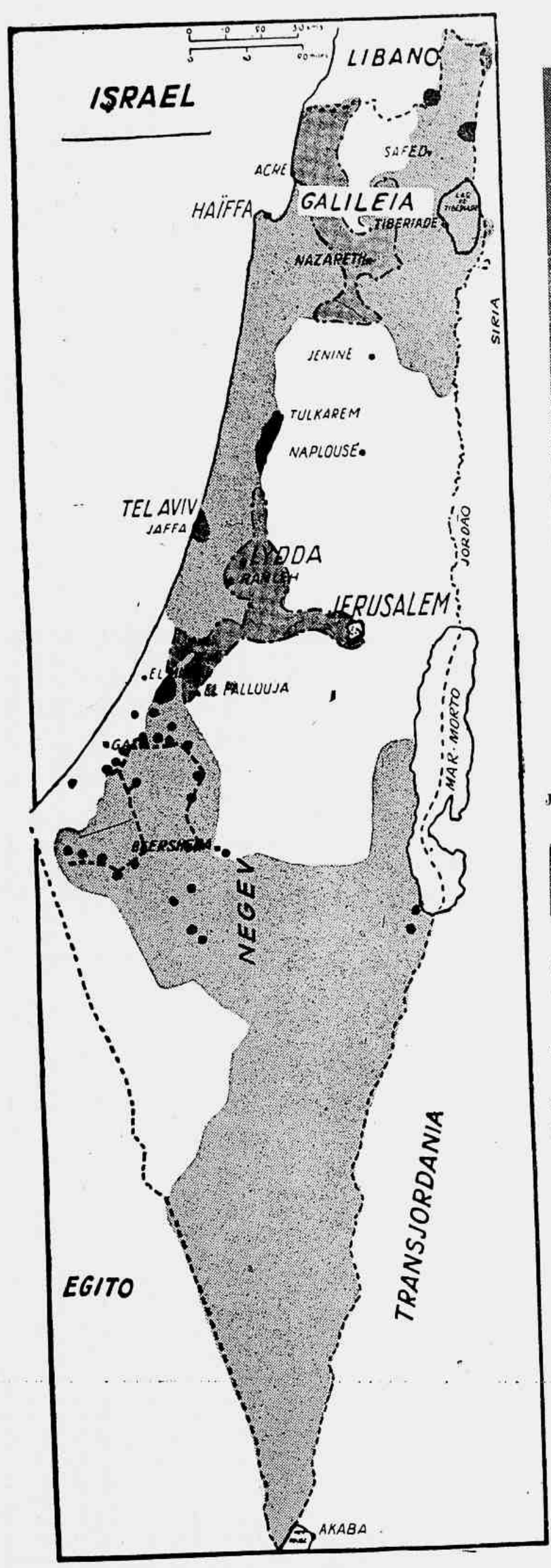
MAIS UMA VEZ CHOPIN

Não sei se foi proposital o início da noite de arte com a série de danças de Chopin, que o público já assistira na interpretação do conjunto da União das Operárias de Jesus. De qualquer forma, ofereceu-nos, ali, o programa uma oportunidade para julgar do progresso dos pequenos bailarinos. Todos progrediram. A feição clássica da coreografia destaca os avanços da técnica que vão desenvolvendo, a segurança sempre crescente.

Encerrando o espetáculo, Rossini. A graça e a leveza da música ofereceram sugestões magníficas ao coreógrafo, que pôs em cena, uma série encantadora de episódios, aventuras cômicas. O entusiasmo, a graça e a vivacidade da interpretação corresponderam à concepção de Veltchek, entusiasmando o público.

RUMO A NOVOS SUCESSOS

A União das Operárias de Jesus tem proporcionado, assim, ao público espetáculos de rara beleza. Essa obra de benemerência, amparando jovens desassistidos, dá-lhes através da arte, como no caso do "ballet", ou da ciência, como em outros grupos de pequenos membros da família feliz, uma infância alegre, tão necessária para a formação de homens e mulheres sadios. Merece a União das Operárias de Jesus não sòmente o nosso aplauso como a colaboração de cada um para que possa manter e ampliar os serviços desinteressados que vem prestando.



Judeus e árabes em conferência conjunta pela primeira vez, em virtude da união dos dois Partidos Comunistas

POR QUE AINDA SE LUTA NA PALESTINA

SE bem que apenas em esboços, êstes dois mapas comparados entre si, são suficientes para explicar por que motivo a sugestão Bernadotte não poderia ser aceita pelo Estado de Israel como base de discussão.

As modificações territoriais propostas no informe do mediador significa uma distribuição de territorio dando tôda equidade entre Israel e os Estados árabes vizinhos. Êstes arranjos retiraram a Israel mais de dois terços de seu território, privariam-no das únicas reservas de terras disponíveis para seu desenvolvimento, destruiriam tôdas as suas perspectivas de utilização científica dos recursos naturais do Negev e impediriam o progresso e o desenvolvimento de Israel por várias gerações.

O beneficiário dessas trocas — que seria, segundo o plano, um estado da Transjordânia aumentado — se tornaria, pois, em face do arranjo proposto, de posse de um território dezenove vêzes maior do que o Estado de Israel.

O território determinado em acôrdo por Mandato para a Palestina, foi delineado, a primeira vez, em 1922. As três quartas partes do país, cêrca de 90 mil quilômetros quadrados, foram sujeitas, pelas disposições principais do Mandato, para constituir pelo que se conhece hoje com o nome de Transjordânia. O território da Palestina que continuava aberto à colonização judia ficou assim reduzido a uns 26 mil quilômetros quadrados, mais ou menos.

A segunda divisão da Palestina aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas a 29 de novembro de 1947, concedeu ao Estado Judaico, cêrca de 14.700 quilômetros quadrados, dos quais, mais de 9.800, estão situados no Negev, a região não desenvolvida ainda do sul da Palestina.

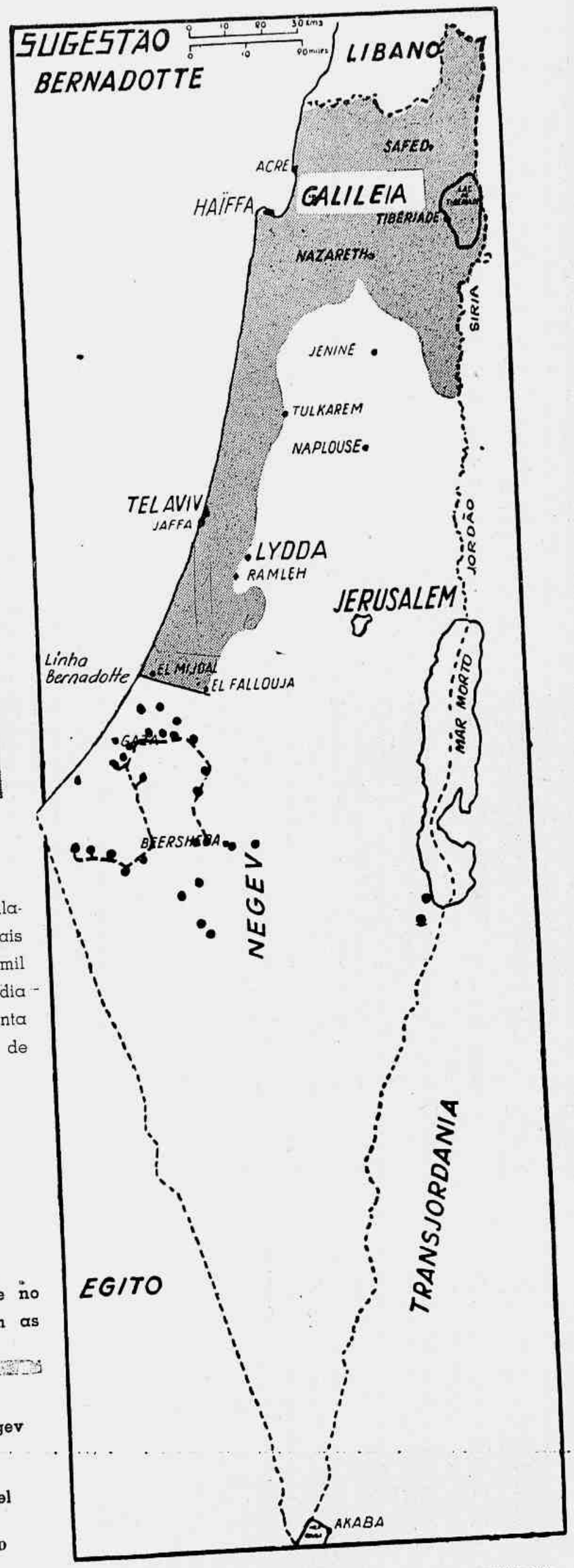
Propõe agora o informe do mediador, não um ajuste da situação, mas um plano de outra divisão territorial completamente novo. Seria concedida a Israel a Galiléia ocidental, da qual ocupa e controla agora a maior parte, porém perderia não sòmente a totalidade do Negev, como ainda parte do sul da Judéia. O resultado final seria a redução do território de Israel a uns 5.650 quilô-

Durante ligeira trégua na linha de frente, soldados judeus fazem fila para receber a "boia"

Rendição dos habitantes de Bersheba, às fôrças judaicas, significando a mais recente vitória de Israel

metros quadrados, mais ou menos. Por sua parte, e de acôrdo com o plano, a Transjordânia se veria acrescida com tôdas as partes árabes da Palestina, bem como com o Neguev, e sua extensão territorial chegaria por êste modo a ser de uns 110 mil quilômetros quadrados, mais ou menos.

O caráter chocante desta divisão territorial se faz ainda mais evidente se se tomar em consideração que a população atual da Transjordânia é de 350.000 pessoas mais ou menos, (à qual viria ajuntar-se de 600 a 700 mil árabes da Palestina árabe), enquanto a população judia de Israel ascende a cêrca de 800 mil habitantes e aumenta constantemente pela imigração dos judeus em busca de sua pátria.



★

CONVENÇÕES

EM GRISE'
Território designado para o Estado de Israel por decisão da Assembléia Geral das Nações Unidas a 29-11-1948

EM PONTO
Território ocupado por Israel em sua luta contra a agressão dos Estados Árabes

EM PRETO
Território do Estado de Israel ocupado pelos exércitos árabes

EM PONTOS PRETOS
Colônias judaicas estabelecidas em Negev, vendo-se no ponto à beira do Mar Morto, o lugar que ocupam as Usinas Meridionais da Palestina Potash Co.

LINHA INTERROMPIDA
Canalização que leva água às colônias de Negev

PONTILHADO
Parte moderna de Jerusalém, ocupada por Israel

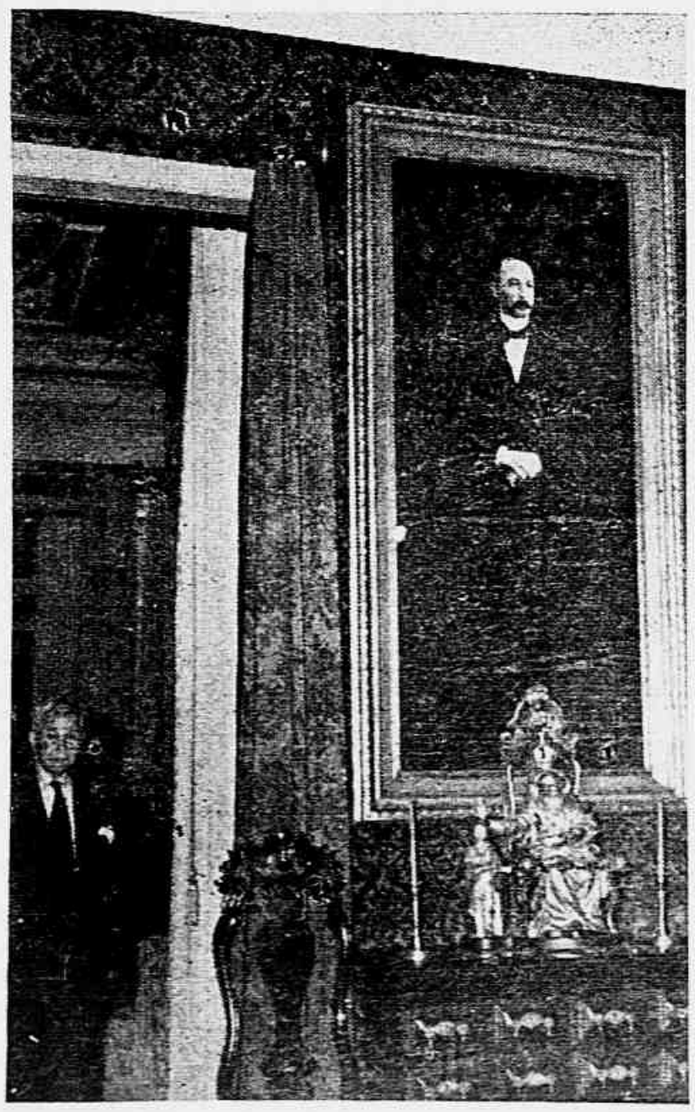
Manejando seus fuzis e metralhadoras, soldados do exército israelita prontos para atacar o inimigo

Vista da rua Joaquim Murtinho, em Santa Teresa, nesta capital, onde está situado o palacete que foi a residência da grande ministro republicano

JOAQUIM MURTINHO

(Continuação da pág. 7)

tia que se matassem ratos caídos nas ratoeiras. Mandava que os soltassem no mato. Isto, para evitar que seus gatos os comessem. E, na Quinta de Quissaman, espa-



Admirado por cientistas, escritores e demais artistas, o ministro da Viação e Obras Públicas do quatriênio Prudente de Morais, posou para a posteridade. Esse trabalho é uma das recordações do grande senador e famoso financista

lhavam-se as vasilhas com sardinhas, para que os bichanos se alimentassem.

A cada cachorro que entrasse para um de seus canis, Joaquim Murtinho dava um nome. Certa ocasião, regressando do alfaiate, onde fôra experimentar um terno, encontrou uma cadela com três filhotes. Desejando dar-lhes nomes, não titubeou. Cognominou-os de calça, colete e paletó.

Também com referência às plantas, êle se mostrava de uma dedicação a tôda prova, desgostando-se quando alguém arrancava uma flôr. Sua opinião era de que as flôres devem ser vistas na própria árvore. Tanto assim, que não permitia que bulissem nas plantas de sua Quinta, a qual êle encontrara completamente desarborizada.

Outro ponto importantíssimo de seu caráter, refere-se ao sentido filantrópico de que era dotado. Nunca se tornou um esmoler, tudo fazendo para que o beneficiado se julgasse vencedor por causa própria e não pelo auxílio que lhe fôra prestado. Muitos dos que hoje ostentam posições definidas, devem ao apoio moral e financeiro que lhes foi prestado por êsse homem de valor, cujo centenário se comemora êste ano. Amparou artistas, auxiliou escritores, contribuiu para o preparo de cientistas e prestou a máxima assistência à própia família, tudo fazendo para que nada lhe faltasse.

Ao cerrar os olhos, Joaquim Murtinho não deixou rendas. Tudo quanto lhe fôra dado ganhar, consumira em sua manutenção e daqueles que careciam de seu auxílio. Deixou, isto sim, setenta e cinco cães, os quais ficaram sob a guarda de seu irmão Francisco. Deixou, ainda, o nome na história de nossa evolução econômica. E' que sempre teve por princípio que o "Estado não traz a felicidade. Êle proporciona o clima de liberdade dentro da ordem, onde cada um tirará os proventos de acôrdo com o talento de que é possuidor".

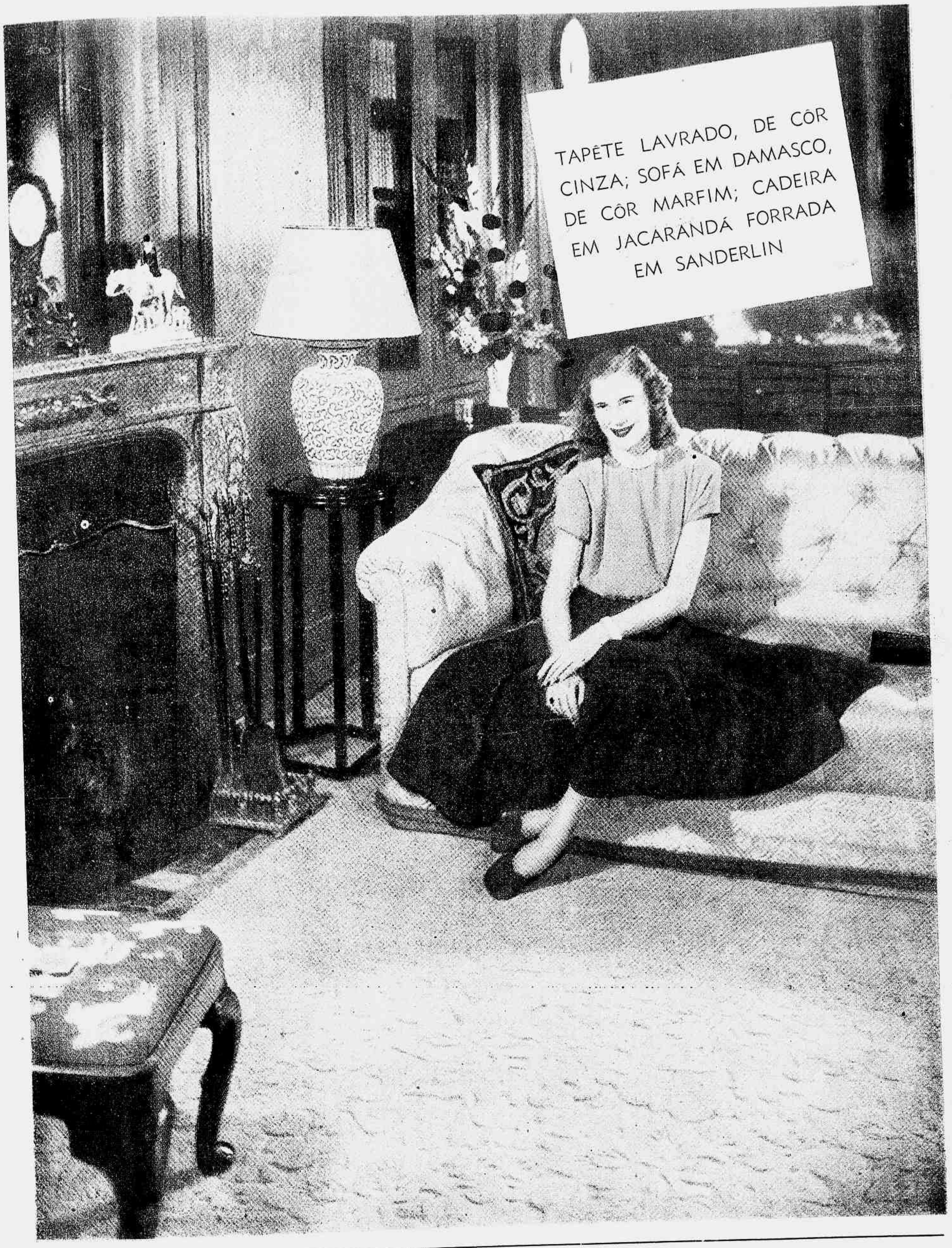
HÁBITOS E COSTUMES

O ministro de Campos Sales nunca foi um fumante inveterado. Limitava-se a fumar dois charutos "Comercial" e quatro cigarros. Mas, enquanto apreciava a delícia de um charuto, entregava-se à leitura dos clássicos. Lia muito Victor Hugo. Nas letras nacionais, seu escritor preferido era Fagundes Varela, do qual conhecia de cor as poesias, declamando-as para os amigos ou mesmo em reuniões íntimas. Gostava de ler alto, sendo que muitas vêzes, ao concluir uma narrativa, seus íntimos verificavam tratar-se de obra inglêsa, por êle traduzida com a maior facilidade durante a leitura feita.

Outro hábito curioso dessa importante figura de nossa política era a predileção pelas côres claras. Quando em casa, trajava um pijamas de listas, feito sob medida. Porém, seu traje habitual, era calça listada, fraque, colarinho duro para esconder as pulsações da aorta e chapéu de lebre.

Joaquim Duarte Murtinho, tôdas as sextas-feiras, dava uma reunião em casa, da qual participavam Bernardino de Campos, Almirante Jaceguai que, já cego, ia acompanhado dos filhos, Nilo Peçanha, Elízio Firmo Martins, musicista Roberto Gomes, comendador Odorico José da Chave, que foi chefe de seu gabinete no Ministério da Fazenda, jornalista João Chaves, Casimiro de Menezes, Antônio Lage, Eugênio de Almeida e Silva e Oscar Guanabarino. Nessas reuniões, Bernardino de Campos sentava-se à cabeceira da mesa, honra jamais concedida a outra qualquer pessoa. Elízio Firmo Martins era seu discípulo dileto, a quem êle dedicava invulgar admiração. Também Roberto Gomes, pelo seu talento musical, mereceu o apréço de Joaquim Murtinho. Por sinal que, quando da morte do respeitável financista e homeopata, êsse moço escreveu um sentido e completo artigo a seu respeito.

Com sessenta e três anos de idade, no dia em que a Nação festejava o "auri-verde pendão de nossa terra", Joaquim Duarte Murtinho cerrou para sempre os olhos, legando-nos a grandeza de seu caráter, a dedicação e o zêlo pelas coisas públicas e o amor pela terra que lhe serviu de berço. Grande entre os grandes, foi uma figura das mais brilhantes do parlamento brasileiro, a ponto de se tornar um grande nome nacional!



Mobiliários e Decorações

orçamentos e sugestões por decoradores especializados

UM MUNDO DE TAPETES

persas, indianos, francêses, inglêses, portuguêses e nacionais... a preços do outro mundo!

FUNDADA EM 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Satisfação para quem fuma

É um cigarro para homens... e um cigarro que as senhoras aceitam sempre com satisfação. Mistura das mais felizes, HOLLYWOOD é um distintivo de bom gôsto e paladar apurado.

CIGARROS **Hollywood**

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASSE

COMPANHIA DE CIGARROS *Souza Cruz*